



SÉRIE  
ESPADA DO  
ESPÍRITO

# O GOVERNO DE DEUS

DESFROTANDO O REINO DE DEUS AGORA

COLIN DYE

*O Governo de Deus*

## **Série a Espada do Espírito**

- 01 *Oração Eficaz*
- 02 *Conhecendo o Espírito*
- 03 *O Governo de Deus*
- 04 *A Fé Viva*
- 05 *Glória na Igreja*
- 06 *Ministério no Espírito*
- 07 *Conhecendo o Pai*
- 08 *Alcançando o Perdido*
- 09 *Ouvindo a Deus*
- 10 *Conhecendo o Filho*
- 11 *Salvação pela Graça*
- 12 *Adoração em Espírito e em Verdade*

**[www.swordofthespirit.co.uk](http://www.swordofthespirit.co.uk)**

Copyright © 2007, 1997 by Colin Dye  
Segunda edição  
Kensington Temple  
KT Summit House  
100 Hanger Lane  
London, W5 1EZ

Todos os direitos reservados. Nenhuma parte desta publicação pode ser reproduzida, armazenada em sistemas de recuperação de informação ou transmitida, em nenhuma forma, ou por meio eletrônico, mecânico, fotocópia, gravação, ou de outras maneiras, sem o consentimento prévio do autor.

As citações bíblicas são – salvo indicação em contrário – da Bíblia Almeida Revista e Atualizada – 2ª. edição – Sociedade Bíblica do Brasil.

Coordenação geral: Print International Brasil Editora Ltda.  
Supervisor de tradução: João Guimarães  
Tradução: Vera Jordan  
Revisão: Edna Batista Guimarães  
Diagramação: Rafael Alvares - [alvaresdesign.com.br](http://alvaresdesign.com.br)

Espada do Espírito

# O Governo de Deus



Colin Dye



# Sumário

<b>Introdução</b>		<b>7</b>
01	<i>O Reino</i>	11
02	<i>O chamado do Reino</i>	27
03	<i>As atitudes do Reino</i>	49
04	<i>O mundo e o Reino</i>	73
05	<i>Justiça no Reino</i>	85
06	<i>A vida espiritual no Reino</i>	95
07	<i>Vida física no Reino</i>	111
08	<i>Juízo no Reino</i>	123
09	<i>A realidade do Reino</i>	135



## Introdução

É de crucial importância que você entenda o título deste livro como parte da série *Espada do Espírito* – da maneira correta. O título é “O Governo de Deus” e não “Governos de Deus” – esta simples letra “s” faz uma enorme diferença.

O período compreendido entre o entregar “a Lei” para Moisés no monte Sinai até a volta de Cristo foi o período das leis de Deus. Naquele tempo, por causa do pecado e da desobediência, os filhos de Deus não puderam conhecer a Deus íntima e pessoalmente. Desta forma, os sacerdotes atuaram como mediadores entre o povo e Deus, os profetas transmitiram a Palavra de Deus, os juízes e reis governaram o povo, e a “Lei” governava a todos.

Pessoas que amavam a Deus, e desejavam agradá-Lo, tinham de cumprir todos os Seus mandamentos – a totalidade das regras dadas por Moisés e escritas em Êxodo, Levítico e Deuteronômio. Somente por intermédio do cumprir todas essas regras é que as pessoas poderiam conhecer a Deus e serem aceitas por Ele.

Mas o período das “Leis de Deus” terminou com a chegada do “Reino de Deus” em Cristo. Por causa da perfeita obediência de Cristo e Sua morte sacrificial, todas as pessoas podem, agora, conhecer a Cristo pessoal e intimamente. O Grande Sumo sacerdote atuou, de uma vez por todas, como mediador para que todos nós pudéssemos nos aproximar de Deus por nós mesmos. O Grande Profeta veio como a Palavra de Deus encarnada para que possamos saber exatamente como Deus é, possamos conhecê-Lo por nós mesmos, e ouvi-Lo falar pessoalmente a cada um de nós. O Juiz de toda a terra, o Rei dos reis, pessoalmente governa o Seu povo com graça e misericórdia. Ele mesmo reina supremo sobre todas as pessoas que se submetem a Sua autoridade.



Veremos que o Novo Testamento torna claro que a vinda de Cristo no livra da “Lei”. Nós somos, agora, chamados para sermos governados pelo nosso gracioso e misericordioso Deus, em vez de sermos governados por um conjunto de regras. Em resumo, significa que nós vivemos no Espírito Santo e pelo Espírito Santo seguimos Sua direção em nossas vidas e não as regras ou prescrições religiosas, ou leis morais.

Como é triste, portanto, quando alguns líderes cristãos tentam levar o povo de Deus de volta ao legalismo, forçando fiéis a viver segundo as regras do Antigo Testamento (ou ainda, cumprindo uma pequena parte delas), e continuamente introduzem preceitos humanos e regras para dentro da Igreja.

O coração do ensinamento de Jesus sobre a vida no Reino de Deus se encontra no Evangelho de Mateus, capítulos de 5 a 7, o qual tem sido chamado pelos professores da Bíblia de “Sermão do Monte”. Conforme passamos por esse sermão, podemos perceber em detalhes como Jesus apresenta um estilo de vida dinâmico vivenciado em Sua presença por intermédio do poder do Santo Espírito. Entendemos o que esse estilo de vida significa, pela prática da rendição ao amável governo de Deus, por um viver que Jesus tornou possível e apropriado para nós.

Este livro é voltado essencialmente para aqueles fiéis que colocarão suas próprias ideias de lado acerca do Reino de Deus, e vão estudar a Palavra de Deus para, por eles mesmos, descobrir a revelação de Deus para a vida. A fim de extrair o máximo deste livro, leia cada referência bíblica por completo. Antes de ir para uma nova seção, pense cuidadosamente nas implicações do que estudou, para você mesmo, e para as pessoas ao seu redor. Permita que Deus fale a você enquanto estuda Sua Palavra.

Há um material adicional para facilitar seu aprendizado, que pode ser encontrado no *Livro do Aluno* da Série *Espada do Espírito* e no site [www.swordofthespirit.co.uk](http://www.swordofthespirit.co.uk). No *Livro do Aluno* há um guia de estudo complementar para cada capítulo, acompanhado de *Questões para Discussão* e alguns *Questionários Rápidos*. Depois de se inscrever para este módulo no site, você poderá acessar mais questionários e testes. Ainda há uma *Webtool*

(o livro texto com *links* que remetem às referências bíblicas), um extenso material de ensino em áudio e vídeo. Utilizar este material adicional o ajudará a examinar com atenção, reter e aplicar o conhecimento que você aprender neste livro.

Você também poderá estudar o *Livro do Aluno* com pequenos grupos. Você poderá selecionar, em oração, partes que achar mais relevantes para o seu grupo. Isto quer dizer que em alguns encontros você pode utilizar todo o material, e em outros encontros, somente uma pequena parte. Fique à vontade para usar o seu bom senso e sua sensibilidade espiritual. Sinta-se livre para fotocopiar estas páginas e distribuí-las para qualquer grupo que você lidere.

É minha oração que, por meio do estudo deste livro, você compreenda o Reino de Deus mais claramente, adentre em Seu reino mais profundamente, e conscientemente se submeta a Ele e seja dirigido por Ele em cada área de sua vida. Oro para que você viva como quem tenha sido libertado das regras e tenha sido colocado sob o pessoal governo e reino do Rei dos reis.

Colin Dye



## Parte Um

# O Reino

O Reino de Deus – ou Reino dos Céus – é o principal tema de Jesus. Ele ensina a respeito do reino muito mais do que qualquer tópico. O Evangelho de Mateus – o qual é direcionado a leitores judeus – denomina “o Reino dos Céus”, enquanto que Marcos e Lucas utilizam o termo “Reino de Deus”.

Mateus, muito provavelmente, utiliza “Reino dos Céus” porque os judeus evitam utilizar o nome de Deus, e não queria ofender seus leitores. Mas as duas expressões se referem à mesma realidade – como pode ser visto comparando-se Mateus 5:3 com Lucas 6:20.

### **Que é o reino?**

A palavra grega para reino, *basileia*, é derivada de *basileus* – que significa “rei”. *Basileia* significa “soberania”, “poder”, “domínio”, “autoridade real” – a atividade de governar. Não se refere ao país, ou às pessoas governadas por um rei.

Quando nós pensamos sobre “reino” na língua portuguesa, atualmente, tendemos a entender como se fosse um país, ou nação. Mas *Basileia* significa “Reino de Deus”, em vez de “um aspecto específico de Deus”. Ela descreve uma atividade de Deus, e não de uma nação, ou lugar. Ela tira o foco de nossa atenção em nós mesmos, e o coloca em direção a Ele. Com o intuito de demonstrar essa verdade importante e evitar qualquer má compreensão, este livro é chamado “O Governo de Deus”, em vez de “Reino de Deus”.

Esta distinção é crucial quando se considera o tipo de relacionamento que nós temos com Deus e como Seu governo vem à terra. Todas as vezes que as pessoas tentam construir o Reino de Deus na terra por intermédio de regras religiosas e leis, ou estruturas políticas, elas se afastam do propósito divino. Jesus disse, em Lucas 17:20-21, que o reino não vem com “visível aparência”. Não tem nada a ver com sistemas terrenos nacionais, geográficos, políticos, ou socioeconômicos. Porém, o “reino” é um governo espiritual no coração do Seu povo.

O uso de “reino” como governo é visto em passagens do Antigo Testamento como nos Salmos 22:28; 103:19; 145:8-13 e Daniel 4:25. Elas descrevem o Reino de Deus em termos que enfatizam o modo gracioso pelo qual Ele reina. A ideia de governo é especialmente clara no Novo Testamento em Mateus 6:10; Lucas 11:2 e 19:11-15, no qual a vinda do reino é ligada com o fazer a vontade de Deus.

### **O contexto judeu**

Ainda que as Escrituras judaicas nunca mencionem precisamente o termo “Reino de Deus”, a ideia permeia a compreensão do Antigo Testamento. Deus é com frequência retratado como rei de Israel – por exemplo, em Êxodo 15:18; Deuteronômio 33:5; 1Samuel 12:12 e Isaías 43:15 – e como rei de todos os homens – em Jeremias 46:18. Seu reino, ou reinado é referido em Deuteronômio 4:3; 1Crônicas 29:11 e Obadias 1:21.

Ainda mais, o conceito de governo de Deus não é somente evidente nas passagens com atributos explicitamente reais – esse conceito é fundamental para todo o Antigo Testamento. A Aliança dada no monte Sinai, por intermédio de Moisés, por exemplo, afirma a autoridade, a realeza e o governo de Deus sobre o Seu povo. Deus é soberano e Ele reina.

Há um sentido no qual o Reino de Deus, ou governo, é tanto presente quanto futuro no Antigo Testamento. Deus é apresentado como o governante atual e principal de homens e mulheres, mas – em passagens como Isaías 24:23 – os profetas tam-

bém olharam para um tempo à frente, quando seria evidente que Deus visivelmente reinaria sobre o Seu povo.

Nos tempos de Jesus, havia uma esperança corrente e expectativa em meio aos judeus de que Deus interviria decisivamente libertando-os de seus inimigos e restaurando suas fortunas. Eles acreditavam que o Messias – outro Davi – viria e prepararia o caminho para o reino, ou governo visível de Deus em meio a eles.

Alguns judeus esperavam outro líder que seria um governador terreno ainda maior do que o rei Davi. Outros procuravam um reino celestial e a aparição do “Filho do Homem” como predito em Daniel 7. A maioria das pessoas provavelmente não tinha uma ideia clara de como o reino seria: eles simplesmente esperaram e acreditaram que em breve estaria presente.

Às vezes, as pessoas comparam o conceito de reino no Antigo e Novo Testamentos. No Novo Testamento, e em particular no conceito de Cristo sobre o reino, ainda há certa continuidade das ideias veterotestamentárias, a natureza do reino é mais e mais plenamente revelada e explicitada. Por exemplo – como haveremos de observar mais adiante – nós descobrimos que o alcance do reino é universal, ao invés de limitado a Israel, e que sua inauguração decisiva está intimamente conectada com a Pessoa e o ministério de Jesus.

### **O anúncio de João**

Mateus 3:2 registra o anúncio de João Batista que o Reino de Deus estava próximo. É difícil para nós percebermos quão impactante esse anúncio deve ter sido naquela época. A mensagem de João teve uma significância tremenda, tendo em vista que os judeus esperavam que a vinda do Reino de Deus fosse o ponto de mudança da História. Eles estavam certos. Realmente foi. Mas o reino não assumiu a forma que eles esperavam.

Os guias judeus religiosos estavam certos em crer que a chegada do reino significava que Deus não reinaria mais a distância. Mas eles falharam em considerar que Ele não continuaria

a governar por meio de uma série de regras – por intermédio da Lei. Ao invés disto, o fato de Deus vir pessoalmente estabelecer Seu reino demonstra que agora Ele reina pessoalmente – através do Filho e do Espírito.

Eles também estavam corretos em sua crença que o reino arruinaria seus inimigos, mas – tristemente – eles erraram em perceber o seu real inimigo. Eles também estavam certos em crer que o reino alcançaria toda a terra. Contudo, eles estavam errados em pensar que isto aconteceria imediatamente pela força. Em Cristo, Deus não veio impor Suas leis para todas as pessoas, apenas governa aqueles que voluntariamente aceitam Seu reino.

Mateus 3:1-12 e Lucas 3:7-20 revelam como João Batista pregava a vinda do reino, ou como o governo de Deus:

- Significaria separação e purificação para toda a humanidade
- Traria uma mudança moral que não poderia ser ignorada
- Estaria conectado com a atividade de Jesus
- Significaria que as pessoas teriam de se arrepender e serem batizadas

## **O reino presente**

Jesus começou Seu ministério anunciando em Marcos 1:14,15 que o tempo havia chegado e o Reino de Deus estava próximo. Isto deveria significar que alguns grandes eventos estavam prestes a acontecer. Em Mateus 12:28 e Lucas 11:20, Jesus repete Sua afirmação de que o reino havia chegado e evidencia isto pela expulsão de demônios. Essa autoridade sobre os espíritos malignos mostra tanto que o reino dos céus havia irrompido no governo do maligno, quanto também que o verdadeiro rei governa mais efetivamente.

Quando Jesus envia os 72 discípulos para pregar, em Lucas 10:1-20, eles anunciaram a chegada do reino; como resultado, “Satanás sentiu como que um relâmpago do céu”. Toda a atividade miraculosa de Jesus prova que o reino chegou.

Quando João Batista começou a duvidar se Jesus era o que

tinha sido enviado para anunciar, ele enviou seus discípulos para procurarem pela resposta. Mateus 11:2-5 e Lucas 7:18-23 descrevem o que os convenceu de que Jesus era Aquele que inauguraria o reino.

Jesus não somente prometeu milagres no futuro e perdão no dia do julgamento, Ele também os ofereceu ambos no presente – por intermédio de Si mesmo. O reino chegou com e por Jesus. Na qualidade de Messias por longo tempo aguardado, Jesus é o centro de tudo que os Evangelhos anunciam sobre o reino, e o reino é o centro de tudo o que Jesus ensina.

- Ele é apresentado como o amado Filho de Deus no Seu batismo – Mateus 3:17.
- Ele é apresentado como o amado Filho de Deus em Sua transfiguração – Mateus 17:5.
- Ele está cheio do Espírito de Deus – Mateus 3:16.
- Ele está investido com autoridade divina plena – Mateus 21:27.
- As Escrituras são cumpridas ou completadas em Sua chegada – Lucas 4:21 e Mateus 5:17.
- Ele veio anunciar o reino, ou o governo de Deus – Marcos 1:38.
- Ele veio buscar e salvar os perdidos – Lucas 19:10.
- Ele veio servir outros e dar Sua vida como resgate de muitos – Marcos 10:45.
- O segredo de se pertencer ao reino, ou ao governo de Deus, reside em pertencer a Ele – Mateus 7:23 e 25:41.

Ao ensinar que o reino havia chegado, vindo, iniciado, estava em meio às pessoas e era uma realidade presente, Jesus também ensinou – em Mateus 11:11,12; Lucas 7:28 e 16:16 – que uma violência estava associada à chegada do reino.

Isto não significa que o reino estava se estabelecendo pela violência física. Ao invés disto, Jesus estava evidenciando a hostilidade do mundo em relação ao reino. João já tinha sofrido e sido aprisionado, e Jesus estava avisando aqueles que aceitariam Seu governo que eles deveriam esperar por hostilidade – não somente no futuro, mas também no presente.



## O reino futuro

Tanto quanto ensinou que o reino havia chegado, Jesus também ensinou que o reino não “havia chegado ainda”. Por exemplo, em Mateus 5:1-10, muitos benefícios do reino serão firmados no futuro. Ainda que o “bem-aventurado” já possua o reino, há algo ainda para vir no futuro – conforto, herança, misericórdia e muito mais.

A oração de Jesus em Mateus 6:10 está também presente tanto no presente, quanto no futuro. Se o reino tivesse chegado plenamente, nós não precisaríamos orar para que ele viesse. Em Mateus 7:21,22, Jesus se refere a um dia futuro de acerto de contas quando Ele está falando sobre entrar no reino. De igual forma em Mateus 8:11 e Lucas 13:28,29. Ao longo do ministério de Jesus, Ele vislumbrava o dia em que o reino haveria de vir. Podemos perceber isso em Mateus 13:42,43; 16:27,28; 20:21; 26:29; Marcos 9:1; 10:37; 14:25 e Lucas 22:18.

Ao estudarmos e examinarmos o governo de Deus, nós temos sempre que manter estes dois elementos em mente. O reino é tanto “já”, quanto “ainda não”. Nós podemos experimentar o governo de Deus agora, mas também podemos olhar para a frente compreendendo isso no futuro. Há muito para nós, agora, mas ainda há mais por vir.

Isto significa que deveríamos trabalhar para estabelecer o Reino de Deus agora, e ainda assim, deveríamos trabalhar sabendo que o reino não será plenamente estabelecido até um tempo futuro determinado. Muitos fiéis se concentram, ou no presente, ou no futuro. Alguns estão preocupados em servir a Deus na terra, ainda que com falta de esperança e alegria que vem do mirar o reino vindouro. Outros estão tão preocupados com o “dia final” que não estabelecem o reino em torno de si, na terra. Uma boa compreensão e aplicação do reino englobam tanto o presente quanto o futuro – como Cristo o fez.

## Aspectos do reino

Se quisermos compreender o reino corretamente, temos de considerar cinco aspectos principais:

Ele pertence a Deus

É o Reino *de Deus*. É uma atividade soberana contínua de Deus. Ele está no comando. Ele governa sozinho. Não é democrático! Não é um convite para boas obras ou ação social. O próprio Deus tem atuado na História e requer o máximo de autonegação de todos os homens e mulheres. Isto está refletido no salmo 22:28, que diz que o reino pertence ao Senhor.

É dinâmico e poderoso

Nada que tenha a ver com Deus pode ser fraco, ou ineficaz. O reino não é um experimento temporário. Ele é a vinda permanente do Rei Todo-poderoso para governar o Seu povo e destruir os Seus inimigos. Em Lucas 11:20-22, Jesus descreve a presente existência do reino em termos de superação do homem forte armado. O destronar poderoso das forças demoníacas é central para o reino.

Ele vem com sinais e maravilhas

Quando João Batista estava na prisão, ele enviou seus discípulos para perguntarem a Jesus se Ele era realmente “o que haveria de vir”, ou, em outras palavras, se Jesus era realmente o Messias. Parece que João duvidava do ministério de Jesus. Talvez ele estivesse esperando um tipo de reino diferente – um que destronasse Roma e conduzisse Israel a uma vitória completa sobre os seus inimigos.

Em resposta, Jesus disse a eles que voltassem, e dissessem a João as coisas que testemunharam Jesus falando e fazendo: o cego que passou a ver, o coxo que passou a andar, os leprosos que foram limpos, e os surdos que passaram a ouvir, o que estava morto reviveu, e o pobre que recebeu a mensagem do reino (Mt 11:5).

Esses foram os sinais que revelam que o Messias havia vindo e com Ele, o Reino de Deus. Posteriormente, Jesus explicou que o reino estava avançando energeticamente, implicando no retrocesso do reino de Satanás (Mt 11:12). A prova disto era que as obras de Satanás foram destruídas através de sinais e maravilhas

e portentosas obras de Jesus, e as pessoas se rendiam ao governo de Deus.

É estabelecido por Jesus

Em Lucas 1:32-33, um anjo apresenta Jesus como o que ocupará o trono de Davi, cujo reino nunca terá fim. Em seu anúncio, João Batista também deixa clara a conexão entre Jesus e o Reino de Deus. Em todos os Evangelhos, o reino e o Filho do Homem estão ligados inseparavelmente – por exemplo, Mateus 16:28 e Marcos 9:1. Isto significa que Jesus, o Messias – o Cristo, o Ungido – é o agente de Deus e atua em Seu nome para estabelecer o Reino de Deus.

É para a salvação

A vinda do reino demonstra a atividade real de Deus em ajudar, salvar, e abençoar pessoas de todas as nações e gerações. A expulsão dos demônios evidencia o poder do Rei; as curas demonstram a Sua compaixão, mas o perdão de pecados é o milagre mais proeminente na proclamação do reino – Lucas 5:20-21.

### **O mistério do reino**

A maior parte do ensino de Jesus sobre o reino é dada sob a forma de parábolas. Mateus 13:1-52; Marcos 4:10-12 e Lucas 8:9-10 revelam como Jesus usou as parábolas para revelar o que havia sido ocultado – mas somente os que realmente desejaram aprender o verdadeiro sentido do reino. Seu uso de parábolas assegura que o reino permaneceria oculto àqueles que não o buscam diligentemente.

De modo especial, Jesus se refere ao “mistério”, ou ao “segredo” do reino. A palavra *mysterion* significa “algo que foi previamente escondido, mas que agora foi revelado”. A revelação particular que Jesus trouxe por meio das parábolas era a de que o reino viria primeiramente de forma espiritual antes de vir em sua manifestação final e completa no fim dos tempos.

Isto significa que somente entrarão no reino as pessoas que estão determinadas em compreender e receber a revelação de

Jesus. Somente aquelas que já têm atitude mental aberta e responsiva irão entender as parábolas de Jesus sobre o reino. Muitos temas parecem estar presentes nas parábolas.

#### Crescimento assegurado

O crescimento ocorre em diversas parábolas do reino registradas em Mateus 13 – por exemplo, a do Semeador (vs. 1-23), do Joio (vs. 24-30) e a do Grão de Mostarda (vs. 31-32). Somente um tipo de “solo” dentre quatro pode ser produtivo, e produzir resultados impressionantes. Pode ser difícil de identificar a “boa semente” no reino, mas ela se mantém crescendo na colheita divina. Pode haver um pequeno começo, mas um crescimento maravilhoso se seguirá.

#### Grande oposição

Os espinhos na parábola do Semeador e o inimigo na parábola do Joio mostram que o reino é oposição em todos os aspectos. Contudo, ainda que o crescimento aconteça, ele sempre é resistido.

#### Natureza oculta

A parábola da Levedura, ou Fermento (v. 33) revela que resultados extraordinários são alcançados por meio de métodos que não se percebem facilmente. Isso é exatamente o oposto do modo mundano de se pensar e agir.

#### Grande valor

As parábolas do Tesouro (v. 44) e a da Pérola de Grande Valor (vs. 45,46) revelam o incomparável valor do reino – ainda que seu valor não seja apreciado ou percebido por todos.

#### Mistura confusa

A Rede (vs. 47-52) e o Joio (vs. 24-30) revelam que o justo e o ímpio permanecem misturados no mundo até o fim dos tempos. Nenhum esforço deve ser feito para separá-los antes do fim, porque somente o rei pode agir como juiz. Somente a Ele está confiado o separar corretamente sem ferir o justo por engano.

### Natureza internacional

A parábola da Vinha, em Mateus 21:33-46, implica em que o reino não é somente para os judeus, mas também para os povos e para outras nações.

### Arrependimento e obediência

A parábola dos Dois Filhos, Mateus 21:28-32, demonstra a necessidade de arrependimento e obediência. Até mesmo o cobrador de impostos e prostitutas entrarão no reino, antes dos líderes religiosos – se eles preencherem os requisitos de entrada e os líderes não.

### Alertas veementes

As parábolas das Virgens, Mateus 25:1-13, e a parábola das Bodas, Mateus 22:1-14, são alertas veementes contra o ignorar, ou o descaso para com o chamado do reino. Veja bem: ainda que o alerta esteja colocado no futuro, o seu desafio é para o presente.

## **O reino no Novo Testamento**

Percebemos que o reino é tema dominante no ensino de Jesus: é mais enfatizado em Mateus, Marcos e Lucas – especialmente em Mateus. Neste volume, nós vamos examinar muito do ensinamento de Cristo sobre o reino, mas iremos embasar nosso estudo na primeira parte de Mateus, que é mais conhecida por “Sermão do Monte”. Mateus 5–7 contém o mais claro ensino de Cristo sobre o reino – ainda que muitas pessoas entendam mal esses capítulos por os interpretarem como “mais regras de Deus”, em vez de uma vida “dirigida por Deus”.

Os termos “o reino dos céus” e “o Reino de Deus” não aparecem com muita frequência no restante do Novo Testamento. Contudo, os conceitos de um governo ativo e pessoal de Deus em Cristo e a liberdade da Lei Mosaica dada por Deus permeiam todo o Novo Testamento. Frases como “o Senhorio de Cristo” são utilizadas em vez de “o reino”, mas elas expressam simplesmente a mesma verdade com palavras diferentes.

Porém, o uso mais amplo no Novo Testamento de “o reino”

deve ser parte de qualquer compreensão do governo presente e futuro de Deus.

### O Evangelho de João

- Jesus liga o ver e o entrar no reino com a regeneração em João 3:1-21. O reino é a atividade de Deus e ninguém pode ver ou entrar nele sem ser nascido novamente e regenerado *por Deus*. Tudo é trabalho de Deus e não de seres humanos.
- Jesus fala a Pilatos sobre seu reino em 18:33-38. Ele distingue entre as ideias políticas e espirituais de reinado, e mostra que o Seu governo não destrói – em vez disso, testifica.

### Atos

- Em Atos 19:8; 20:25 e 28:23, “o reino” é usado para descrever o conteúdo da pregação e dos testemunhos. O livro de Atos, normalmente, usa “a palavra do Senhor” para resumir a pregação – como em 19:10 – e essas duas frases parecem ter o mesmo significado. Podemos dizer que tanto a Palavra de Deus é seu governo, quanto que Ele governa por intermédio de Sua palavra.
- Similarmente, 20:24-25 compara o reino com “o evangelho da graça” e 28:23 e 28:31 liga o falar sobre o reino, com ensinar a respeito do Senhor Jesus Cristo.

### Cartas de Paulo

- Romanos 14:17 corrige aqueles que pensam que o reino deveria se resumir a regras e princípios.
- 1Coríntios 4:20 revela que o reino não é uma questão de palavras.
- 1Coríntios 6:9,10; Gálatas 5:21 e Efésios 5:5 implicam em uma herança futura do reino – e essa é a base para um apelo a um comportamento moral. Imoralidade e impureza excluem fiéis de receberem suas heranças.
- 1Coríntios 15:24-28 descreve Cristo devolvendo o reino ao Pai – mas a ideia fundamental da passagem é que Cristo já

está reinando. Ela enfatiza uma atividade presente enquanto que aponta para um ápice futuro.

- 1Coríntios 15:50 nos lembra que não se adentra ao reino por esforços humanos.
- Colossenses 1:13,14 liga o reino à salvação e perdão, e propõe o mesmo tipo de derrota dinâmica das forças malignas que os Evangelhos. É expressa diferentemente, mas o conceito é o mesmo.
- Colossenses 4:11 assume que o reino é o alvo do trabalho missionário de Paulo.
- 1 Tessalonicenses 2:12 deixa claro que os membros do reino – pessoas vivendo sob o governo de Deus – devem ter vidas dignas de Deus.
- 2 Tessalonicenses 1:5; 2 Timóteo 4:1 e 4:18 colocam o reino no futuro.

#### Outras cartas

- Hebreus 12:28 propõe uma experiência e uma esperança futura.
- Tiago 2:5 menciona herança.
- 2 Pedro 1:11 descreve a entrada no reino.

Apocalipse contém diversas referências ao reino, e quase todas descrevem o reino como estando em oposição, e o grande alvorecer do reino – por exemplo, 1:9; 11:15 e 12:10. A visão da Nova Jerusalém em Apocalipse é apresentada como o cumprimento de todas as promessas bíblicas sobre o reino futuro.

Podemos perceber que os mesmos temas permeiam as passagens sobre o reino – presente, futuro, oposição, salvação, herança, a palavra e a graça de Deus.

Atos 1:3 revela que Jesus ensinou os discípulos sobre o reino durante o período de quarenta dias entre a ressurreição e a ascensão. Era algo para os discípulos experimentarem e compreenderem o governo pessoal de Deus quando Jesus estava presente pessoalmente. Mas como o reino, o governo de Deus, funcionaria quando Jesus não estivesse mais com eles pessoalmente?

Presumivelmente Jesus deu a eles instruções sobre como viver e o que pregar, pois Atos 17:7 revela que eles permaneceram proclamando Jesus como rei. O governo de Deus tomou as vidas dos primeiros cristãos e caracterizou a mensagem revolucionária que proclamavam. Jesus era o governante deles – tanto se expressassem isso em termos de “rei” para os judeus, quanto “Senhor” (o César) para os gentios.

## **O reino e a Igreja**

Há claramente uma conexão entre o reino e a Igreja, mas os dois não são o mesmo. O reino não é um modo de olhar para a Igreja, ou descrevê-la. A Igreja é a assembleia de todas as pessoas que pertencem a Cristo – aquelas vivas na terra, e aquelas já com Ele no céu. O reino é a atividade total de Deus em Cristo no mundo.

Cristo é central tanto para o reino, quanto para a Igreja. Entretanto, “a Igreja” move nossa atenção para o resultado de sua atividade – para a noiva, o corpo, e assim por diante; enquanto que “o reino” foca nossa atenção Nele pessoalmente e Sua atividade. A Igreja é a assembleia daqueles que aceitaram o Evangelho do reino, que participam da salvação do reino e procuram a herança do reino. Mas a Igreja não é o reino.

Entretanto, fiéis cristãos – que compõem a Igreja – são aqueles nos quais o reino assume sua forma visível. Nós somos a luz do mundo, o sal da terra, aqueles que vivem o governo do Rei e aprendem Dele. Como tal, a Igreja é uma ferramenta do reino: nós mantemos as atividades do reino vivendo sob o governo de Deus.

A Igreja é chamada para pregar o reino ao mundo e orar para que o reino venha em glória. A Igreja deveria sempre ser dirigida pelo reino, embora ela nunca venha a ser o reino. Em outras palavras, podemos dizer que deveríamos ser governados por Deus, mas não somos – e nunca poderemos ser – o governo de Deus. Muitos erros na Igreja quanto ao pensar e agir têm acontecido por confusão entre Igreja e reino.

O reino já chegou. Cristo é Rei. E Ele tão rei onde a Igreja é fraca e débil, bem como onde a Igreja é forte e desenvolvida.



Seu reinado não depende do estado da Igreja, pois ela é Dele por direito. Ao contrário, a Igreja repousa sobre o reino.

Cada membro da Igreja, cada expressão da Igreja, precisa viver no reino – para ser governada somente por Deus e por Cristo.

### **O Reino e o Estado**

Relacionado com o tema reino e a Igreja está o tema reino e Estado. Novamente, existe muita confusão na Igreja sobre esse assunto. Em muitos momentos da história da Igreja algumas pessoas tentaram harmonizar o ensino bíblico sobre o Reino de Deus com a ideia de Estado. Mas esse pensamento sempre conduziu às dificuldades, na medida em que ele se afasta do claro ensino de Jesus quando Ele diz em Mateus 22:21: “Dai a César, o que é de César, e dai a Deus, o que é de Deus”.

A principal separação entre a Igreja e o Estado significa que o Reino de Deus não vem por meios terrenos políticos, econômicos, sociais, ou militares. Na parte quatro deste livro observaremos como os cristãos são chamados para ser “sal e luz” na sociedade, mas em lugar algum do Novo Testamento somos chamados a tornar o Reino de Deus em uma entidade política na terra. Quando Jesus Cristo retornar à terra como Rei, Ele irá estabelecer o Reino de Deus de modo completo, e então veremos a manifestação externa do reino na terra.

Todas as vezes que os cristãos tentaram trazer o Reino de Deus pela força militar, política ou por estruturas socioeconômicas, chegaram a resultados trágicos. O imperador Constantino no século 4, Cristãos Cruzados na idade média, alguns dos reformadores no século 16, e alguns cristãos fundamentalistas no século 20 erraram nesse sentido. Assim que olharmos mais detidamente para este livro, quanto à verdadeira natureza do Reino de Deus, perceberemos como ele é essencialmente um reino espiritual; que não pode vir por meios humanos.

É verdade que o povo de Deus do Antigo Testamento era chamado para viver em um Estado teocrático governado por Deus por intermédio de Suas leis, que eram as leis da terra. Mas Jesus mudou isso cumprindo todos os requisitos da Lei de Deus

e por estabelecer o Reino de Deus em nossos corações pela fé. Qualquer religião que procure estabelecer o Reino de Deus politicamente, ou por qualquer forma de coerção, se afasta drasticamente do propósito de Deus.

O restante deste livro será utilizado para o exame e a aplicação do que significa viver sob o governo de Deus, hoje, e do desfrutar de tudo o que Deus tem a oferecer a nós, até que Jesus traga o cumprimento do Reino de Deus no fim dos tempos.



Parte Dois

# O Chamado do Reino

Depois de João Batista ter sido colocado na prisão, Jesus veio para a Galileia e começou a proclamar as boas-novas de Deus. De acordo com Marcos 1:14-15, o conteúdo de suas boas-novas era: “O tempo está cumprido, e o Reino de Deus está próximo; arrependei-vos e crede no evangelho”. Mateus 3:1 e 4:17 descrevem exatamente a mesma mensagem tanto no início do ministério de João, quanto no de Jesus. Isso sugere que a vinda do reino não era um evento que simplesmente tinha de ser anunciado, sua chegada era um desafio que as pessoas precisavam responder.

Tanto para João Batista, quanto para Jesus, a vinda do Reino de Deus foi um evento muito significativo em que as pessoas eram chamadas para mudar o modo que pensavam e, em última instância, a forma que se comportavam. Jesus anunciou a chegada do reino em linguagem simples e clara.

1. O tempo havia se cumprido. O tempo do governo pessoal de Deus estava começando.
2. Você é chamado a dar uma resposta radical, pessoal à presença do governo pessoal de Deus.
3. Deus requer que você se renda totalmente ao Seu governo pessoal. Isso significa que você tem de se arrepender e acreditar.

## **Chamado ao arrependimento**

Tendo em vista que João e Jesus deixaram claro que o principal chamado do reino é “arrepender-vos”, temos de nos assegurar que sabemos exatamente o que essa palavra significa. Muitos fiéis associam “arrepender-se” e “arrependimento” a uma simples mudança de comportamento. Mas este não pode ser o caso, ou então o chamado para o reino seria algo tão ruim quanto “mude seu comportamento, e então creia” – o que obviamente não é.

Antes de avançar um pouco mais na discussão, seria útil fazer um breve levantamento das palavras bíblicas para arrependimento.

## **Arrependimento no Antigo Testamento**

### *Nacham*

No Antigo Testamento, a palavra hebraica *nacham* é costumeiramente traduzida como “arrepender-se”. A raiz dessa palavra reflete a ideia de inspirar profundamente, e a palavra literalmente significa “arfar”, “suspirar”, ou “gemer”. Em hebraico, *nacham* veio a significar “lamento” ou “choro por perda de algo, ou alguém”, quando a emoção era produzida por desejar o bem de outros, fundiu-se com compaixão e simpatia, e quando estimulada por consideração do caráter de alguém e seus feitos quer dizer “lastimar-se”, ou “arrepender-se”.

*Nacham* é raramente utilizada para descrever homens e mulheres se arrependendo, em vez disso, normalmente descreve o “arrependimento” de Deus. Podemos perceber isso em Gênesis 6:6; Êxodo 32:14; Juízes 2:18; 1Samuel 15:35; Jeremias 26:19; Amós 7:3,6. Essas passagens são difíceis de entender se pensarmos que arrependimento significa “parar de fazer más obras”; elas se tornam mais fáceis de compreender quando percebemos que arrependimento significa “mudar nossa mente” – que é o que Deus fez, segundo passagens como Gênesis 18:16-33 e Jonas 3:10.

Entretanto, nós temos de considerar que todas as vezes que Deus muda de ideia, sempre é consistente com Sua natureza imutável e propósito determinado. Por exemplo, Seu “arrependimento”

em Jonas 3 reflete Seu desejo eterno de abençoar todos quanto se voltam para Ele.

### *Shuwb*

Em traduções mais antigas, a palavra hebraica *shuwb* é com frequência traduzida como “arrependimento” quando homens e mulheres são os sujeitos da ação. Mas *shuwb* literalmente significa “mudar”, ou “mudar de direção”, em vez de “mudança de pensamento”. Ela é utilizada no Antigo Testamento para voltar-se para Deus. Observamos isso em 2 Reis 17:13; 23:25; 2 Crônicas 6:26; 7:14; 15:4; 30:6; Neemias 1:9; Salmo 78:34; Isaías 19:22; 55:7; Jeremias 3:12,14:22; 18:8; Ezequiel 18:21; 33:11,14; Daniel 9:13; Oseias 14:1,2; Joel 2:13; Jonas 3:10; Zacarias 1:3,4; e Malaquias 3:7.

*Swub* descreve uma ação mental positiva. Não significa, primeiramente, parar de fazer algo; em vez disso, significa, em um caráter positivo, essencialmente, voltar-se para Deus em toda a essência de nosso ser. Sabemos que voltar-se para Deus envolve abandonar pensamentos pecaminosos, atitudes e ações – mas essas são as consequências de se voltar para Deus, não a causa.

## **Arrependimento no Novo Testamento**

### *Metanoia*

No Novo Testamento, *metanoeo* é o verbo que significa “arrepender-se” e *metanoia* é o substantivo para “arrependimento”. As duas palavras são formadas pela combinação de *meta* – que significa “depois” ou “mudança” – com *nous* – que significa “mente”. Isso sugere que arrependimento realmente significa uma transformação total de pensamento, atitude, perspectiva e direção. Arrependimento, em outras palavras, é uma revolução mental – uma guinada radical, ou um drástico repensar. Significa mudar nossas mentes com relação a Deus, nossas ideias a respeito de sua natureza e governo, mudar o modo de pensar a respeito de Jesus, do pecado, da santidade e de nós mesmos. Arrependimento significa nada mais nada menos do que parar de pensar do nosso modo, e passar a pensar como Deus.

O sentido neotestamentário mais amplo de *metanoia* também nos ajuda a entender arrependimento mais plenamente.

- Jesus começou o Seu ministério com um chamado ao arrependimento – Mateus 4:17.
- Jesus terminou o Seu ministério insistindo em que o chamado ao arrependimento deveria ser pregado a todas as nações – Lucas 24:47.
- Jesus ensinou que o arrependimento era necessário para a salvação – Lucas 13:3-5.
- Jesus enviou os doze a clamar por arrependimento – Marcos 6:12.
- Jesus chamou pecadores, não retos, a se arrependerem – Lucas 5:32.
- Há alegria no céu quando um pecador se arrepende – Lucas 15:7,70.
- Pedro corrigiu as ideias erradas de seus ouvintes do Pentecostes a respeito de Jesus e chamou os inquiridores a se arrependerem – Atos 2:38.
- Paulo desafiou as ideias dos atenienses sobre Deus e disse a eles que o verdadeiro Deus ordena que todos se arrependam – Atos 17:30.
- Em sua mensagem de despedida aos líderes de Éfeso, Paulo resumiu sua mensagem como “arrependimento para com Deus” – Atos 20:21.
- A revolução do pensamento – arrependimento – não é um esforço próprio. É um presente de Deus – Atos 5:31 e 11:18.
- Arrependimento está ligado a estes dois presentes de Deus: o perdão, e a vida eterna – Lucas 24:47; Atos 2:38; 3:19; 5:31, 11:18.

Podemos observar a partir desses versículos que não há dúvida de que o arrependimento é um requisito essencial para aqueles que desejam ser seguidores de Jesus – precisamente porque é um dever para todas as pessoas. Até que as pessoas se arrependam – até que elas mudem suas mentes (ou as tenham mudadas por Deus) sobre si mesmas e Deus – elas não têm consciência de que elas precisam ser salvas.

Temos visto que os judeus tiveram muitas ideias erradas sobre o reino. Sabemos que eles tiveram muitas falsas suposições sobre o Messias. O chamado ao arrependimento no contexto da anunciação da chegada do reino foi uma chamada para uma fundamental mudança de mente. Para a maioria das pessoas, nada é mais difícil. O que Jesus veio fazer em Sua e morte pode ser aplicado às pessoas que reconhecem tanto as próprias inabilidades para se salvar, quanto a necessidade de um novo relacionamento com Deus. Essa mudança de mentalidade sobre nossa condição e a natureza de Deus não é suficiente em si mesma, mas é parte integrante inicial da conversão.

### *Metamelomai*

Há outro verbo grego que é utilizado no contexto do arrependimento: *metamelomai*. Como a palavra hebraica *nacham*, esta palavra expressa o aspecto emocional do arrependimento e significa “lastimar-se”, ou “sentir remorso”. *Metamelomai* é usada por Jesus em Mateus 21:29 e 32 na parábola dos dois filhos. Foi dito a ambos para irem à vinha. Um disse que não iria, mas depois mudou de ideia (ele se lamentou por sua decisão) e foi. O outro disse que iria, mas não foi.

Mas o sentimento indicado por *metamelomai* pode nem sempre resultar em arrependimento genuíno – pode degenerar em mero remorso. Em Mateus 27:3, Judas se arrependeu somente no sentido de “lastimar-se”, e não no sentido de abandonar o pecado. Um verdadeiro pesar não é o remorso que leva à inatividade, mas sim, a divinal emoção de pesar e o sentimento de dor por ter ofendido a Deus. Isso sugere que arrependimento envolve uma mudança de coração ou pesar reverente e lamento, um sentimento de remorso por ter agido errado. Isso finalmente levará a uma mudança na vida da pessoa, uma mudança de comportamento, como no caso do primeiro filho na parábola de Jesus.

### *Epistrepho*

A palavra grega *epistrepho* é o equivalente neotestamentário para *shuwb*. Essa palavra também significa “mudar” e com frequên-



cia é traduzida como “converter” em versões antigas da Bíblia.

Atos 3:19 e 26:20 demonstram que arrependimento e conversão – voltar-se para Deus – estão ligados, mas são diferentes. Conversão é todo o processo de voltar-se para Deus; arrependimento é somente uma parte desse processo. A conversão descreve o ato de voltar-se e abraçar Deus com cada parte de nosso ser. Arrependimento descreve uma revolução mental, uma mudança fundamental em nosso pensar, valores e ideias.

*Epistrepho* é usada para enfatizar mais claramente a distinguível mudança forjada pelo arrependimento é com frequência empregada para expressar o lado positivo da mudança envolvida no arrependimento.

Já vimos três palavras do Novo Testamento que são aplicáveis ao contexto de arrependimento, *metanoia* que descreve o aspecto mental do arrependimento; *metamelomai* que descreve o lado emocional e *epistrepho* que descreve o lado direcionador de abandonar o pecado e desenvolver um novo estilo de vida baseado na obediência ao Senhor.

Arrependimento verdadeiro envolve todos esses três aspectos. Contudo, é o primeiro – a mudança de mente – que é absolutamente necessário para a salvação e é isso que João e Jesus têm em mente quando eles apresentam o chamado: “arrependedi-vos e crede”. Somente quando pensamos de modo diferente a respeito de Jesus é que podemos aceitá-Lo realmente. Isso significa que arrependimento como uma revolução mental é um pré-requisito para a salvação.

O verdadeiro arrependimento, segundo a Bíblia, não é uma mudança de caráter comportamental – se for certo dizer assim – é o fruto de ser realmente salvo, de voltar-se com todo nosso ser para Deus. Mas uma vez que realmente mudamos nossa mente – uma vez que pensamos diferentemente – inevitavelmente sentimos remorso pelos feitos errados que tenhamos feito e procuramos parar de fazê-los. Isso significa que os aspectos mental, emocional e orientador do arrependimento estão ligados.

Aqueles que sugerem que arrependimento primeiramente significa “parar de pecar” tanto estão enganados quanto ao signifi-

ficado da palavra grega, quanto também estão implicitamente sugerindo que a salvação é obtida por esforço humano, e não recebida pela graça de Deus, por meio da fé. O Novo Testamento revela que esforço humano ou obras não tem nada a ver com ser salvo, estando certo que você é salvo, ou permanece salvo; em vez disso, eles são uma demonstração aos outros de que somos salvos – como observamos em Mateus 5:16, por exemplo.

O ensino que arrependimento significa parar de pecar e começar a se comportar de modo diferente também conduz ao legalismo e frustração. Temos visto que a vinda do Reino de Deus – Seu governo pessoal – deve nos libertar de todas as leis, desse modo, o chamado do reino ao arrependimento não pode significar algo que contradiga a própria essência do reino.

Uma coisa é certa: o arrependimento cristão deveria sempre produzir fruto. Lucas 3:8-14 deixa isso claro – e oferece algumas ideias desafiadoras sobre qual fruto é esperado. Mas os três exemplos que João descreve são frutos que acompanham o arrependimento: eles não são exemplos de arrependimento.

Podemos perceber essa distinção em Romanos 12:2. Em vez de nos conformar com este mundo, devemos ser transformados pelo renovar da mente. Ainda que Paulo não use a palavra “arrependimento” aqui, ele descreve uma revolução mental que é a chave para o conhecimento da vontade Deus, para ser libertado do modo de pensar e agir, e para produzir fruto em uma vida transformada. Essa é a revolução interior no pensamento dos discípulos, atitudes e direção que conduzem a vidas transformadas, que produzem fruto conforme se submetam ao governo pessoal de Deus.

De fato, se uma pessoa mudar seu modo de pensar sobre Deus, Cristo, pecado e tudo mais, então o único caminho consistente e lógico é abandonar o pecado e reconhecer que não há lugar para eles na vida do crente. Mas esse é um processo e leva tempo. Na verdade, mudar o comportamento de alguém – ou abandonar o pecado – é um processo contínuo que acontece ao longo da vida da pessoa e nunca estará totalmente completo no sentido de perfeição por não mais pecar nesta vida. Nem todo

crente viverá consistentemente, mas todo aquele que realmente segue um estilo de vida de arrependimento chegará a um lugar de maturidade, ou perfeição de amor no qual ele pode abandonar todo pecado conhecido e desenvolver um caráter cristão realmente desenvolvido. Esses diferentes níveis de vida cristã são reconhecidos por Jesus, e todos quantos vivem estilos de vida consistentes por Ele são recompensados.

### **O chamado para crer**

Quando entendemos que o primeiro chamado do reino é “arrependimento”, e significa “transformação da mente”, começa a ficar claro porque “crer” é o segundo chamado do reino. Qualquer transformação da mente deve automaticamente implicar em começar a crer em novas coisas. Se não há novas crenças, não pode haver mudança de mente – nenhum arrependimento. Para muitas pessoas, “crer” é um ato intelectual. Mas “crer” no Novo Testamento implica em ação; é a aplicação do arrependimento.

#### Fé e crer

A palavra no Novo Testamento para “crer” é *pisteuo*, e isso significa “ser persuadido por”, “depositar a confiança em”, “confiar”. *Pisteuo* significa descansar e depender tanto quanto pensar. A palavra grega *pistis* é normalmente traduzida por “fé” – desse modo podemos rapidamente entender que “crer” e “ter fé” são apenas dois diferentes modos de expressar a mesma ideia grega. “Crer” é simplesmente a forma verbal do substantivo “fé”.

De acordo com Marcos 1:15, as primeiras palavras de Jesus, no ministério, ligavam fé/crer e arrependimento. Sob a perspectiva da vinda do reino, Ele diz que a crença no Evangelho tem de ser acompanhada de arrependimento. Crer no Evangelho significa crer no próprio Jesus. As pessoas que ouviam Jesus deveriam se comprometer com tudo o que Jesus apresentava – com toda a Sua missão. Eles deveriam crer – descansar, depender, confiar e ter fé em – Jesus.

Os Evangelhos registram uma séria completa desses desafios:

- Imediatamente depois de Marcos 1:15, os primeiros discípulos foram chamados para deixar suas redes e seguir a Jesus.
- Muitos dos milagres de cura são resultados da fé – Mateus 8:10-13; 9:22-29; 15:28; Marcos 9:24; 10:52; Lucas 7:50; 17:19.
- Os discípulos são repreendidos por sua falta de fé – Mateus 8:26; Marcos 4:40 e Lucas 8:25.
- Jesus promete grandes conquistas aos que têm fé – Mateus 17:20; 21:21-22; e Lucas 17:5.
- Fé assegura de possibilidades em face das impossibilidades Marcos 9:23.

Todas essas passagens são exemplos da necessidade do reino para se acreditar – depender – do poder de Jesus. Toda Sua missão é baseada na certeza que qualquer coisa que Deus espere de Seu povo é impossível por intermédio do esforço humano, mas possível quando a fé nos liga ao modo especial de Deus em fazer as coisas. Essa “possibilidade” é compreensível somente quando o foco é Jesus. É em Cristo que Deus faz o impossível. É através de Cristo que Deus governa em Pessoa.

### Crer no Evangelho de João

João 20:30-31 revela que o principal propósito do Evangelho de João é que nós devemos “crer”. Esse Evangelho é composto de mais de cem declarações sobre crer. Interessantemente, João sempre usa o verbo *pisteuo* e nunca o substantivo *pistis*. Ninguém realmente sabe por que João escreve dessa forma, mas esse é o modo de se enfatizar o ato de crer em relação ao conteúdo do que se crê. Em todo o Evangelho de João, fé sempre envolve um relacionamento – nunca é somente um assentir intelectual de um credo.

No Evangelho de João, crer é ocasionalmente visto em termos de aceitar a mensagem – crendo que o que Jesus disse é verdade. Contudo, crer sempre aponta para Jesus e costumeiramente envolve confiar Nele pessoalmente – como em João 4:50; 8:30; 12:11 e 14:1. Algumas vezes, chega-se a crer, pe-

los feitos que Jesus realizou – por exemplo, João 2:11 e 10:38. Mas Jesus costumeiramente requer a crença dos Seus seguidores Nele mesmo – como em 14:1 e 10.

João 1:12 torna claro que a salvação vem como resultado do crer. Fé, ou crer, é o meio pelo qual as pessoas são trazidas para o reino. Isso significa que há uma clara distinção entre os crentes e o mundo. Em 3:16,17, a fé assegura vida eterna e a falta de fé leva à condenação.

Sabemos que crer em Jesus começa com a transformação radical da mente que é chamado de arrependimento. João não menciona “arrependimento”, mas ele descreve vividamente a mudança da mente necessária para crer – ainda que ela não leve inevitavelmente a crer. A multidão na multiplicação dos pães, quando Cristo alimentou cinco mil, em 6:22-59, não viu nada mais do que o pão físico. Mas quando, em 6:60-66, finalmente, Seus discípulos reconheceram que o modo de Jesus ver a vida era diferente do modo deles, muitos O rejeitaram.

Crer envolve uma resposta humana ao convite de Deus. Ele apresenta Seu Filho a nós e somos compungidos a tomar alguma decisão com respeito a Ele. O Evangelho de João usa termos diferentes para expressar essa resposta em 5:24; 6:40; 6:45; 8:43,47; 12:45,47; 14:7,9; 17:23 e 18:37. Quando recebemos Jesus, O obedecemos, vemos, conhecemos, e assim por diante, nossa resposta é positiva. Mas se não respondemos desse modo, não cremos – não temos fé. Rejeitamos o governo pessoal de Deus.

### Crer na Igreja Primitiva

Em Atos, crer é novamente mostrado como um desenvolvimento natural do arrependimento. Na verdade, em Atos 2:44; 4:4; 4:32; 9:42; 11:21 e 14:23, a primeira comunidade cristã foi chamada de “aqueles que creem”. Como se esperaria, o objeto da fé das pessoas é costumeiramente o próprio Cristo – como em Atos 11:17; 14:23; 16:31; 19:4; 20:21 e 24:24. Ainda que, às vezes, eles creiam a palavra pregada – como em 4:4 e 17:1-12.

Crença pessoal em Jesus era a marca distinguível dos cristãos. Eles tinham não somente de mudar suas mentes sobre Ele, mas também tinham de confiar, crer, depender do próprio Cristo antes de poder se apropriar do que Ele havia feito por eles por intermédio de Sua morte e ressurreição. O processo todo da conversão é apresentado com maior profundidade no Manual *Salvação pela Graça* da série *Espada do Espírito*.

Em Romanos 10:17; 1 Coríntios 1:21 e Efésios 1:13 a fé é a resposta humana à pregação do Evangelho. Mas é sempre fé em Cristo, que, por sua vez, somente tem significado pela fé. Fé ou crer não apenas o ato inicial de aceitar o dom gratuito de Deus da salvação – como em Romanos 3:22-25 – é também um processo contínuo. Exatamente como somos chamados a continuamente nos arrepender – para sermos marcados pelo constante renovar de nossas mentes – assim também somos chamados a viver pela fé. Romanos 1:17 e Gálatas 2:20 expressam essa natureza progressiva da fé.

### Novo nascimento

Tudo o que aprendemos sobre o chamado do reino mostra quão importante é para nós responder sinceramente a Jesus. Mas não podemos assumir que essa resposta é uma atividade meramente humana. Jesus ensina em João 3 a absoluta necessidade do renascimento. Seguindo o ensinamento de Ezequiel 36:22-27 e Jeremias 31:31-34, Jesus explica a Nicodemos que nascer de novo, ou ser nascido “de cima” é o único meio de se ver e entrar no reino. Arrependimento e fé nos levam ao reino, mas eles vêm por meio do novo nascimento.

A ênfase no novo nascimento é vista por intermédio do Novo Testamento (2Co 5:17; Pe 1:3; 1:23; Tg 1:21 e 1Jo 3:9). Isso mostra que sem receber a vida de Deus, a vida do reino, simplesmente não podemos alçar os desafios do reino. Tudo que descobrimos sobre o estilo de vida do reino neste livro depende de termos nascido de novo. No Sermão do Monte, Jesus descreve o estilo de vida daqueles que nasceram de novo, e como podemos crescer nas coisas do reino. Somente podemos viver

uma vida deste tipo, se nascemos de novo. Quando as pessoas são chamadas a crer, elas não são simplesmente chamadas a aceitar um ato de Cristo; elas são também chamadas a estabelecer uma nova relação com Cristo, a qual é marcada pelo crer – pelo descanso, dependência, e confiança somente em Cristo. Isso naturalmente leva ao terceiro chamado do reino.

### **O chamado ao discipulado**

Marcos 1:15-20 revela como Jesus passou do anúncio da chegada do reino, para chamar pessoas ao arrependimento e a crer no Evangelho, a chamar pessoas pessoalmente para segui-Lo. Exatamente a mesma progressão registrada em Mateus 4:17-22. Quando começamos a crer em Jesus, entendemos que Ele nos chama a demonstrar nosso crer pelo ato de segui-Lo – tornando-nos um discípulo.

O chamado é pessoal

A palavra grega para discípulos é *mathetes*, que literalmente significa um “aprendiz”. *Mathetes* vem de *manthano* – “aprender” – e mostra que a reflexão deveria ser seguida de uma procura em realmente fazer algo. *Mathetes* revela que os discípulos não são pessoas que obedecem sem pensar, ou legalisticamente; em vez disso, ouvem a um professor, pensam sobre o que ele disse, e então procuram colocar em prática.

Deveria estar claro como o conceito de discipulado naturalmente segue a compreensão bíblica de arrependimento e crença. Em Mateus 11:28-30, Jesus nos chama a aprender Dele pessoalmente – este é o verdadeiro discipulado. Do mesmo modo que Ele não nos chama a seguir um conjunto de ideias, ou regras, mas sim, a Ele, também Ele não nos chama a aprender meramente um código escrito, ou um livro, mas sim, a aprender Dele próprio.

O chamado é coletivo

Ainda que cada um de nós deva responder pessoal e individualmente ao chamado de Jesus para se tornar discípulo, não po-

demos esquecer que somos também chamados a seguir Cristo juntos como Seu povo. Somos sua comunidade de discípulos e essa dimensão coletiva é absolutamente essencial para o verdadeiro entendimento do Reino de Deus. Jesus estabeleceu Sua Igreja como uma associação de pessoas que se tornaram discípulos com a responsabilidade de discipular a outros. A Grande Comissão em Mateus 28 deixa isso claro.

Cada um de nós deve ser discipulado dentro da Igreja e tomar para si o mandamento de discipular a outros. Não podemos “seguir sozinhos” como se nosso chamado pessoal fosse independente daqueles que estão seguindo a Cristo. Jesus criou especialmente esse processo de discipulado com os Seus doze discípulos passando a maior parte do melhor do Seu tempo com eles. Ele os ensinou, os treinou e finalmente os enviou a “fazer discípulos de todas as nações”. Modernamente, os discípulos de Jesus estão redescobrendo essa dimensão para discipularem em ministérios de pequenos grupos, ou células.

O chamado é urgente

Os Evangelhos registram muitas histórias sobre pessoas que foram chamadas por Jesus – para serem discípulos. Em cada uma o chamado é urgente. Eles tiveram de responder quando Cristo perguntou a eles, ainda que isso envolvesse um rompimento considerável para eles e para as pessoas a sua volta. Por exemplo:

- Simão, André, Tiago e João – Mateus 4:18-22
- Mateus – Mateus 9:9
- O jovem rico – Mateus 19:21
- A outro disse Jesus: Segue-me! – Lucas 9:59
- Felipe – João 1:43

Podemos observar nessas histórias que algumas das pessoas imediatamente começaram a seguir a Jesus, mas outras deram desculpas e não o fizeram. Os chamados para o reino podem compelir, mas não são compulsórios. Deus sempre quer que respondamos em amor. Ele não fará por nós se não O seguirmos em Seus termos, e no Seu tempo.



O chamado é conclusivo

Não somente o chamado era urgente, mas também decisivo. Eles foram chamados permanentemente para abandonar tudo e segui-Lo.

- Lucas 9:62 revela que não havia possibilidade de olhar para trás.
- Marcos 10:33 relata que Jesus não deve ser repudiado pelos homens.
- João 8:31 deixa claro que os discípulos deveriam guardar os ensinamentos de Jesus.

Tornar-se um seguidor ou discípulo de Jesus não é meramente uma resposta emocional, ou um assentir mental ao seu ensinamento – é uma decisão permanente de seguir a Jesus, aprender Dele, obedecê-Lo, e manter-se perto Dele.

O chamado tem seu preço

Marcos 1:16-20, e Lucas 5:1-11 contam a história do chamado ao discipulado dos quatro pescadores, Simão, André, Tiago e João. Seguindo as orientações de Jesus, eles conseguiram uma quantidade enorme de peixes, a ponto de suas redes correrem o risco de se romperem, e de seus barcos afundarem.

Lucas 5:11 relata que “eles abandonaram tudo e o seguiram”. Esse “tudo” incluía a pesca miraculosa o que tinham trabalhado para trazer até a praia. Deve ter sido uma das mais bem-sucedidas pescarias que fizeram, e mais – como parte da resposta a Jesus – eles deixaram os peixes na praia para os seus amigos e família.

Lucas 14:25-33 descreve como eram grandes as multidões que andavam com Jesus. Eles eram curiosos, interessados – até mesmo fascinados; mas não comprometidos e não avaliaram o custo. Nessa passagem, podemos observar que a essência de ser um discípulo estava ausente – não refletiram e se detiveram em pensar cuidadosamente sobre o que envolvia o seguir a Jesus. A menos que deixassem tudo, eles não poderiam ser discípulos de Jesus.

Mateus 6:33 relata que devemos colocar o Reino de Deus em primeiro lugar. Antes de tudo, devemos procurar o governo de Deus e a sua correta forma de viver. A passagem paralela, em Lucas 12.31-34, demonstra que a vida correta é marcada por generosidade desprendida.

Quando, em Mateus 16:13-24, os discípulos perceberam quem Jesus era, Ele lhes explicou que significava sofrimento e morte. Isso era um anátema para os Seus discípulos, por isso Pedro tomou Jesus de lado e argumentou com Ele. Mas Jesus o repreendeu dizendo que seus protestos bem-intencionados eram do maligno, em sua origem. Então, Jesus disse a Seus discípulos que a exigência divina para o autossacrifício aplicava-se tanto a eles, quanto a Ele, Jesus.

Ele disse em Mateus 16:24 e Marcos 8:34: “Se alguém deseja me seguir, negue-se a si mesmo, tome sua cruz, e siga-me”. Lucas 9:23 acrescenta que isso deve ser feito “a cada dia”. Estas palavras foram ditas àqueles que tinham começado a seguir a Cristo, a quem vira a poderosa obra de Deus em si próprio, a quem agora compreendia que Jesus significava rejeição e sacrifício. Agora que eles conheciam a verdade, Jesus os tornava livres para escolherem entre si mesmos e o autossacrifício.

Ser um discípulo significa dizer a cada dia “morte ao eu”. Isso não é um conjunto de exercícios ascéticos, em vez disso é estar desprendidos de nós mesmos e atentos somente para Cristo. É colocar a vontade de Cristo no lugar do eu. É ter os olhos tão fixos Naquele que seguimos que nos tornamos cegos para o caminho que estamos por trilhar e indiferentes para a dor que insta que paremos. Significa saber que nada nesta vida se compara à glória que nos espera – se nós nos aproximarmos intensamente do favor de Jesus, Ele nos recompensará.

Quando seguimos Cristo, temos de mostrar que nós realmente morremos para nós mesmos através do tomarmos a cruz oferecida por Deus. Isso não é nenhuma má vontade, ou dificuldade, que por sua vez, não é diferente daquelas que são suportadas por todas as pessoas. Isso será uma forma de sacrifício, provação, ou rejeição “pelo nome de Cristo”, que é dada a todos que O seguem.

Cada discípulo que deseja seguir os passos de Cristo tem sua cruz pessoal esperando ser tomada. Cristãos que levam sua cruz devem ter a mesma expectativa de vida breve como as pessoas que estão nos diferentes “corredores da morte” por todo o mundo.

Essa mortificação do eu não é uma calamidade, mas o fruto do compromisso. Não é o fim de tudo, ao contrário, é o começo da vida abundante com Cristo – assim que começamos a deixar Sua vontade nos controlar e nos governar. Os doze ouviram esses novos requisitos do discipulado, e nenhum deles foi embora.

### **O chamado para ser como Cristo**

Há uma óbvia progressão no chamado do reino. Somos chamados a mudar o modo que pensamos a respeito de Deus, Jesus e nós mesmos – para começarmos a pensar como Deus, ter Sua atitude e orientação. Então somos chamados a crer em Jesus, a descansar Nele e a confiar Nele completamente.

Mostramos que confiamos Nele, quando O seguimos e nos tornamos Seus discípulos. Pensamos sobre Suas palavras, aprendemos pessoalmente Dele, e então agimos como Ele diz. Mas isso não é o fim. Não somos meramente chamados a segui-Lo, mas também chamados – seguindo-O – a nos tornar como Ele. Os Evangelhos registram cinco modos nos quais todos os discípulos são chamados a ser como Cristo.

#### **1. Amando**

Em João 13:34, Jesus diz aos discípulos que Ele tinha um novo mandamento para eles. Era “amem uns aos outros como eu vos tenho amado”. O versículo seguinte revela que esse amor pro-varia “todos” que eram discípulos de Jesus. Esse mandamento foi dado poucos momentos depois de Jesus ter lavado os pés dos discípulos, desse modo o mandamento para amar uns aos outros da maneira de Jesus deve ser entendido em termos práticos, de serviços humildes.

Momentos depois, em João 15:12, Jesus retorna ao mesmo

tema. Novamente Ele ordena aos discípulos que amem uns aos outros como Ele os amou. Há muitos fiéis que pensam que eles são chamados a amar a Jesus – e eles são; mas amar a Jesus significa amar uns aos outros de uma maneira integralmente prática. O versículo 11 relata que esse é o modo de nossa alegria ser plena.

## 2. Doar-se

Em João 15:13,14, Jesus explica exatamente o que Ele entende por amar. É o doar-se sacrificialmente. É doar nossas vidas por nossos amigos. Se amarmos a cada um sacrificialmente como Jesus o fez, não seremos meramente chamados de Seus discípulos, também seremos identificados como Seus “amigos”. O versículo 14 é muito importante. Somos amigos de Jesus quando fazemos tudo o que Ele nos determina. Esse é o governo de Deus na prática. Esse é o viver do reino.

Não temos ideia do que Jesus nos ordenará – e muito menos temos ideia do que Ele ordenará a outros. É pessoal e único para cada pessoa. Contudo, podemos esperar que isso envolverá o doar-se em amor e de um modo sacrificial, que é o contexto destas palavras.

O versículo 16 contém uma maravilhosa promessa. Mas não podemos nos atrever a separá-la dos versículos em torno dela. Essa promessa é para os amigos de Jesus que amam e se doam do Seu modo – para aqueles seguidores que se tornaram verdadeiramente semelhantes a Cristo.

## 3. Servir

Marcos 10:45 é uma revelação chave sobre Jesus. Jesus sempre dissera ser o “Filho do Homem” – um nome que levava a imagem de um reino poderoso para os judeus. Esse título vem de Daniel 7:13,14, no qual ao Filho do Homem é dado o “domínio, e glória, e o reino, para que os povos, nações e homens de todas as línguas o servissem; o seu domínio é domínio eterno, que não passará, e o seu reino jamais será destruído”.

Ao afirmar ser o Filho do Homem, Jesus estava implicita-

mente afirmando ser Aquele a respeito de quem Daniel escrevera. Ainda mais, em Marcos 10:45, Jesus virou a concepção de Filho do Homem de ponta-cabeça. Jesus disse que, em vez de ser servido por todas as pessoas que "... o próprio Filho do Homem não veio para ser servido, mas para servir e dar a sua vida em resgate por muitos". Jesus proferiu essas palavras aos Seus discípulos como uma conclusão e explanação do Seu mandamento em Marcos 10:42-44 para servir de um modo inteiramente diferente ao mundo: "não serão muitos de vós; mas quem quiser tornar-se grande entre vós, será esse o que vos sirva. E quem quiser ser o primeiro entre vós será servo de todos".

Estamos para servir exatamente do mesmo modo que o Filho do Homem. Súditos do rei, somos chamados a servir a Jesus – mas isso significa servir outros como Jesus, e servi-los com Jesus. Paulo levanta esse tema em Filipenses 2:5-11. Mas temos de nos assegurar que percebemos que Paulo introduz essa imagem de Jesus, como servo, ele nos incita a "termos em nós o mesmo sentimento que houve também em Cristo Jesus". Novamente, temos de ter as ações de Deus – pensar do seu modo – antes de podermos nos comportar como Ele.

#### 4. Trabalho

As palavras de Jesus em João 14:12 são relacionadas com tudo isso: "... aquele que crê em mim fará também as obras que eu faço e outras maiores fará, porque eu vou para junto do Pai". Há consequências em se crer. Se pensarmos como Jesus; se confiarmos e descansarmos Nele; se O seguirmos, certamente devemos esperar que faremos as obras que Ele faz.

A mente de muitas pessoas imagina apenas milagres quando elas meditam sobre esse versículo e as obras de Jesus. Mas nesse versículo está a continuidade do lavar os pés, no contexto de preparar vidas como Seus mandamentos para doar-se, amar, e servir. Se nós crermos em Cristo, podemos esperar nos comportar como Cristo. Isso incluirá milagres portentosos, mas será superado pelo serviço mais simples.

## 5. Ir

As primeiras palavras de Jesus aos Seus discípulos depois de Sua ressurreição estão registradas em João 20:19-22. O versículo 21 contém seu chamado final a ser como Ele: “Assim como o Pai me enviou, eu também vos envio”.

No Evangelho de João, Cristo constantemente se revela como Aquele que é enviado, como o que está sob o governo pessoal de Deus, que Ele não fala de si próprio, não faz nada de si mesmo e que não vai a lugar algum por Sua iniciativa. Podemos verificar isso em João 5:19,30; 6:38; 7:28,29; 8:26,28,29; 10:18 e 12:49,50. O Filho fala o que o Pai diz. Ele faz o que o Pai faz. E vai aonde o Pai O envia.

Exatamente do mesmo modo, Jesus envia Seus discípulos. Eles vão assim como Ele vai. Isso tem duas implicações. Primeiramente, que os discípulos não podem permanecer onde estão – deve haver movimento e ação, tem de haver o “ir”. Em segundo lugar, que os discípulos “vão” sob o governo pessoal de Deus. Nós devemos ir somente aonde Ele nos envia, e quando Ele envia – dizer somente o que Ele diz e fazer somente o Ele faz.

### **O chamado para herdar o reino**

Nosso amar, doar-se, servir, trabalhar e ir do modo que Cristo quer não fica sem recompensa. Jesus deixa claro que há uma grande herança e muitas recompensas para nós. Temos visto que há uma tensão no reino entre o agora e o ainda não. Todos os chamados do reino que examinamos fazem parte da dimensão do “agora” do reino. O chamado para se arrepender e crer, para seguir e se tornar como Cristo é sempre para agora – hoje, todos os dias. É sempre uma mensagem para o presente.

Contudo, o último chamado do reino olha para a frente para o dia em que o reino finalmente será plenamente revelado e eternamente estabelecido. O Novo Testamento está repleto de versículos sobre a promessa do reino. Algumas promessas são condicionais – recompensas para um comportamento particularmente conforme Deus. Outras são incondicionais – para todos os que creem. Outras abarcam o presente, mas a maioria delas olha

para a dimensão do “ainda não” do reino:

- Mateus 5:5 – a terra
- Mateus 5:10 – o reino dos céus
- Mateus 6:19-21 – tesouros nos céus
- Mateus 10:40-42 – a recompensa do homem reto
- Mateus 19:27-30 – a herança multiplicada
- Mateus 25:31-40 – o reino preparado
- Lucas 6:30-38 – uma grande recompensa
- Lucas 12:32 – o reino, o tesouro celestial
- Lucas 14:12-14 – o pagamento com bênçãos
- Lucas 16:9 – habitações eternas
- Atos 20:32; 26:18 – uma herança
- Romanos 2:6-10 – glória, honra e paz
- Romanos 8:10 – o compartilhar da glória de Cristo
- 2 Coríntios 9:6-14 – uma colheita abundante
- Efésios 1:17-19 – as riquezas da glória da sua herança
- Efésios 2:4-8 – as abundantes riquezas de sua graça
- Colossenses 3:23 – a recompensa da herança
- 2 Timóteo 2:12 – reinando com Cristo
- Hebreus 6:12 – as promessas
- Apocalipse 3:21 – assentar-se com Cristo em seu trono
- Apocalipse 21:7 – todas as coisas

Algumas pessoas, por engano, pensam que todo o ensino bíblico sobre herança segue-se automaticamente de nossa salvação. Mas uma leitura cuidadosa dessas passagens bíblicas mostra que a herança não é recebida simplesmente por crer – é a recompensa por uma vida sob o governo de Deus.

Passagens como Mateus 19:23–20.16 provam que a herança é uma recompensa. Em resposta às palavras de Pedro “que será, pois, de nós?”, no versículo 27, Jesus fala sobre herança. O versículo 30 mostra que há muitas surpresas, e a parábola seguinte novamente ensina sobre recompensas surpreendentes e controvertidas.

Um dos chamados do reino pode ser “deixe tudo e siga a Cristo”, mas um eco logo retorna prometendo recompensas celestiais maravilhosas para aqueles discípulos que realmente deixaram

tudo. Não podemos experimentar muitas dessas recompensas nesta vida, mas elas foram todas asseguradas pelo próprio nome de Deus no último dia.





Parte Três

# As Atitudes do Reino

O Sermão do Monte, em Mateus 5–7, é provavelmente a parte mais conhecida do ensino de Jesus. E também, talvez, a parte menos compreendida. Esse sermão é a primeira parte dos cinco blocos de ensino de Mateus – as outras são 10; 13; 18 e 24,25. Vimos que Mateus escreve particularmente para judeus: esse uso, de cinco blocos de ensino, faz um paralelo com os cinco livros do Pentateuco (Gênesis a Deuteronômio) e sugere que Jesus é um segundo Moisés.

Moisés trouxe as leis de Deus para o povo de Israel, mas Mateus relata que Jesus havia cumprido a Lei e está, agora, trazendo um modo novo e melhor de regular o viver do povo de Deus – o reino dos céus, ou o governo pessoal de Deus.

Por todo o sermão, Jesus, com autoridade, descortina os cinco princípios do Seu reino e apresenta os padrões que Ele espera dos Seus súditos. Para enfatizar Sua autoridade, alguns dos Seus ditos são introduzidos com a palavra solene hebraica *amen*, que significa “verdadeiramente”, ou “na verdade”. Essa nota pessoal de autoridade é ampliada pelo uso repetido de “Eu vos digo”, ou “eu vos falo”, por parte de Jesus. É vital que percebamos o que o Sermão do Monte não é:

- Regras para uma sociedade não-cristã
- O meio para se entrar no reino
- Uma nova lei cristã

Em vez disso, 5:1-2 revela que é o ensino de Jesus para aqueles que já são os Seus discípulos, para aqueles que já atenderam ao chamado do reino e deixaram tudo para segui-Lo. O

sermão é uma descrição do estilo de vida opcional e radical de Deus para aqueles discípulos que obedecem ao Seu “siga-me” e começaram a viver sob o governo pessoal de Deus. Em todo este volume, veremos que esse estilo de vida:

- Glorifica a Deus
- Transforma o mundo
- Traz recompensas

O governo pessoal de Deus é um permear central de todas as coisas. Por exemplo, o sermão inclui o Pai Nosso, 6:9-13, com sua frase própria: “Venha o teu reino”, e a explicação imediata “Seja feita tua vontade na terra”. E termina com a explicação de Jesus que somente aqueles discípulos que realmente fazem a vontade do Pai entrarão no reino dos céus, 7:21.

O Sermão do Monte apresenta as atitudes – não as ações – que caracterizam os verdadeiros discípulos. A introdução do sermão, 5:3-12, é costumeiramente denominada de “as bem-aventuranças”, é uma lista de oito atitudes básicas que Jesus desenvolve, ilustra e explica ao longo do seu sermão. (Às vezes, se debate para se saber exatamente quantas bem-aventuranças existem. Alguns falam em sete, nove, ou dez, mas – se considerarmos os versículos 10-12 de Mateus 5 como uma única bem-aventurança – o número parece oito).

Cada “bem-aventurança” começa com a palavra grega *makarios* – que costumeiramente é traduzida como “abençoado”, ou “feliz”. *Makarios* não tem nada a ver com “bênçãos”. Em vez disso, vem da palavra grega *mak* que significa “grande”, ou “extenso” e traz a ideia de alguém com um grande sorriso em sua face. É a palavra usada por Maria em Lucas 1:48 e é mais bem entendida por “bem-aventurado”, ou ainda “a ser parabenizado”.

As bem-aventuranças, ou “belas atitudes” dão uma descrição de caráter geral dos discípulos que estão vivendo “no reino”. Enquanto lemos, observamos que devemos nos parecer como um resultado do governo pessoal de Deus em nossa vida. Se vivermos plenamente sob o governo pessoal de Deus, podemos esperar ser marcados por essas atitudes.

## **Pobres de espírito**

Há uma ordem estrita e importante com relação às atitudes (bem-aventuranças). “Quão bem-aventurados são os pobres de espírito, pois herdarão o reino dos céus”, vem em primeiro lugar. As outras sete atitudes, e o restante do Sermão do Monte, partem totalmente dessa primeira e fundamental atitude.

Ninguém pode ser parte do Reino de Deus a menos que seja pobre de espírito, pois esta é a característica básica de todo cristão verdadeiro. Todas as outras características são, em certo sentido, somente um resultado de ser pobre de espírito. Quando Jesus era bebê, Simão disse a Maria e a José, em Lucas 2:34, que a criança traria “ruína como para levantamento de muitos”. Desde então, tem sido um importante princípio cristão que a crucificação venha antes da ressurreição, que a queda venha antes do levantamento; que o melhor esteja sempre por vir para aqueles que estão em Cristo.

Pobreza de espírito é o ponto de entrada para o reino, mas assim que o levantamento segue a queda, então as delícias do reino – a alegria, frutos, herança e recompensas – vêm para aqueles, e tão-somente para aqueles, que são genuinamente pobres de espírito.

Que é pobreza de espírito?

Quando lemos o Sermão do Monte, vemos famosas frases como:

- “Dê a outra face” – 5:39
- “Não se preocupe com o amanhã” – 6:34
- “Ame seus inimigos” – 5:44
- “Dê a qualquer um que pedir” – 5:42

Essas não são novas regras que significam expulsão do reino se quebradas. Elas não são um código de lei que resulta em multas, ou punições quando rompidas, em vez disso, elas são como uma bela montanha deslumbrante que desejamos escalar, foi dito que devemos escalar, mas que sabemos que está absolutamente além de nós.

O sermão é algo absolutamente impossível de se cumprir. Qualquer um que o lê e então tenta viver na própria força mostra que não o compreendeu. Assim como com a montanha incrí-

velmente alta, há somente uma reação sensível ao sermão – um olhar desejoso e um sofrido clamor: “Eu realmente quero fazer, mas eu sei que não posso! Alguém poderá me ajudar?”

Qualquer um que clamar estas palavras – ou palavras como estas – com profunda sinceridade mostra que é pobre de espírito – e que o reino dos céus é dele. Ser pobre de espírito significa reconhecer que – tanto quanto a nossa relação com Deus é importante – somos absolutamente afligidos pela pobreza e falência.

Essas passagens nos ajudam a entender a pobreza de espírito mais plenamente:

- Efésios 2:1-10 – sabemos que estamos mortos e traspasados pelo pecado
- Mateus 23:25-28 – sabemos que somos indulgentes conosco mesmos, e hipócritas
- Isaías 6:5 – sabemos que temos “lábios impuros”
- Lucas 5:8 – sabemos que somos intrinsecamente pecadores

Não é pobreza material

Pobreza de espírito é difícil de descrever, mas óbvia quando observada. É importante que entendamos que não é a mesma coisa que ser pobre. Jesus não disse que os pobres em coisas materiais são afortunados. Contudo, os pobres podem ser mais semelhantes aos pobres de espírito do que os ricos – o que, talvez, seja uma das razões de a igreja crescer mais rápido em nações mais pobres do que nas mais ricas.

Vimos que Jesus pede aos Seus seguidores para desistir de tudo e segui-Lo, e os pobres têm menos para desistir do que os ricos. Talvez isso explique o princípio de Jesus em Lucas 18.25.

Não é popular

Pobreza de espírito não é uma ideia popular no mundo. Revistas e programas de TV não oferecem anúncios de como se tornar pobres de espírito hoje. Em vez disso, o mundo defende a autoconfiança, a autorrealização e a autopromoção. A visão do mundo dessa bem-aventurança poderia ser “Quão afortunados são os

autoconfiantes, pois prosperidade e popularidade os seguirão”.

O mundo encoraja pessoas a “crerem em si próprias”. Pobreza de espírito é exatamente o oposto. É:

- A completa ausência de orgulho
- Não ter ambição egoística
- Não possuir indícios de estar seguro por si mesmo
- Não ter autoconfiança alguma

Um homem ou mulher somente são pobres de espírito quando eles carregam consigo em todos os momentos uma total consciência de sua plena nulidade quando comparados com a mais plena realidade de Deus.

Jesus foi pobre em espírito

É verdade nesse mesmo sentido que Jesus não depende de Sua habilidade. Sabemos que Jesus alimentou milhares, acalmou tempestades, curou enfermos, ressuscitou mortos, expulsou demônios e ensinou com grande autoridade. Ainda, vimos também que Ele disse que não faria nada por si mesmo. Isso tem de ser uma mentira ou a verdade mais revolucionária em todo o universo.

Parece que Jesus podia fazer *qualquer coisa*. Mas Ele sabia que a verdade eterna e absoluta, por Ele mesmo, em Sua mera humanidade, que Ele não poderia fazer *nada*. Ele sabia que para ir a qualquer lugar, fazer qualquer coisa, ajudar a alguém, conseguir algo, Ele carecia do Deus Todo-poderoso, todo-amor.

Os apóstolos eram pobres em espírito

Da mesma forma para os líderes da Igreja Primitiva. Eles não eram fracos naturalmente retraídos, ou carentes de coragem. Eles não tentaram criar pobreza de espírito fingindo ser humildes, ou alardeando suas inaptidões.

Em vez disso, eles estavam tão perto de Deus que reconheceram que suas habilidades naturais, qualificações formais, *status* terrenos, ou bom comportamento foram considerados como uma pilha de esterco e um empecilho para o caminho melhor de descansar no governo pessoal de Deus.

Temos de ser pobres de espírito

Devemos ser da mesma forma, hoje. Os pobres de espírito são discípulos que não confiam em sua formação, sua educação, não dependem de sua riqueza, ou classe social. Eles sabem que, em comparação com Deus, são tão úteis quanto um pára-quadras de concreto.

Discípulos não são pobres de espírito por ser inadequados ou reprimidos. Em vez disso, nos tornamos pobres de espírito passando tempo contemplando Deus e seguindo a Jesus – dessa forma chegamos a compreender como somos comparados a eles.

Por intermédio dessa característica básica, os pobres de espírito se tornam aqueles que são considerados afortunados – porque deles é o reino dos céus. Os capítulos 6:10 e 8:9 de 2 Coríntios ilustram como todas as bênçãos do reino vêm àqueles que têm essa atitude fundamentada.

## **Lamento**

Assim como a primeira atitude, a segunda mostra claramente que o caráter central do reino é notavelmente diferente da atitude normal do mundo, nos dias de hoje. É totalmente absurdo por razões humanas.

A sociedade repudia o lamento. O mundo prepara vidas para evitar o lamento. Pessoas encorajam umas às outras a esquecerem seus problemas e a colocá-los de lado. Centro de diversão, entretenimento doméstico e risadas enlatadas estão na moda. Ainda que Jesus contradiga tudo isso: “Bem-aventurados os que choram, porque eles serão confortados”.

Até mesmo as igrejas têm sido afetadas pela ação da sociedade. Se Jesus visitasse algumas congregações hoje e as incitasse ao lamento, os líderes provavelmente O corrigiriam e diriam a Ele para regozijar-se, e alegrar-se, sorrir e ser feliz, ser alegre e louvar a Deus. Contudo, Jesus disse que aqueles discípulos que vivem sob Seu governo seriam marcados por uma atitude que valoriza o lamento.

Que é lamento?

Assim como a primeira atitude não estava relacionada a algo financeiro, mas a algo espiritual, a segunda atitude também é mais relacionada ao lamento espiritual, do que o lamento natural.

Todas as oito atitudes (bem-aventuranças) se referem à condição espiritual e à atitude espiritual. Isso significa que são recomendáveis aquelas pessoas que lamentam em espírito – elas são os discípulos afortunados que serão recompensados com o conforto pessoal de Deus.

Todos se lamentam naturalmente em momentos tristes da vida, mas poucas pessoas lamentam em espírito. E menos ainda, discípulos de Jesus, são caracterizados por um profundo lamento que reflete o modo que Ele lamentou por Jerusalém, por causa dos líderes religiosos dos Seus dias, e pelos Seus amigos mais chegados, quando eles discutiam entre si.

Aqueles que lamentam em espírito são os que pranteiam com Deus sobre as coisas que O fazem chorar. Paulo chama isso “tristeza segundo Deus” em 2 Coríntios 7:10. Eles lamentavam por si próprios, por causa da humanidade falha deles, pelo bem que desejavam fazer, mas não faziam, e pelo mal que faziam e não desejavam fazer. Reconheceram que eles eram como um ovo rachado, ou como uma pizza com a data vencida – ainda útil, mas não tão bons como deveriam ser. Tiago 4:7-10 e Isaías 6:5 contextualizam este ponto.

Pelo que lamentamos?

- Lamentamos pela nossa falta de vontade em amar nossos inimigos, em dar a quem nos pede, em oferecer a outra face, e assim por diante. Deveríamos lamentar por nossa falta de vergonha em colecionar roupas, carros e tranqueiras eletrônicas quando seguimos Aquele que nos disse para vendermos nossas posses e doá-las aos pobres. Deveríamos lamentar porque reconhecemos que somos com um Rolex, ou tênis falsificados



– úteis, mas não tão bons como os artigos que imitam.

- Deveríamos lamentar pelo planeta de Deus poluído, pela ganância humana que destrói florestas, envenena a atmosfera, vende armas, enche rios com pesticidas e sufoca pessoas com fumaça.

- Deveríamos lamentar por justiça humana: pelos impostos injustos, pelos sem-teto e refugiados, pelo modo que tratamos o que ainda está em gestação, os presos, os mentalmente doentes e os mais idosos.

- Deveríamos lamentar pela falta de conforto social, a fragmentação social e o amor ao materialismo que é a raiz de todos os males; pela apatia do nosso vizinho com relação a Deus e a nossa apatia com relação ao destino eterno do nosso vizinho.

Esses lamentos, que podem ser observados no salmo 119:136, não são mórbidos, falsos, ou hipócritas. É a liberdade, o modo visionário de encarar as coisas, e um estímulo pleno do Espírito, ação social divinamente direcionada. É a mais sincera e acurada avaliação das pessoas que somos e do mundo em que vivemos – é o verdadeiro pensar cristão – é a genuína *metanoia*.

### A recompensa de Deus aos que lamentam

Jesus promete que todos aqueles discípulos que lamentam agora irão um dia ser confortados – por isso eles são afortunados. Se lamentarmos com Deus hoje, seremos confortados pelo Consolador amanhã.

Muitos discípulos não serão confortados por Deus no céu. Alguns criaram o próprio conforto na terra com uma “alegria” artificial e um triunfalismo de “felizes aplausos”.

Outros confortaram a si mesmos, ou escolheram o conforto da adulação, ou escapismo. Outros ainda não serão confortados porque estão tão preocupados para lamentar, ou foram ensinados a não lamentarem.

Mas quão afortunados são aqueles que lamentam espiritualmente porque eles serão confortados pelo próprio Deus. Como em Isaías 12:1-6; Salmos 30:5; 32:1,2 e Romanos 4:7,8, nossa tristeza segundo Deus terminará em alegria e regozijo.

## Mansidão

Todos os dias, guerras esbravejam, seja como nações, ou grupo de pessoas, tentando estabelecer sua supremacia sobre parte da terra. A maioria das pessoas acredita que, por fim a “força” triunfará sobre o “correto”, mas Jesus sugere algo diferente.

A terceira atitude do reino diz o seguinte: “Bem-aventurados os mansos, pois eles herdarão a terra”. Controle do mundo, autoridade universal, posse deste planeta – tudo isso não será dado ao forte, ou ao poderoso, nem ao rico, ou ao muito organizado, mas ao manso.

Parece absurdo. É o inverso da experiência humana e o oposto ao pensamento mundial. Novamente, Jesus revela o quanto necessitamos de uma revolução mental para viver no reino. Seu modo de pensar é fundamentalmente oposto à sociedade moderna.

Muitas igrejas concordam com o mundo. Elas gostariam de ser maiores e mais poderosas para que pudessem dominar sua parte da terra. Elas estão ansiosas por serem ouvidas na mídia. Elas se tornam confiantes e oram por mais poder. E Aquele a quem elas oram responde: “Bem-aventurados os mansos, pois eles – e tão-somente eles – herdarão a terra”.

## A ordem das atitudes

As oito atitudes (bem-aventuranças) seguem uma ordem lógica. O pobre de espírito começa a se lamentar quando ele se torna consciente da extensão da sua falha – e essa consciência naturalmente leva à mansidão.

A primeira atitude chama-nos a admitir a nossa fraqueza e falta de habilidade. A segunda chama-nos não somente a reconhecer a nossa pobreza de espírito, mas também a lamentar por ela. A terceira atitude – mansidão – nos conduz ainda mais a Deus, em direção ao ponto em que deixamos de pensar em nós mesmos e começamos a pensar nos outros.

Muitos ficam satisfeitos em condenarem a si mesmos, mas não gostam quando outros apontam falhas. As duas atitudes ajudaram os discípulos de Jesus a examinarem a si mesmos

honestamente. Discípulos mansos caminham um passo à frente e permitem que outros também os examinem.

### **Que é mansidão?**

Filipenses 2:5-11 relata que Jesus tinha o direito de igualdade com relação a Deus, mas escolheu não o afirmar, em vez disso, seguiu o caminho de escravo. Esta é a atitude de mansidão que os discípulos deveriam ter – tanto diante de Deus, quanto diante de cada um.

- Mansidão diante de Deus envolve ser grato, dedicado, alegre e submisso a Ele.
- Mansidão diante de homens envolve ser gentil, que aprende facilmente e perdoador. Podemos observar isso em Filipenses 4:5; Gálatas 6:1; Mateus 11:28-30; Isaías 50:4,5; 1Coríntios 13:5; Romanos 12:17-21 e 1Pedro 2:23.

Pessoas mansas são pacientes; não se importam de serem ignoradas, ou criticadas; elas permitem que outros tenham prioridade.

Pessoas mansas não são pessoas fracas: elas são pessoas fortes que agem gentilmente. Elas não são tolas para serem facilmente enganadas, são pessoas sábias que respondem humildemente. Não são tímidas que ficam temerosas de expor suas opiniões, elas são pessoas articuladas que falam discretamente. Elas não são pessoas normais que exigem as coisas a seu modo, elas são o povo de Jesus que segue o caminho de Deus – como em Atos 8:32; João 13:5; Lucas 10:3 e Mateus 16:24.

Pessoas mansas não se preocupam consigo mesmas, ou com o que as pessoas dizem a seu respeito – porque elas sabem que não vale a pena se defender. Elas não passam tempo em auto-comiseração, porque encontraram consigo mesmas e sabem que não têm direito algum. Sendo pobre de espírito, elas sabem que ninguém pode dizer, ou fazer nada a elas que seja ruim – elas sabem que merecem isso e ainda mais.

O verdadeiro discípulo está sempre maravilhado que Deus e outras pessoas possam pensar sobre elas, como também elas o fazem. E essa é a mansidão essencial que nos possibilita ver e aceitar que estamos em Cristo.

### A recompensa da mansidão

Jesus promete que os mansos herdarão a terra. Na dimensão do “agora” do reino, isso já é parcialmente verdade. Pessoas mansas estão satisfeitas e contentes. Elas podem desfrutar de coisas sem desejar possuí-las. De certo modo, já herdaram a terra, pois estão livres para desfrutá-la, sem querer possuí-la, ou controlá-la.

Contudo, esta é outra óbvia promessa “ainda não” do reino – segundo o que está escrito em Lucas 14:11; Romanos 8:17; 1Coríntios 2:9; 2 Coríntios 6:10, e Apocalipse 21:7. Os caídos serão erguidos. Os últimos serão os primeiros. O crucificado será ressurreto. O manso herdará a terra. Esta é tanto uma terrível decepção quanto uma maravilhosa verdade.

### Fome de justiça

As quatro primeiras atitudes destacam a falência espiritual e esmagadora inadequação sentida pelos discípulos autênticos. Aqueles que vivem sob o governo de Deus são pobres de espírito, lamentam, eles são mansos diante de Deus e outras pessoas, e agora a quarta atitude nos revela que eles estão vazios e desejosos de ser cheios. “Bem-aventurados os que têm fome e sede de justiça, porque serão fartos”.

### Procurando felicidade

O mundo está procurando por *makarios*. Ele quer grandes sorrisos e boa fortuna. Está cheio de pessoas que procuram por felicidade. Mas elas estão procurando tanto no lugar, quanto do modo errados.

Jeremias 2:13 relata que as pessoas cometeram dois atos maus. Não somente elas abandonaram a Deus – a contínua fonte a jorrar água da vida – também se fizeram como tanques para reter e regular água. Mas os tanques estão quebrados, não funcionam.

Deus é a fonte de vida, amor, alegria, satisfação e contentamento. Somos feitos por Ele, e para Ele. Só podemos experimentar verdadeira felicidade Nele e por Ele – por meio da dependência do Seu suprimento de água viva. Ainda que o tenhamos

rejeitado e tentado criar reservatórios alternativos de felicidade. O mundo considera encontrar felicidade fazendo-a sua prioridade. Jesus diz que felicidade é um subproduto do buscar a justiça de Deus.

### **Fome e sede**

A quarta atitude (bem-aventurança) fala de discípulos famintos e sedentos. Poucos cristãos ocidentais experimentaram o que é fome e sede de verdade. Podemos ficar sem uma refeição e nos sentir um pouco desejosos de comer algo. Podemos precisar de um frescor em um dia quente e ter de andar um quilômetro a mais até um riacho, ou uma cafeteria. Nossas vidas de conforto têm desvalorizado as palavras “fome” e “sede”.

Jesus está usando palavras que descrevem desespero completo. Seus discípulos deveriam ser marcados por esse tipo de preocupação. Somente uma coisa importa. Tudo o mais é secundário. Eles sabem que estão vazios e desesperados por se tornarem cheios. Estar verdadeiramente com fome e sede de algo é tornar isso a prioridade e o propósito na vida, e persistir até alcançar.

### **Que é justiça?**

Discípulos verdadeiros que compartilham as atitudes de Jesus estão famintos por justiça – como o Salmo 27:4 descreve. A palavra grega utilizada aqui na bem-aventurança é *dikaïosune* e relata o caráter de “se encontrar correto diante de Deus”. É uma palavra que aparece com frequência em Mateus – Mateus 6:33 relata que é uma característica central do reino.

No Evangelho de Mateus, “justiça” é equivalente a “boas obras”. Em 5:16, por exemplo, “boas obras” parece sinônimo de “justiça”, ou “conduta justa” que Jesus destacou com ênfase nas bem-aventuranças. Isso significa que justiça em Mateus se refere à conduta ética que Deus requer de Seus discípulos, e não deve ser confundida com o entendimento de Paulo sobre justiça como um dom da graça pelo qual o homem pode estar em uma relação correta com Deus. Devemos entender e experimentar os

dois conceitos. Somos justificados pela fé como um dom gratuito de Deus e somos também chamados a ser justos em nossas atitudes.

Ser justo simplesmente significa “conformar-se ao governo de Deus, ou vontade revelada” – podemos observar isso em Mateus 3:15; 5:6,10,20; 21:32; João 16:8,10; Romanos 6:12-23; Efésios 6:14; Tiago 1:20; 3:18. Estar com fome de justiça é estar com fome de Deus e sedento para se conformar à vontade de Deus – querer agradar a Deus por viver sob Seu governo e fazendo boas obras.

Quando estamos cheios?

A promessa de Jesus é de que todos que têm fome e sede de justiça serão fartos. Ele não especifica com o que estão cheios, mas deve ser com a justiça de Deus. As quatro atitudes seguintes descrevem o que isso significa em detalhes.

Ele também não diz *quando* estarão cheios – exceto que deve ser depois de eles terem começado a estar famintos e sedentos. Contudo, o Novo Testamento revela que a tensão do reino “agora” e “ainda não” se repete novamente.

- Romanos 5:1 fala sobre o dom da justiça por meio do qual somos justificados perante Deus, o qual cada discípulo recebeu, e o teve iniciado em nossas vidas.
- 2 Coríntios 3:9-18 descreve um crescimento progressivo na justiça.
- 2 Pedro 3:13 aponta para o novo céu e nova terra nos quais existirá somente a justiça.

### **Misericórdia**

A quinta atitude (bem-aventurança) é outro estágio no desenvolvimento de um caráter como o de Cristo. As quatro primeiras enfatizam nossas necessidades primordiais; agora, com a quinta, o lado positivo começa a se manifestar: “Bem-aventurados são os misericordiosos, pois eles alcançarão misericórdia”. Discípulos que vivem sob o governo pessoal de Deus serão essencialmente misericordiosos.

As quatro atitudes finais são todas baseadas nas quatro primeiras. Na verdade, elas são suas consequências diretas, pois são o caráter que se desenvolve naqueles discípulos que veem a si próprios com sinceridade e conhecem a base de seu relacionamento com Deus.

Jesus está sempre mais preocupado com o procedimento de Seus seguidores, do que com suas ações, com os seus pensamentos, do que como comportamento deles. Então, aqui, em vez de elogiar aqueles que praticam atos de misericórdia, Ele se identifica com aqueles que estão cheios de misericórdia. Eles estão repletos até o fim desse último procedimento, agora Ele revela com o que eles estiveram cheios.

No reino, o “fazer” flui do “ser”. Nossas ações expressam o que somos – elas demonstram nossas atitudes mais internas; e a vida dos discípulos deveria mostrar misericórdia porque ninguém pode ser um discípulo sem ter experimentado a misericórdia de Deus.

Que é misericórdia?

Misericórdia não é uma atitude displicente que diz que nada importa, que leis não são importantes e que pessoas podem fazer o que gostam. A misericórdia que Jesus descreve deve ser o oposto a isto, como se encontra em pessoas que foram cheias com a maneira divina de um ser reto. Misericórdia só é autêntica quando é colocada no contexto de fome pelos altos padrões de Deus e da vida perfeita de Jesus.

Alguns fiéis parecem que param nesta quarta atitude. Eles sabem que Deus é justo e santo. Eles conhecem os padrões e estão famintos por eles. Mas passam a emitir juízos, não misericordiosos. Eles podem mostrar a justiça de Deus, mas não mostram sua misericórdia – então fornecem uma falsa imagem de Deus ao mundo. Efésios 2.4 revela o quão Deus é rico em misericórdia, e deveríamos refletir isso em nosso proceder e ações.

Misericórdia é exatamente como a graça. Descreve o modo pelo qual Deus dá tudo às pessoas indignas sem qualquer cláusula, ou condição. Graça está ligada às pessoas e ao seu pe-

cado, enquanto que misericórdia está associada a elas no seu sofrimento. Graça é a palavra para a resposta de Deus ao pecado humano como um todo; misericórdia é a palavra para o modo que Ele lida com o sofrimento causado pelo pecado.

Misericórdia é piedade prática pelo sofrimento de uma pessoa em particular – mais um desejo, uma intenção e uma ação de aliviar aquele sofrimento. É empatia misturada à ação. É sobre isso que lemos em Lucas 10:25-37, e Marcos 1:40.

É claro que, muitas pessoas comuns têm seu tipo de sentimento por aqueles que são obviamente necessitados. A misericórdia de Jesus vai muito além, para o sofrimento Ele se apieda e procura aliviar incluindo coisas que pessoas comuns estão desejosas – as misérias do materialismo, a riqueza, o poder, a ganância e outras consequências do egoísmo e do pecado.

Eles demonstrarão misericórdia

Somente Deus é o exemplo a ser seguido. Ele deu esse planeta à humanidade. Nós o arruinamos. Ele nos deu liberdade para amá-Lo. Nós O rejeitamos. Ele enviou Seu Filho para nos mostrar o Seu amor. Nós O crucificamos. Ele vê o nosso sofrimento, a nossa miséria, a nossa ambição e o nosso amor pelas posses. Ele ouve nossas mentiras, nossa arrogância, nossa postura e nossa confiança em falsa sabedoria. E Ele responde a tudo isso com ainda mais graça e misericórdia.

Os bem-aventurados a quem Jesus elogia são os que já reconheceram exatamente quem eles são. São pobres de espírito – e Ele lhes dá o Seu reino. Eles lamentam – e Ele os conforta. Eles são mansos – e ele lhes promete a terra. Eles estão famintos pelo seu reto ser a agir – e Ele os enche completamente.

Sem dúvida a experiência passada e presente da misericórdia divina afetará nossa atitude para com outros. Certamente a consciência de nossas faltas e falhas nos tornará propensos a reagir com misericórdia para com outros que sofrem por deficiências humanas similares.

Começaremos a ser cheios de atitude de misericórdia quando soubermos o quanto estamos em débito com a misericórdia de



Deus – quando nos tornarmos profundamente conscientes do fato de que somos apenas o que somos por causa da graça infinita de Deus.

Uma experiência futura

Ainda que tenhamos experimentado a misericórdia divina, a promessa de Jesus de misericórdia, aqui, está colocada no futuro. Isso mostra uma atitude misericordiosa e não uma condição para a salvação – em vez disso, é uma evidência de discipulado.

A qualidade de ser parecido com Cristo – como tantas outras – atrai as bênçãos de Deus. Será recompensada no último dia. Se recusarmos demonstrar misericórdia – ou outra atitude do reino – não perderemos a nossa salvação, mas traremos desgosto para o nosso Pai celestial.

### **Limpos de coração**

À primeira vista, a sexta atitude (bem-aventurança) parece estar no lugar errado. “Bem-aventurados os limpos de coração, pois eles verão a Deus” é uma promessa realmente maravilhosa que se pensaria que deveria estar em um dos extremos da lista. Mas as atitudes estão dispostas em uma ordem lógica. Cada uma segue a anterior, cada uma é mais difícil do que a anterior – e somos chamados a perseverar em todas elas, em direção ao coração de Deus.

Muitos discípulos que são pobres de espírito, que sabem que não são nada comparados a Jesus, continuam a lamentar por suas falhas. Alguns dos que lamentam pelo que há de pior em si mesmos tornam-se mansos diante de outros e permitem que estes os examinem também. Outros mansos, não contentes com suas falhas, continuam famintos e sedentos de justiça. Alguns discípulos que experimentaram a graça e a misericórdia de Deus tornaram-se misericordiosos para com outros. E outros que estão cheios de misericórdia seguem no governo de Deus e se tornam limpos de coração.

Como as outras, esta atitude mostra que Jesus está mais interessado com o interior, do que com o exterior. Jesus não elogia o limpo quanto ao comportamento, porque Ele está mais interessa-

do com o caráter do que com a conduta. Igualmente, não elogia pureza doutrinária. O chamado do reino e das cinco primeiras atitudes devem nos levar a esperar que Jesus elogie “o puro intelecto”. Mas Jesus diz que o limpo de coração é bem-aventurado porque eles – e tão-somente eles – verão a Deus.

Que é ser limpo de coração?

Nos dias de Jesus, o coração era a figura em que se encontrava a personalidade humana, o centro do ser, o interior, o invisível “eu” mencionado em 1Samuel 16:7 e 1Pedro 3:4. Jesus está se referindo aos discípulos que são limpos em seus pensamentos, emoções e desejos – para aqueles que são limpos no centro de seu ser, diretamente na fonte de suas atitudes e emoções.

Uma das mensagens centrais da Escritura é “guarda o teu coração”. Vemos isso em Provérbios 4:23 e Mateus 15:8. Isso significa duas coisas:

- Ser lavado, esfregado e completamente limpo e purificado.
- Não ter nada escondido, ter sido trabalhado – honesto, franco, mantenedor de sua palavra.

Uma visão de Deus

Assim como as outras promessas, esta está ligeiramente ambígua. Jesus não deixa claro, agora, onde, ou quando o coração limpo verá a Deus. Ele simplesmente destaca que eles O verão! Vemos isso em 1Timóteo 1:17; 6:16; 1Coríntios 13:12; 1João 3:2.

Novamente, isso é cumprido parcialmente “agora” e mais completamente “então”. De certa forma os discípulos já viam Deus de um modo que ninguém via – na criação, outras pessoas, eventos, fiéis, louvor, a Escritura e a experiência do dia-a-dia. Toda esta parte do ver Deus – mas isso é nada comparado ao modo que os limpos O verão no futuro.

Quando temos um encontro com uma pessoa importante, nos lavamos cuidadosamente, nos vestimos adequadamente e pensamos no que vamos dizer. Quando aproveitamos a chance de ver Deus, tudo o mais se torna insignificante. Quando percebemos que temos a chance de ver o Rei dos reis, damos tudo de nós para aproveitar essa oportunidade.

Somente os limpos de coração O verão, e ninguém pode tornar seu coração limpo. Podemos evitar que seja limpo; podemos dificultar o processo; mas não podemos purificá-lo por nós mesmos. Isto é obra de Deus.

- Ele exige pureza absoluta – Salmo 24:4; Hebreus 12:14; Apocalipse 21:27.
- Ele provê pureza interior – 1João 1:7; Ezequiel 36:25-27; Hebreus 10:22; 1Coríntios 6:11.

Mas Romanos 8:5; Salmo 86:11; 2Coríntios 6:17 – 7:1; Efésios 5:3-10 relatam que devemos ter um genuíno “desejo do coração” por Deus. Devemos querer ser governados por Deus, para ter Suas atitudes, para ser como Jesus.

### **Pacificadores**

Esta é uma característica básica da humanidade decaída desejar controlar, dominar, ser poderosa. Mas essa não é a maneira de Jesus. Ele não enalteceu os guerreiros ou os reis, o poderoso ou os líderes, ao contrário, Ele disse: “Bem-aventurados os pacificadores, porque eles serão chamados filhos de Deus”.

Apenas os discípulos que são pobres de espírito entrarão completamente no Reino de Deus. Alguns estão paralisados pela consciência de sua pobreza, enquanto o restante alcança progresso espiritual e chora suas faltas. Uns que começam em choro terminam em gemidos, outros se tornam fracos. Um ou dois dos fracos se torna passivo, mas a maioria continua faminta por estar na presença de Deus.

Tristemente, alguns daqueles que provam a retidão de Deus se tornam duros; mas outros são cheios de misericórdia. Alguns discípulos misericordiosos se conformam com o segundo lugar, mas todos nós somos chamados a progredir pela pureza de coração. Alguns dos puros optam em ficar fora do mundo, mas Deus quer que todos nós alcancemos o ponto em que as bem-aventuranças se tornam nossas ações, onde nosso caráter mostra a si mesmo em conduta, onde nosso estar cheio com e por Deus tem um resultado profundamente prático e cristão.

É importante entender que todos nós podemos progredir por

intermédio de todas as bem-aventuranças. O fato que alguns crentes, às vezes, apostatam não significa que vamos todos rumo à estagnação em nossa vida espiritual. Jesus nos chama para segui-Lo, e Ele nos provê com tudo que precisamos para segui-Lo profundamente em Seu reino maravilhoso. Todos nós poderemos alcançar o ponto em que estaremos cheios de Suas bem-aventuranças, então devemos nos manter seguindo ao longo do caminho de Deus – mesmo quando ele for estreito e difícil.

Essas bonitas bem-aventuranças revelam que as pessoas que estão cheias da presença de Deus têm três características positivas – misericórdia, pureza e pacificação. Esses são os ingredientes chave nos discípulos que são governados por Deus.

Da mesma maneira que cada bem-aventurança se torna mais dura, então cada promessa fica melhor. Os discípulos que são pacificadores serão chamados ‘filhos de Deus’. Eles não serão apenas clientes, espectadores, membros, cidadãos, empregados, companheiros ou discípulos – eles também serão filhos. Eles terão uma nova identidade para prosseguir com sua nova natureza, e um novo relacionamento que combina suas bem-aventuranças.

O que é ser pacificador?

Os pacificadores não são briguentos ou argumentativos. Eles não saem de seus caminhos para causar problemas. Eles não estão preocupados com eles mesmos. Ao contrário, eles saem de seus caminhos, com grande custo pessoal, para manter as pessoas unidas em um relacionamento cheio de paz que é baseado na justiça de Deus.

Os pacificadores não são superssensíveis ou defensivos. Eles não olham para as situações e perguntam como elas afetarão a eles ou o seu grupo. Ao contrário, eles são puros, submissos, humildes. Eles estão mortos para o ego e o egoísmo – quando eles encaram uma situação apenas perguntam como ela afetará outras pessoas.

Os pacificadores devem, antes de tudo, ser compassivos e misericordiosos. Eles olham para as pessoas perdidas em sua

raiva e amargura e percebem que elas estão perdidas no egoísmo e pecado. Eles sabem que essas pessoas estão indo para o inferno – e isto aumenta sua compaixão e misericórdia. Então, eles fazem alguma coisa.

Os pacificadores são pessoas profundamente práticas. Eles fazem todas as coisas que o restante do Sermão do Monte descreve:

- Eles fazem da reconciliação uma prioridade
- Eles caminham a segunda milha
- Eles viram a outra face
- Eles amam seus inimigos
- Eles ajudam a todos que pedem
- Eles mantêm sua generosidade e retidão para consigo mesmos
- Eles servem a Deus e não ao dinheiro
- Eles colocam seus corações no Reino de Deus
- Eles não julgam os outros
- Eles não se preocupam

Em um sentido, o restante do Sermão do Monte é somente uma longa descrição do pacificador prático. Isso acontece por causa das belas atitudes e ilustra as consequências de ser governado por Deus – de viver em Seu reino.

Retornando ao começo, vimos que essas duras declarações de Jesus são impossíveis de seguir por nosso esforço próprio, e agora podemos observar que elas são o resultado natural de seguir a Cristo e progredir da pobreza de espírito para a santa paz de Deus.

### Filhos de Deus

Os discípulos que fazem da eterna paz terrestre sua prioridade serão declarados por Deus como seus filhos. Isto é por que muitas das promessas da Bíblia de recompensa e galardões divinos não lidam com demônios, mas para estrangeiros bem-vindos, alimentam o faminto e abrigam os sem-teto.

Ser um filho de Deus é ser um irmão ou irmã de Jesus. Ele mostrou todas as oito bem-aventuranças todo o tempo, mas

sua mais alta prioridade era fazer a paz – paz entre Deus e nós mesmos, e paz entre as pessoas. Ele é ‘o Príncipe da Paz’ – o pacificador supremo – e todos aqueles que O seguem devem ser iguais a Ele.

### **Perseguidos**

Todas as primeiras sete atitudes (bem-aventuranças) sublinham o fato que o reino é muito diferente do bom senso da moderna sociedade. A oitava atitude (bem-aventurança) é uma grande surpresa: “Bem-aventurados os perseguidos por causa da justiça, porque deles é o reino dos céus”.

Hoje, nós lamentamos por aqueles que são perseguidos. Procuramos ajudá-los. Lutamos por eles. Algumas vezes nós os admiramos; mas não os invejamos ou pensamos que eles são afortunados. Jesus afirma – eles serão perseguidos por causa da justiça.

As primeiras sete atitudes (bem-aventuranças) descrevem os discípulos que são governados por Deus. A atitude final é mais o resultado inevitável das outras sete do que uma atitude separada. Porém, é um relato de um autêntico seguidor de Jesus.

O mundo não virá para o cristianismo com base nas bem-aventuranças. Choro, mansidão, misericórdia e pureza não são ideias atraentes para mentes contemporâneas. Ser perseguido é muito menos aceitável. A sugestão de Jesus é que estar cheio com Suas bem-aventuranças é estar inclinado a fazer a perseguição parecer destinada a colocar as pessoas de fora em vez de se tornar um discípulo para toda vida. Mas Jesus sempre diz a verdade completa, e então nos deixa escolher se O seguimos ou não em Seu caminho estreito.

### **A recompensa**

A promessa de Jesus para o perseguido é a mesma promessa para o pobre de espírito: o reino do céu. Ao começar e terminar com a mesma recompensa, Ele mostra que o envolvimento pro-

fundo com Seu reino celestial é Seu dom mais importante de todos.

Os discípulos de Jesus estavam, com muita frequência, empolgados pela bajulação das multidões. Entretanto, Jesus lhes disse, em Lucas 10:17-20, para não regozijar em tais coisas. Ao contrário, eles deveriam se regozijar porque seus nomes estavam escritos no céu.

E o mesmo acontece aqui. Aqueles que têm na terra a promessa de serem confortados e cheios por Deus, para ver Deus e ser conhecidos como Seus filhos, são lembrados que nenhuma dessas coisas maravilhosas é tão importante quanto estar profundamente envolvido em Seu reino. Isto é tanto o começo quanto o fim do verdadeiro discipulado.

#### Pela causa da justiça

Jesus não promete grandes recompensas para os perseguidos. Ele não promete nada para aqueles que são perseguidos porque são desajeitados ou questionáveis, ou por causa de seu domínio ou política. Ele não recomenda aqueles que são fanáticos ou aqueles que estão em dificuldade porque são tolos no modo que testemunham a sua fé.

Ele simplesmente afirma que aqueles que são perseguidos *por causa da justiça* receberão Seu reino e grande recompensa no céu. Isto está claro em Mateus 5:11,12. Ser perseguido por causa da justiça significa sofrer para ser igual a Jesus. Estar cheio com as bem-aventuranças é ser como Jesus – e Ele foi perseguido por causa do que Ele era.

Perseguição é a consequência inevitável de ser igual a Jesus. Por isso é que Ele disse a Seus seguidores para tomar sua cruz a cada dia, sabendo que a sociedade os odiaria, estar pronto para o sofrimento, decepção e morte – e se dar por afortunados porque o reino os aguardava. Nós podemos ver isso em João 15:18-21; Lucas 6:26; 1Pedro 2:19-23 e 2Timóteo 3:12.

## Oposição

Muitos crentes pensam que a fé cristã é intrinsecamente atraente. Eles creem que seus amigos logo se converterão se eles experimentarem adoração real, presenciarem um milagre autêntico ou encontrarem uma pessoa verdadeiramente cristã. Eles perderam a verdade dessa bem-aventurança.

O cristianismo autêntico tem sido profundamente repugnante para as pessoas comuns.

Os verdadeiros seguidores de Jesus sempre serão perseguidos porque existe algo extraordinariamente diferente acerca de Jesus e aqueles que são governados por Ele.

Seu ensino é incomum. Suas bem-aventuranças tornam as virtudes longe das ideias que a sociedade menospreza. A lição de história é que nossos amigos descrentes e parentes não abraçarão automaticamente o artigo genuíno quando eles virem isto. Alguns deles desejarão perseguir isto – da mesma maneira que seus predecessores perseguiram Cristo e os profetas antes Dele.

Qualquer um que verdadeiramente vive as sete bem-aventuranças experimentará a oitava. De maneira semelhante a Jesus, eles acharão que não são elogiados pelas pessoas religiosas de seus dias, eles serão perseguidos por elas.

Não existe nada que o mundo necessite mais do que mais pessoas governadas por Jesus que se tornem semelhantes a Ele. Não existe nada que a Igreja precise mais do que mais discípulos semelhantes a Jesus. E somente uma coisa é certa, eles serão perseguidos porque eles são iguais a Ele – e por isto eles receberão uma grande recompensa quando o reino finalmente vier em sua plenitude.

Enquanto o mundo perseguirá discípulos que são como Jesus, nós devemos lembrar que esses seguidores são aqueles que Deus mais prontamente usará para despertar o mundo de seu pecado e de sua necessidade do reino.





# O Mundo e o Reino

Como discípulos que entraram no reino e estão começando a viver debaixo do governo de Deus, nós somos pegos na tensão entre o ‘mundo’ e o ‘reino’. Nós temos de viver no mundo e no reino ao mesmo tempo.

A primeira seção do Sermão no Monte depois das bem-aventuranças, Mateus 5.11-16, lida com a reação de mundo para com o reino e as bem-aventuranças do reino para o mundo.

## **O mundo**

O Novo Testamento usa a palavra *kosmos* – mundo – de três maneiras:

- O mundo criado, a ordem inteira criada – João 1:10; 17:5 e Romanos 1:20
- A esfera da vida humana – o mundo dos seres humanos – no qual as pessoas nascem – João 3:16; 6:14; 9:5,39; 11:27; 12:19; 13:1; 14:19; 18:37; 1 Coríntios 14:10 e 1 Timóteo 6:7
- O mundo pecador que está em conflito com Deus – 1 João 2:15-17

Isto significa que quando nós virmos a palavra ‘mundo’ no Novo Testamento, é importante considerar qual sentido de *kosmos* está sendo usado. Caso contrário, grande confusão pode ocorrer. Por exemplo, João revela o grande amor de Deus para o mundo em João 3:16, embora o mesmo João nos oriente a não nos apaixonarmos pelo mundo em 1 João 2:15-17. João está obviamente usando *kosmos* em duas maneiras diferentes aqui

– em João 3:16 para se referir ao gênero humano, e em 1João 2:15-17 para se referir a um sistema que é organizado em ativa hostilidade e rebelião contra Deus. A advertência para ‘não amar o mundo’ não é a respeito do mundo da natureza ou o mundo dos homens, mas o mundo que se tem colocado propriamente em oposição a Deus.

É realmente esse o uso de *kosmos* que é analisado quando nós consideramos a oposição entre o reino e o mundo. Nesse sentido, ‘o mundo’ permanece como um sistema que está diretamente oposto a Deus, mas que tem mais que encontrado sua oposição em Cristo.

### **A oposição do mundo**

O Novo Testamento apresenta um retrato cheio e um gráfico claro da tensão entre o mundo e Deus.

- Jesus veio ao mundo, mas o mundo não O conheceu – João 1:10
- Longe de Jesus, o mundo está em escuridão espiritual – João 8:12; 9:5
- O mundo é antagônico a Jesus – João 7:7
- Jesus veio para julgar e lançar fora o governador do mundo – João 12:31; 14:30; 16:11 e 33
- Os discípulos não são do mundo – João 17:9,14 e 16
- Os discípulos são enviados no mundo para levar fé e conhecimento ao mundo – João 17:18,21 e 23
- Os discípulos não devem amar o mundo – 1João 2:15 e 16
- O mundo é passageiro – 1João 2:17 e 1Coríntios 7:31
- Ele não conhece Deus – 1João 3:1
- Ele odeia cristãos – 1João 3:13
- Ele recebe falsos profetas – 1João 4:1
- Ele tem o espírito do anticristo – 1João 4:3
- Ele escuta seu próprio povo – 1João 4:5
- Ele está somente no poder do mal – 1João 5:19
- Jesus é o salvador do mundo – 1João 4:14
- A fé em Jesus pode vencer o mundo – 1João 5:4,5
- O mundo está debaixo do julgamento de Deus – Romanos

3:16; 1Coríntios 6:2 e 11:32

- O espírito do mundo permanece contra o Espírito de Deus – 1Coríntios 2:12
- O mundo está sem esperança e sem Deus – Efésios 2:12
- Os cristãos são luz em meio a uma geração perversa, que vive no mundo – Filipenses 2:15
- Cristo reconciliou o mundo – 2Coríntios 5:19
- Os cristãos vivem no mundo sem pertencer a ele – Colossenses 2:20

Podemos ver que o reino e o mundo são profundamente antagônicos, e fundamentalmente opostos. Não pode existir nenhuma operação co-pacífica entre eles, pois o mundo se opõe à retidão do reino e o reino expõe os pecados do mundo. Tudo isso mostra a absoluta necessidade de as pessoas no mundo nascerem de novo – para serem mudadas por Deus do lado de dentro. Sem esse trabalho da Graça, não existe esperança alguma para eles.

### Ódio e perseguição

É o testemunho claro do Novo Testamento e a história da Igreja que o mundo odeia o autêntico cristianismo e se opõe a ele com perseguição. Nós não devemos esquecer essa verdade atualmente, visto que Deus de maneira crescente está abençoando a Igreja com crescimento. É inevitável que o mundo responderá, de alguma maneira, com a mesma oposição, ódio e perseguição que a Igreja enfrentou ao longo dos séculos.

- Mateus 5:11 mostra que nós podemos esperar ser ultrajados e perseguidos, e que o mal será falsamente atribuído a nós.
- Lucas 6:22 ensina que nós podemos antecipar ser odiados, excluídos, ultrajados e expulsos com um nome terrível.
- Atos 14:22 ensina que entrar no reino é estar cercado com muitas tribulações.
- 2 Timóteo 3:12 afirma que todo que deseja levar uma vida real em Jesus sofrerá perseguição.
- 1 João 3:12,13 nos diz para não ficarmos surpresos se o mundo nos odiar.

Por que o mundo persegue o reino?

O Novo Testamento delinea a oposição do mundo ao reino pelas tentativas de Herodes de matar Jesus, pelo encarceramento e morte de João Batista, a prisão e crucificação de Jesus, o encarceramento de Pedro e João, a morte de Estêvão e Tiago, a dispersão dos crentes, a larga oposição difundida a Paulo, e a tribulação registrada no livro de Apocalipse.

O Novo Testamento está mais preocupado em preparar os discípulos para a perseguição que explicá-la. Porém, parece que o mundo odeia pessoas que são governadas por Deus, porque suas vidas são radicalmente diferentes. O mundo nunca aceita as pessoas que são diferentes. Muito pior no comportamento humano é o preconceito: racismo, distinção étnica, *apartheid*, lutas de classe, sexismo, até o modo como pessoas se comportam quando elas encontram um mendigo ou alguém deficiente.

Os discípulos que estão cheios com as bem-aventuranças de Jesus são pobres de espírito, sofredores, puros, amorosos, generosos, misericordiosos, famintos pela justiça, preocupados com o comportamento pacífico, e opostos à hipocrisia. Eles são contra o pecado, o egoísmo e o materialismo. Eles não colocam a confiança em sua educação, seu treinamento, habilidades naturais ou cerimônias religiosas. Eles são contrários aos valores do mundo e sempre se distinguem como diferentes. Como resultado disso, o mundo responde com oposição.

Passagens como Colossenses 1.13 e 1 João 5.7 enfatizam as diferenças entre as pessoas governadas pelo mundo e aquelas governadas por Deus. As imagens iguais a 'luz e trevas' e 'vida e morte' mostram que o mundo e o reino não têm nada em comum – eles são totalmente diferentes. O Novo Testamento vai mais além, entretanto, e sugere duas razões primárias por que o mundo odeia os discípulos.

## 1. A Palavra

- João 5:24 sugere que ouvir a palavra de Jesus está ligado à transferência da morte para a vida do mundo para o reino.

- Mateus 13:18-23 revela que ouvir a palavra do reino é fundamental para a luta entre o mundo e o reino. O versículo 21 torna claro que a tribulação e a perseguição surgem por causa da palavra. O versículo 22 menciona que o mundo visa a sufocar a palavra.

- João 17:14 liga as palavras de Jesus com o ódio do mundo. Os discípulos são odiados porque eles 'não são do mundo'. E eles 'não são do mundo' porque eles abraçaram a palavra de Jesus.

Sabemos que o reino é o governo pessoal de Deus, e nós vimos que Ele nos governa pessoal e diretamente por intermédio de Sua palavra. Ele nos fala e nós respondemos à Sua palavra com confiança e submissão.

O mundo entende regras, sistemas, códigos – o legalismo está no coração do mundo. O reino, baseado na Palavra do Deus, é anátema para o mundo – e o mundo tentará destruir isso sempre.

## 2. O Cristo

- João 15:18-25 relata que o mundo nos odeia porque nós fomos escolhidos por Cristo e pertencemos a Ele. Eles odiaram Jesus antes de nos odiar. Eles nos odeiam porque Jesus nos buscou no mundo. Eles nos perseguem porque perseguiram a Ele. Eles se opõem a nós por causa do Seu nome – por causa de Jesus.

A perseguição que os discípulos enfrentam não é principalmente pessoal contra eles. Ela é dirigida Àquele que os governa. Ela quer ferir Cristo e causar dor em Deus. João 16:1-4 revela que o mundo faz isso porque não conhece Deus nem Jesus.

### **A resposta do reino**

O Novo Testamento deixa claro que os discípulos que são governados por Deus são chamados para responder à oposição do mundo em três maneiras complementares. Cada uma dessas respostas espelha a maneira que Jesus lidou com a oposição que Ele enfrentou em Sua vida.

### Suportar todas as coisas

Em João 17:12-18, Jesus ora por Seus discípulos. Ele mostra que eles não são do mundo e que o mundo os odeia. Mas em vez de orar para que eles saiam do mundo, Ele pede a Deus que os proteja do mal. Jesus envia os discípulos ao mundo sabendo que eles enfrentarão grande oposição. Eles têm de suportar tudo que o mundo jogar contra eles.

A resistência dos santos é verificada novamente no Novo Testamento. Por exemplo:

- Atos 14:22 – novos discípulos foram exortados a continuar na fé, e ouviram que eles entrariam no reino mediante muitas tribulações
- Romanos 8:17 – nossos sofrimentos são ‘com Cristo’
- Romanos 15:4,5 – Deus dá resistência pela Sua palavra
- 1Coríntios 4:11-16 e 2Timóteo 3:10-12 – Paulo suportou perseguição, e instou a seus leitores a imitá-lo
- Filipenses 1:27-30 – nós devemos ‘ser rápidos’ e não nos assustarmos com os nossos oponentes
- 2 Tessalonicenses 1:4–8 – nós devemos suportar com paciência e fé
- 2 Timóteo 2:3 – nós devemos suportar como um soldado
- 2 Timóteo 2:12 – nossa resistência será recompensada
- Hebreus 6:15 – A paciência resistente de Abraão foi recompensada
- Hebreus 10:29-39 – nós devemos estar ao lado daqueles que suportaram, e nós devemos suportar para receber algo melhor no céu
- Tiago 5:11 – a resistência é parte do propósito de Deus para nós
- 1 Pedro 2:19-23 – a resistência é recomendada por Deus

### Amar e perdoar aos perseguidores

Em uma seção do Sermão do Monte, Mateus 5:43-48, Jesus explica como Ele espera que Seus discípulos respondam aos inimigos. Se nós formos cheios das Suas bem-aventuranças, iremos:

- Amar nossos inimigos
- Abençoar aqueles que nos amaldiçoam

- Fazer o bem àqueles que nos odeiam
- Orar por aqueles que nos perseguem

Os versículos 45-48 relatam que nós somos chamados para responder dessa forma porque essa é a maneira que Deus se comporta. E Lucas 23:34 ilustra perfeitamente como Jesus respondeu àqueles que O perseguiram.

Romanos 12:14-21 repete muito do ensino de Jesus. Não podemos ser vencidos pelo mal, em vez disso, nós devemos vencer o mal com o bem – cuidando de nossos inimigos e os abençoando.

### Regozijar quando perseguido

Já vimos que, em Mateus 5:12, Jesus nos exorta a regozijar e estar contentes quando formos perseguidos. Lucas 6:23 vai além! À primeira vista isso parece absurdo. Mas não regozijamos e pulamos de alegria porque estamos sendo perseguidos, ao invés disso, nós regozijamos porque nossa recompensa será grande no céu.

- Atos 5:41; 16:25; Filipenses 2:16,17 e Colossenses 1:24 relatam como os discípulos colocam o ensino de Jesus em prática.
- Romanos 5:3-5 relata como Paulo se gloriava nas tribulações pelo que produziram nele.
- 2 Coríntios 4:16-18 mostra que a maneira que os discípulos lidavam com a aflição temporária pode produzir ‘um sentimento excepcional de glória’.
- Tiago 1:2,3 encoraja a nos regozijarmos em nossas provações porque elas produzem paciência em nós.
- 1 Pedro 4:12-19 encoraja a nos regozijarmos porque compartilhamos com Cristo em Seus sofrimentos – e nos diz que haverá muito maior alegria no último dia.

### Vivendo o reino no mundo

João 17:15-18 é uma passagem vital para compreender o relacionamento do reino com o mundo. Jesus nos envia ao mundo. Ele quer que nós estejamos profundamente envolvidos com o



mundo. Ele reconhece que nós não somos do mundo e que o mundo nos odeia. Assim, em vez de orar para que sejamos retirados do mundo, Ele ora para que Deus nos mantenha seguros no mundo. Por que Ele faz isso? É porque Ele quer que proclamemos as boas-novas ao mundo – por intermédio de nossas palavras e nossas vidas – de maneira que o mundo possa saber a verdade sobre o amor de Deus.

Em Mateus 5:13-16, Jesus usa duas figuras para demonstrar a maneira que nós devemos estar envolvidos em um mundo que nos odeia e nos persegue.

### Sal da Terra

Mateus 5:13 afirma que os discípulos são ‘o sal da Terra’. Nos dias de Jesus, o sal tinha cinco usos práticos:

- Era adicionado à comida como *tempero*, para torná-la mais saborosa
- Era esfregado na carne como *conservante*, para diminuir a deterioração
- Era jogado nos resíduos humanos como *desinfetante* para destruir bactérias
- Era diluído e usado como *antisséptico* para ajudar a curar
- Era borrifado na terra como *fertilizante* para aumentar a colheita

Quando Jesus declarou que os discípulos deviam agir como sal no mundo, Ele parece ter tido todos os usos diários do sal em mente.

- O mundo é desagradável – a presença de discípulos governados por Deus o torna menos insuportável.
- O mundo está podre e apodrecendo – os discípulos param esse terrível processo.
- O mundo é lixo puro – os discípulos ativamente combatem o mal.
- O mundo está doente – os discípulos trazem a cura.
- O mundo é o solo para a semente de Deus – os discípulos deixam a terra melhor preparada para receber a semente.

Se formos desenvolver nossa função de sal, devemos nos

envolver profundamente no mundo. O sal não pode evitar que a carne apodreça a menos que alguns grãos sejam esfregados nela. Ele não pode trazer cura sem fazer contato com a doença. Ele não pode agir como desinfetante sem estar no meio dos mais desagradáveis aspectos da vida. O sal não pode funcionar como sal se permanecer em um recipiente – que é a maneira que perde seu sabor e fica inútil – ele deve estar ‘no mundo’.

Os discípulos agem como o sal da Terra de cinco maneiras complementares:

- *Nossa presença* – ao viver debaixo do governo de Deus, cheios com as bonitas bem-aventuranças do reino, nossa simples presença melhora o mundo ao nosso redor e nos torna o ‘solo’ mais responsivo à Palavra de Deus.
- *Nossos protestos* – ao falar os valores de Deus, protestar contra a injustiça, resistir ao que é mal, estando ao lado dos oprimidos, nossos protestos cristãos previnem a deterioração, e trazem cura e purificação.
- *Nossa pregação* – anunciando as boas-novas e proclamando o caminho de Deus para a vida e a justiça, nossas palavras fazem a diferença para o mundo, e nossa pregação cristã sincera não é em vão.
- *Nossas orações* – ao interceder pelo mundo e a favor do mundo, nossas orações se firmam no poder de Deus que traz mudança, melhoria, cura e vida.
- *Nosso serviço* – ao alimentar o faminto, vestir o nu, visitando o encarcerado, lavando os pés dos outros, dando acolhida aos estranhos, confortando os amargurados, nossas ações cristãs mudam o mundo à maneira do sal.

O uso do sal por Jesus também teria tido significado espiritual para os Seus discípulos. No Antigo Testamento, o sal simboliza a aliança entre Deus e o Seu povo – por exemplo, Números 18:19 e 2Crônicas 13:5. Levítico 2:13 revelam que isso era feito ao incluir o sal nas ofertas apresentadas pelos judeus – especialmente o grão ofertado. Isso evidencia que, agindo como sal no mundo, nós comprovamos a nossa aliança com Deus e a nossa dependência em Seu sacrifício.

## Luz do mundo

Mateus 5:14-16 relata o segundo quadro de Jesus do envolvimento do reino com o mundo. Nós somos a luz do mundo. Nossa luz não deve ficar escondida. Em vez disso, ela deve brilhar perante os homens e mulheres, de modo que eles possam glorificar nosso Pai nos céus.

Eféios 4:18; 5:8-13 e Colossenses 1:12,13 destacam que o mundo está nas trevas, e afirmam que não existe zona 'cinzenta' alguma de crepúsculo. Somos luz ou somos trevas. As pessoas estão nas trevas porque elas são controladas pelo poder das trevas; elas se tornam luz quando são transferidas para o reino que é governado pela 'luz do mundo'.

O Evangelho de João relata muito da luz. A vida de Jesus era a luz dos homens – 1:4. Ele é a luz real que dá luz a todo mundo – 1:9. Ele é a luz do mundo; qualquer um que segui-Lo não caminha na escuridão, mas tem a luz da vida – 8:12.

A grande afirmação de Jesus de ser a luz do mundo foi feita durante a Festa dos Tabernáculos – 7:1–10:21. Durante o banquete, quatro castiçais dourados eram acesos para simbolizar a coluna de fogo com a qual Deus guiou o Seu povo pelo deserto à noite. A afirmação de Jesus, colocada neste contexto, é uma afirmação direta da direção divina permanente.

João registra dois fatos para mostrar a extraordinária natureza da luz de Jesus. Uma adúltera permanece perante Jesus e não é condenada, enquanto os fariseus não relutam em condená-la – 8:3-12. E então, em um milagre apresentado com a afirmação, 'Eu sou a luz do mundo', um homem cego vê – 9:1-7. Jesus também fala sobre Si mesmo como uma luz que guia em João 11:10 e 12:35,36.

Isso evidencia que a luz de Deus significa direção, milagres e compaixão. No restante da Bíblia, a luz de Deus é associada com:

- *A glória da habitação de Deus* – 1Timóteo 6:16
- *A natureza de Deus* – Tiago 1:17 e 1João 1:5
- *O favor de Deus* – Salmo 4:6
- *As palavras de Deus* – Salmo 119:105 e Isaías 51:4

- *A direção de Deus* – Salmo 112:4 e Isaías 58:10
- *Salvação* – 1Pedro 2:9
- *Justiça* – Romanos 13:12; 2Coríntios 11:14,15 e 1João 2:9,10
- *Testemunho para Deus* – João 5:14-16 e João 5:35

Nossa função como luz para o mundo tem algo a ver com todas essas ideias bíblicas. Isso significa que, por revelar a luz de Deus, nós essencialmente mostramos ao mundo o que Ele é.

É importante que compreendamos a ligação de Jesus entre luz e feitos.

Nossa luz deve brilhar de forma que o mundo veja as *nossas boas ações* em vez de ouvir as *nossas boas palavras*. O restante do Sermão do Monte é essencialmente descritivo e ilustrativo do que o sal e a luz significam na prática para aqueles que vivem no reino, governados pessoalmente por Deus.



Parte Cinco

# Justiça no Reino

Como discípulos de Jesus Cristo, sabemos que fomos chamados para viver debaixo do governo pessoal de Deus. Isso não é arbitrário, isso é um governo que é sempre consistente com a natureza de Deus.

Vimos como, no Sermão do Monte, Jesus primeiro estabelece as bem-aventuranças do reino ao descrever o esboço do caráter que Ele espera naqueles que O seguem. Sabemos que Jesus está mais preocupado com as nossas atitudes do que com nossas ações, mas que nossas atitudes (bem-aventuranças) deveriam conduzir a ações consistentes com o Seu caráter.

Nós também observamos o conflito entre o mundo e o reino, e vimos como Jesus usa as imagens de ‘sal’ e ‘luz’ para descrever a nossa função no mundo. Antes de prosseguir descrevendo o governo de Deus com mais detalhes, vamos examinar Mateus 5:17-48, que contrasta o ‘governo’ de Deus com ‘as regras’ de Deus ao comparar as palavras de Jesus com as exigências da Lei de Moisés.

## **A justiça e a lei**

Mateus 5:17-20 é fundamental para qualquer entendimento do relacionamento entre os discípulos e a Lei – os preceitos expostos por Moisés no Antigo Testamento. Alguns professores têm usado esses versículos para afirmar que os crentes modernos devem guardar algum ou todos os preceitos da lei de Moisés, então precisamos examinar as palavras de Jesus cuidadosamente.

- “Não penseis” – o versículo 17 menciona que é fácil confundir a missão de Jesus. Sua amizade com os pecadores podia evidenciar que Ele tinha padrões baixos.
  - “A Lei e os Profetas” – o versículo 17 se refere ao todo do Antigo Testamento.
  - “Eu não vim para revogar, vim para cumprir” – o versículo 17 revela que Jesus veio pessoal e perfeitamente para cumprir todo o Antigo Testamento. O verbo grego *pleroo* – ‘cumprir’ – significa completo. Toda profecia aponta para Ele, e Ele perfeitamente cumpriu a todas elas. Todo requisito da Lei aponta para Ele, e Ele os cumpriu perfeitamente.
  - “Até que tudo se cumpra” – o versículo 18 aponta para a Sua vida e morte como a conclusão da Lei e dos Profetas – é o ponto completo em seu fim. Uma nova era começa agora, mas uma que é baseada na Lei e nos Profetas.
  - “Se a vossa justiça não exceder em muito a dos escribas e fariseus” – o versículo 20 torna claro que Jesus não veio para baixar os padrões da Lei. Seguir a Ele significa viver pelos padrões estabelecidos na Palavra de Deus.
- Quando olharmos além desses versículos, poderemos ver muitos princípios sobre a justiça e a Lei que precisamos abranger de forma que possamos entender e apreciar o restante do ensino do Jesus no Sermão no Monte.
- Jesus não estava preocupado em guardar ou desenvolver ou estender a Lei, e sempre evidenciava misericórdia ante os costumes – Mateus 9:9-13; 12:1-14 e 15:1-20.
  - Jesus estava preocupado em guardar a Lei e completá-la – 4:1-11; 5:17 e 8:4.
  - O cumprimento de Jesus da Lei resulta em uma mudança de era. A Lei e os profetas profetizam somente até João – Mateus 11:11-13. O princípio governante da vida cristã não é a dominação pela Lei. Embora a justiça cristã não queira simplesmente continuar os detalhes da Lei, os princípios por trás da Lei estarão indiretamente cumpridos e excedidos pelos discípulos. A justiça cristã é maior que a Lei, assim como o governo de Jesus é mais radical.

- Tornar-se um discípulo envolve uma mudança de reino. Os discípulos são centrados em Jesus, não na Lei. A Lei não é mencionada em qualquer das afirmações de João Batista sobre a descrição de Jesus da vida no reino – Mateus 3:7-12; 5:3-16 e 21-48. O restante do Sermão do Monte focaliza em viver debaixo do ‘olho de Deus’. O juízo é baseado nas palavras de Jesus. O jugo dos discípulos está em Jesus. Não obstante, Jesus diretamente fala aos discípulos e coloca suas exigências pessoais neles sem referência à Lei.
- A justiça cristã – vida sob Jesus, debaixo do perscrutante ‘olho de Deus’ – é mais simples que a Lei, como o governo de Deus pode ser sumariado em um simples princípio – Mateus 22:34-40.
- A justiça cristã não é legalista porque autocentrada. É um relacionamento vivo com Jesus. Mateus 28:18-20 revela que devemos viver por Suas palavras – não pelos requisitos do Antigo Testamento.

Mateus 5:21-48 ilustra a grande diferença entre viver debaixo do governo de Jesus e viver sob a Lei. Essa seção do sermão lida praticamente com seis áreas da vida diária e mostra como os discípulos deviam viver debaixo do governo de Deus. O ensino de Jesus relata que embora Seu governo pessoal tenha substituído a Lei de Moisés, a justiça que Ele pede pode ser descrita.

## **Ira**

Em cada uma das seis áreas veremos como Jesus lidava com a Lei, e compararemos as exigências da Lei com o governo de Jesus. A primeira área – 5:21-26 – lida com Êxodo 20:13, que proibiu o assassinato.

Primeiro, Jesus estabelece as regras com ‘Ouvistes o que foi dito’ e então Ele relata isso ao revelar Sua regra com: ‘Eu, porém, vos digo’. Esse contraste, que Jesus repete seis vezes, pode se entender de três modos complementares:

- Os discípulos ouviram indiretamente, agora Jesus fala com eles direta e pessoalmente.
- Moisés anunciou a Lei, agora Jesus fala com uma autoridade maior.



- Os escribas interpretaram a Lei, e adicionaram suas tradições humanas, agora Jesus os leva para os princípios por trás da Lei.

De acordo com a Lei, existia um mal e um castigo. ‘Não matarás; e: Quem matar estará sujeito a julgamento’. O julgamento se refere aos procedimentos judiciais estabelecidos em Números 35:12 e Deuteronômio 17:8-13. Mas de acordo com Jesus, “Todo aquele que (sem motivo) se irar contra seu irmão estará sujeito a julgamento [...] e quem lhe chamar ‘tolo’ estará sujeito ao inferno de fogo”.

Jesus então vai além e mostra que praticamente a reconciliação é mais importante que a adoração. Os discípulos não somente devem estar dispostos a se reconciliar, eles devem também tomar a iniciativa na reconciliação. Isto evidencia as ‘bonitas bem-aventuranças’ de mansidão e pacificador.

Romanos 12:17,18; Efésios 4:25-32; Hebreus 12:14 e 1 João 3:15 revelam como a Igreja Primitiva aplicou essa parte do governo de Jesus em seu ensino prático. Podemos observar que Jesus desenvolveu a Lei de quatro maneiras distintas:

#### 1. Ele a tornou mais radical

No reino, é exigido muito mais dos discípulos do que sob a Lei. Em vez de meramente se abster do assassinato, devemos também estar longe do ódio e da raiva.

#### 2. Ele o fez interiormente

O governo do reino remete a palavras, lembranças e bem-aventuranças – como também para a ação real de assassinato.

#### 3. Ele acrescentou o castigo

O julgamento da Lei é tratado nos tribunais secundários das pequenas cidades. O julgamento de Jesus se refere ao Grande Sinédrio, que se reuniu em Jerusalém, e então ao fogo do inferno. Isso revela que os assuntos são sérios e eternos.

#### 4. Ele mudou o foco

O governo do reino é baseado inteiramente em Jesus mesmo. A

autoridade e base para os novos requisitos radicais são totalmente Dele. Ele não faz referência alguma a qualquer autoridade fora Dele mesmo. É tudo ‘eu vos digo’.

Ao reconhecer o quão diferente o reino é da Lei, não devemos esquecer as palavras de Jesus que Ele não veio para revogar a Lei. Ele não dá permissão para matar ninguém! Ao contrário disso, Seu padrão de reino é mais alto que o antigo padrão legal.

### **Pureza sexual**

A segunda área, Mateus 5:27-30, lida com outro dos ‘Dez Mandamentos’ – Êxodo 20:14. Novamente Jesus fixa as regras com ‘Ouviste que’ e então rapidamente contrapõe Sua regra com ‘Eu, porém, vos digo’.

Ele primeiro afirma a proibição legal, ‘Não adulterarás’, e então Ele anuncia o padrão do reino: ‘Qualquer que olhar para uma mulher com intenção impura, no coração, já adulterou com ela’. Jesus então vai além e revela que devemos tomar passos radicais, práticos para evitar o pecado sexual em nossos pensamentos como também em nossas ações.

Como sempre, o foco de Jesus está mais em nossos pensamentos e atitudes do que em nossas ações. A Lei diz: ‘Não faça isto. O reino diz: ‘Tenha a mente e as atitudes de Jesus em você – e então não fará isto’.

1 Coríntios 6:13-20; 2 Coríntios 6:14–7.1 e 2 Timóteo 2:22 ilustram como esse princípio do reino está desenvolvido na Igreja Primitiva. Podemos observar que Jesus desenvolve a Lei da mesma maneira distinta que na seção anterior sobre o assassinato:

#### **1. Ele a tornou mais radical**

Ele exige agora mais dos discípulos. Em vez de simplesmente se abster do adultério, devemos também nos manter afastados de pensamentos luxuriosos.

#### **2. Ele o fez interiormente**

O governo do reino se relaciona a pensamentos e atitudes das pessoas – como também para a ação real do adultério.

### 3. Ele acrescentou o castigo

O julgamento se refere ao inferno – novamente mostrando que os assuntos eternos estão em jogo: um reino eterno, recompensas eternas e castigo eterno ou perda.

### 4. Ele mudou o foco

O governo do reino é novamente baseado completamente em Jesus. A única autoridade e base para o novo requisito radical é Dele. Ele não faz referência alguma a qualquer autoridade fora Dele mesmo.

Ele não justifica Seu princípio citando outro. Todas as Suas palavras pessoais são para os Seus discípulos.

Uma vez mais, devemos destacar que Jesus não negou ou revogou a Lei. Ele não nos dá permissão para cometer adultério! O padrão do reino é muito mais alto que o padrão legal antigo – ele agora excede o dos escribas e fariseus.

### Casamento

A terceira área, Mateus 5:31,32, contrasta a permissão ou concessão para o divórcio na Lei – Deuteronômio 24:1 – com a abordagem de Jesus ao casamento. Ainda novamente Ele estabelece os requisitos da Lei com ‘Ouviste que’ e contrapõe ‘Eu, porém, vos digo’.

Ele afirma a posição legal e então modifica isto ao retirar a permissão que ela deu. Em vez de permitir o divórcio para qualquer e toda razão, Jesus destaca a constância do casamento. No reino, o pecado sexual é o único motivo que Jesus permite o divórcio.

Nesta seção, a atitude de Jesus com a Lei difere das duas seções anteriores, como aqui Ele muda o requisito legal. Então Jesus considera as leis do Antigo Testamento inadequadas para um discípulo que está vivendo debaixo do governo pessoal de Jesus.

Porém, Jesus não revoga a Lei ao tornar o pecado mais fácil ou fixando um padrão inferior. Outra vez, puramente em Sua autoridade pessoal, Ele estabelece um padrão novo e mais elevado. Jesus explica e desenvolve isso em Mateus 19:1-10.

## Veracidade

A quarta área, Mateus 5:33-37, descreve expressamente Jesus mudando outra área da Lei – as regras sobre juramentos encontradas em Levítico 19:12; Números 30:2-16 e Deuteronômio 23:22-24.

Mais uma vez, Jesus estabelece os requisitos da Lei com ‘Ouviste que’ e então rapidamente contrapõe Sua regra com ‘Eu, porém, vos digo’. Jesus afirma a posição legal ‘Não jurarás falso, mas cumprirás rigorosamente para com o Senhor os teus juramentos’ e então modifica isto ao instruir Seus discípulos a não fazer juramentos em qualquer circunstância.

A Lei exige juramentos. Jesus não proíbe o falso juramento ou restringe circunstâncias a algumas ocasiões sérias, ao invés disso, Ele exige que Seus seguidores falem simples e verdadeiramente todo o tempo. De acordo com Jesus, ‘O que passar disto vem do maligno’.

Aqui percebemos novamente que a lei de Jesus é mais radical do que a Lei, é mais ampla em sua aplicação, é baseada em Sua autoridade pessoal, e qualquer coisa contrária ao Seu modo de vida vem do inimigo. É importante observar que Jesus disse que os discípulos sinceros não precisam fazer juramentos – que Ele não os está proibindo de fazer juramentos quando for exigido o fazer. Jesus, Ele mesmo, não recusou a falar quando Ele foi colocado sob juramento em Mateus 26:63,64.

Tiago 5.12 relata que a Igreja Primitiva continuou a ensinar os discípulos a viver pelo ensino do Jesus em vez de pelos requisitos da lei judia. Não podemos restringir os ensinamentos de Jesus aos estreitos assuntos de juramentos. Ao afirmar que os discípulos deveriam falar simples e verdadeiramente, Ele também está abordando os temas de exagero, supervalorização e menosprezo.

## Direitos

Na quinta área, Mateus 5:38-42, Jesus amplia ainda mais a Lei – desta vez encontramos as regras sobre os direitos em Êxodo 21:24; Deuteronômio 19:15-21 e Levítico 24:20.

Ao longo dessas seis seções do Sermão do Monte, Jesus estabelece os requisitos da Lei: com 'Ouviste que' e contrapõe Sua regra com 'Eu, porém, vos digo'. Primeiro, Jesus apresenta um resumo da Lei 'Olho por olho, dente por dente'. Então Ele explica que o caminho do reino não é para retaliar ou buscar vingança contra aqueles que nos ofenderam. Os discípulos não devem egoisticamente insistir em manter seus direitos, ao invés disso, deveríamos ser generosos e misericordiosos em todos os nossos procedimentos com os demais.

As declarações nos versículos 39-42 estão entre as mais radicais em todo o ensino de Jesus – pouco mais é contrário à atitude e pensamento de ambos, o mundo moderno e a Lei judia, do que nesses princípios. Romanos 12:17-21 ilustra como essas palavras de Jesus – em vez da Lei – foram ensinadas na Igreja Primitiva.

## **Amor**

O último desses seis contrastes entre o caminho da justiça de Jesus e a Lei – Mateus 5:43-47 lida com o amor. Este é o Seu final 'Ouvistes que vos foi dito:... Eu porém, vos digo:'.

Jesus está se referindo a Levítico 19:18, mas a segunda parte da Sua citação não é da Lei. A Lei apenas pode defender o amor seletivo, mas ela não legisla o ódio. Parece razoável deduzir disso que Jesus está se referindo aqui a uma tradição escrita do primeiro século que havia sido adicionada à Lei. Não obstante, Jesus ainda fixa um padrão mais elevado do que a lei de Moisés, ao instar Seus discípulos a amar universalmente – mesmo os inimigos.

Isso está além das exigências da Lei

Nesses versículos – e em Lucas 6:27-36 e 10:25-37 – Jesus nos revela que somos chamados para amar os nossos inimigos, abençoar aos que nos amaldiçoam, a fazer o bem àqueles que nos odeiam, e orar pelos que nos perseguem – para podermos ser filhos de nosso Pai. Não agimos assim para nos tornar filhos de Deus, mas procedemos desse modo porque compartilhamos

as atitudes de Deus – e é dessa maneira que Ele age com os Seus inimigos, com aqueles que O odeiam e O perseguem.

Finalmente, em Mateus 5:48, Jesus estabelece o padrão que Ele espera em Seu reino. Devemos ser perfeitos do mesmo modo que nosso Pai é perfeito. Devemos nos caracterizar pela justiça verdadeira – ser íntegros – isto que é apropriado aos filhos e filhas do Rei. Ao longo desta seção do Sermão do Monte – Mateus 5:21-48 – observamos a maneira que Jesus implicitamente reivindica ter o direito e autoridade pessoal para mudar a Lei.

Por exemplo:

- Em alguns lugares Ele intensifica a Lei
- Em outros lugares Ele muda a Lei
- Ele aponta para a Sua autoridade acima da Lei
- Ele adiciona uma dimensão interior para a Lei

De acordo com Jesus, esse tipo de amor universal perfeito é o apogeu de todas as Suas exigências do reino – e está em concordância plena com a essência da Lei. Podemos perceber isso muito claramente em Lucas 10:27,28; Mateus 7:12 e 22:34-40. Desse ponto em diante do Sermão do Monte, todo o ensino de Jesus ilustra o amor universal perfeito que caracteriza aqueles que são governados por Ele e que cabalmente agem como Jesus.



Parte Seis

# A Vida Espiritual no Reino

Ao olhar para o Sermão do Monte, primeiro percebemos a descrição de Jesus, nas ‘bem-aventuranças’, nas atitudes que Ele espera de Seus discípulos que são dirigidos por Ele – Mateus 5:3-12. Então, observamos a maneira que o mundo reage ao reino, e a resposta que Jesus espera de Seus discípulos ao mundo – 5:13-16. A seguir, estudamos o relacionamento do reino com a Lei – 5:17-48. Essas três seções finalizam o padrão que Jesus estabeleceu para os Seus discípulos: “Portanto, sede vós perfeitos como perfeito é o vosso Pai celeste”.

Tudo isso é agora seguido por uma nova seção em que Jesus oferece um retrato de discípulos que vivem no mundo debaixo ‘do olho de Deus’ – em total submissão a Deus e em inteira dependência Dele. Em Mateus 5, Jesus esboçou o caráter dos discípulos, descrevendo como devíamos nos comportar em sociedade, e nos mostrou os padrões que Ele espera que cumpramos.

Agora, em Mateus 6, Ele oferece um retrato dos discípulos vivendo esse reino no mundo. Ele constantemente enfatiza que vivemos no mundo na presença de Deus que tudo vê. O tema dominante desse capítulo é o relacionamento dos discípulos com Seu Pai e como eles vivem debaixo do governo de Deus no mundo. Mateus 6 considera duas áreas de nossas vidas. Primeiramente, nos versículos 1-18 trata de nossas vidas espirituais; e,



em segundo lugar, nos versículos 19-34, focaliza nosso viver comum de ‘cada dia’. O reino não está preocupado com apenas uma ou duas áreas de nossas vidas. Deus quer governar cada aspecto de nossa vida.

### Princípios de espiritualidade do reino

Viver no reino significa que nossas vidas estão constantemente abertas e expostas diante do Rei. Visto que vivemos na presença de Deus, não podemos ter nenhum segredo perante Ele e devemos ser verdadeiros em nosso relacionamento com Ele. O Sermão do Monte ensina que tudo que fazemos e pensamos – todas as motivações de nosso coração são expostas para o Espírito de Deus em quem nós vivemos. Mais tarde observaremos como isto nos dá esperança de verdadeiramente viver uma vida renovada com a ajuda e o fortalecimento de Deus.

Mateus 6.1 apresenta o ensino de Jesus sobre nossas vidas espirituais, e estabelece os princípios gerais que governam o lado espiritual de viver no reino: “Guardai-vos de exercer a vossa justiça diante dos homens, com o fim de serdes vistos por eles; doutra sorte, não tereis galardão junto de vosso Pai celeste”.

### Equilíbrio religioso

À primeira vista, esse versículo parece contradizer a instrução de Jesus em 5:16. Lá Ele ordena que nossas luzes – nossas boas ações – deveriam brilhar perante os homens. Porém, aqui Jesus diz que nossos atos de justiça não deveriam ser feitos na presença dos homens. Mas se tudo é para ser feito em secreto, atrás de uma porta fechada, como as pessoas poderão ver a luz?

A primeira afirmação de Jesus preceitua que nós brilhamos perante os homens ‘e glorifiquem a vosso Pai que está nos céus’. Sua segunda declaração insiste que nós não devemos praticar a justiça perante os homens para ‘sermos vistos por eles’. Não existe contradição alguma aqui, é simplesmente a motivação expressa de maneira diferente. Os discípulos são chamados para viver de tal maneira que, quando as pessoas olharem para nós, elas vejam e glorifiquem a Deus. Nós não devemos fazer nada

para atrair a atenção para nós mesmos. Nós não devemos desejar ser percebidos – antes, precisamos ser caracterizados pela humildade do Espírito Santo.

Todos nós enfrentamos duas tentações: ou somos ostensivos em nossas vidas ou somos muito isolados. Alguns cristãos alardeiam tudo que fazem, enquanto outros estão tão apavorados consigo mesmos que se escondem longe do mundo. Precisamos ter um equilíbrio religioso entre esses extremos.

Se nos aproximarmos do ensino de Cristo aqui com ‘mais regras’, estaremos propensos a agir errado. Mas se nos apegarmos ao princípio que Ele está estabelecendo – e viver por Sua regra pessoal – evitaremos a hipocrisia. De alguma maneira maravilhosa, atraímos a atenção das pessoas de forma que elas glorifiquem a Deus, embora essa atenção não esteja focalizada em nós.

### Agradar a Deus

Superficialmente, o versículo 1 parece apresentar uma escolha entre agradar as pessoas e agradar a Deus. Mas a maioria de nós realmente só procura agradar a outros porque quer agradar a si mesmos. Queremos agradar-lhes e impressioná-los, de forma que eles pensem o melhor sobre nós!

Isto pode significar que uma ação que parece religiosa pode ser verdadeiramente pecadora por causa de sua motivação auto-centrada. Os homens e as mulheres naturalmente querem mais elogios e recompensas das pessoas do que de Deus. Entretanto, Jesus diz que Seus discípulos deveriam agir de tal maneira que o objetivo exclusivo fosse o de agradar a Deus.

### Deus tudo vê

Nosso objeto principal na vida deveria ser agradar a Deus, agradar somente a Deus, e agradar a Ele em tudo. Quando este for o nosso alvo, estaremos realmente começando a viver debaixo do governo de Deus.

Seguimos a Jesus, que viveu exatamente dessa maneira. Ele viveu inteira e completamente para Deus. Suas palavras e ações

eram as palavras e ações do Seu Pai. Ele nunca colocou as Suas necessidades ou vontade em primeiro lugar. Marcos 7:24, 31-37 e 8:22-26 relatam o Seu desejo de trabalhar sem qualquer alarde ou notoriedade. Jesus não estava preocupado com o que as pessoas pudessem pensar Dele, pois Ele viveu somente para a glória de Deus. Se nossa prioridade absoluta é viver e trabalhar para Deus somente debaixo de Seu governo – e não estamos superpreocupados com o que outras pessoas pensam – nós encontraremos mais facilidade para viver o princípio de Jesus de Mateus 6:1.

Se os discípulos estão debaixo do ‘governo de Deus’, também estão debaixo dos ‘olhos de Deus’. Ele vê todos os nossos pensamentos e ações. Não existe nada que nós podemos pensar ou fazer que escape a Ele. Não existe lugar algum que possamos fugir de Sua visão. Estamos sempre em Sua presença. Ele é sempre ‘Deus conosco’. Nossas vidas serão revolucionadas quando realmente alcançarmos essa maravilhosa – e bastante assustadora – verdade.

Há muita pretensão e fingimento na maneira que nos apresentamos a outras pessoas – mas Deus está observando e gravando tudo. Cada aspecto nessa seção do Sermão Monte está baseado nesse princípio. Novamente, Jesus nos lembra que nosso Deus é o ‘Pai que vê em secreto’.

### Santas recompensas

Se fizermos o que é certo pela razão certa, seremos recompensados por Deus. Este é um princípio básico do reino que já observamos muitas vezes. Quando agradamos a Deus, Ele promete nos recompensar. Quando não agradamos a Ele, Ele promete nos julgar de alguma maneira.

Hebreus 12:2 relata que Jesus suportou a cruz e menosprezou a vergonha por causa da alegria que estava estabelecida perante Ele. E Hebreus 11:23-26 assinala que Moisés foi motivado em parte pela recompensa que estava diante dele.

O Novo Testamento ensina bastante a respeito das diferentes recompensas que Deus distribuirá para os discípulos que não

se envergonharem de observá-las e trabalhar por elas. A passagem de 2Coríntios 5:9,10 é crítica neste tópico.

Devemos reconhecer a ênfase de Jesus de que Deus não recompensará aqueles que buscarem alguma recompensa das pessoas. Esta é uma declaração absoluta sem quaisquer qualificações. Se nos preocuparmos com o que pessoas pensam sobre a nossa adoração, não conseguiremos nada de Deus. Se estivermos esperando a apreciação humana por nossos atos de serviço ou dever, não receberemos nada de Deus. Se procurarmos qualquer observação ou recompensa ou agradecimento ou elogio das pessoas, isto é tudo o que conseguiremos.

Tendo estabelecido Seus princípios gerais do reino em Mateus 6.1, Jesus ilustra isto em três áreas de nossas vidas espirituais – doando, orando e jejuando. Em cada área Ele contrasta uma maneira errada e uma forma correta de adorar a Deus.

- Não devemos adorar de maneira semelhante aos hipócritas – de uma maneira projetada para atrair a atenção das pessoas.
- Não teremos recompensa alguma se adorarmos da mesma maneira que um hipócrita adora.
- Devemos adorar discretamente – sem qualquer demonstração.
- Devemos adorar lembrando que Deus está observando.
- Seremos recompensados por Deus se adorarmos do modo que Ele gosta.

### **Doando ao modo de Deus**

Dar é o primeiro exemplo de Jesus da espiritualidade do reino. Em Mateus 6:2-4, Ele revela aos discípulos como eles deveriam ser autênticos em suas doações. Jesus usa a palavra grega *eleemosune*, que significa ‘um ato de misericórdia’. Jesus não está apenas falando sobre dar dinheiro, ao invés disso, Ele está falando sobre ajudar as pessoas nas mais diferentes maneiras possíveis. Isto envolve dar dinheiro, tempo, atenção – uma ação amável.

Não fale isso para outros

A maneira errada de doar é falar isso para outras pessoas. Jesus pinta um retrato ridículo das pessoas empenhadas em trombeitar na frente delas anunciando: 'Olhe o que esta pessoa fez'.

Naturalmente, poucas pessoas fazem isso abertamente. A maioria de nós é muito mais sutil sobre deixar as pessoas saber o que fizemos. Mas nosso 'compartilhamento para a oração ou louvor' pode ser a nossa versão moderna de uma trombeta do primeiro século! A regra do reino de Jesus é simplesmente 'não anunciando aos outros'. Se fizermos isto, conseguiremos toda a recompensa que almejamos.

Não fale isto para você mesmo

O jeito certo de Jesus doar envolve uma segunda negação, 'Tu, porém, ao dares a esmola, ignore a tua mão esquerda o que faz a tua mão direita; para que a tua esmola fique em secreto'. Isto significa que não devemos anunciar as nossas doações a nós mesmos. Isto significa que não devemos evidenciar as nossas ações, não as guardando em nossa memória, não mantendo algum tipo de registro interior do que temos feito para os outros e para Deus.

Simplesmente devemos proceder como sendo movidos e dirigidos por Deus – e então esquecer tudo isto. Temos de ter tamanho amor por Deus e pelos outros de maneira que não tenhamos tempo para pensar sobre nós mesmos.

Essa é a maneira prática de expressar a nossa pobreza de espírito, mansidão e morte para o ego. Porém, a verdade maravilhosa é que o Pai que vê aquilo que está sendo feito em segredo, lembra – e recompensa.

### **Orando como Deus gosta**

O segundo exemplo de Jesus da espiritualidade do reino é a oração. Em Mateus 6:5-15 Ele revela aos discípulos como eles deveriam ser verdadeiros em suas orações. Jesus usa *proseuchomai*, a palavra grega mais comum para orar, para mostrar que Ele está falando sobre oração no sentido mais amplo possível.

### Não se exhiba ao orar

Novamente, Jesus mostra a maneira correta e errada de adorar a Deus. A maneira errada de orar focaliza a atenção na pessoa que está orando em vez de Naquele a quem a oração é oferecida.

Jesus pinta um retrato das pessoas que oram de maneira que elas sejam distinguidas como pessoas que oram. Semelhante ao que ocorre com a doação, algumas pessoas fazem isso de modo óbvio, enquanto que a maioria de nós é mais sutil. Muitos discípulos dizem e fazem coisas que lhes asseguram que outras pessoas fiquem impressionadas com eles por causa de sua oração.

Jesus não diz que isso prejudica a nossa oração. Ele não diz que Deus não ouvirá ou responderá às nossas orações. Ele simplesmente afirma que a adulação ou a aprovação humana é toda a recompensa que teremos. Perderemos nossa recompensa no céu.

### Não tenha uma fórmula estabelecida para a oração

Jesus também nos instrui a não usar 'vãs repetições' quando oramos. Isso não se refere somente àqueles que repetem sempre a mesma oração. Muitos de nós temos uma rotina de oração que seguimos rigidamente – e isto pode significar que esquecemos o que e por que estamos fazendo isso.

A oração é comunhão com Deus. É uma conversa com o Pai. Se prestarmos atenção demais para a forma das palavras que usamos, podemos perder a espontaneidade da relação íntima da verdadeira oração. Isto é naturalmente um perigo ao estabelecer orações litúrgicas, entretanto, isso é também um perigo para orações pouco ou sem preparo e mesmo aqui é fácil também as estabelecer em nossos hábitos e perder a direção do Espírito.

Deus não quer que meçamos nossa oração pela quantidade de tempo que passamos em oração, ou pela forma das palavras que usamos. Se valorizarmos um tipo de oração, ou uma forma de palavras, ou uma maneira de orar, ou um tempo para

orar – perderemos a nossa recompensa divina. Mas se orarmos do modo discreto de Deus, não somente nossas orações serão respondidas, como também seremos abundantemente recompensados pelo Pai.

#### Foco na abordagem de Deus

O modo correto de Jesus adorar a Deus em oração começa com o reconhecimento que estamos nos dirigindo a Deus. Quando esse pensamento está no lugar mais elevado, tudo o mais desaparece.

No versículo 6, Jesus revela que nos focamos em Deus ao excluir as demais coisas. Não significa literalmente que devamos ficar em um armário para orar – esta ilustração diz que devemos tirar nossos pensamentos de outras pessoas, de nós mesmos, para nos concentrarmos totalmente em nossa comunhão com Deus. Quando nos concentramos em Deus, sabemos que podemos abordá-Lo confiantemente, apresentando todas as promessas bíblicas sobre oração. O livro *Oração Eficaz* da série *Espada do Espírito* oferece um retrato bíblico completo de abordar a Deus em oração e os tipos diferentes de oração.

#### Siga o modelo de Jesus

Nos versículos 9-13, Jesus apresenta uma estrutura para todas as orações em vez de estabelecer uma oração para ser feita inúmeras vezes. Visto que Ele tem dito que não devemos usar repetições incessantemente, é bastante estranho que alguns crentes fazem exatamente isto com a oração!

Jesus não quer que oremos na maneira hipócrita que Ele descreveu nos versículos 5-7. Ele não quer que oremos para causar uma impressão nos outros. Ele não quer que oremos de modo interminável publicamente. Ele também explica que Deus já conhece todas as nossas necessidades e, então, Ele não precisa de informações sobre as nossas circunstâncias.

Ao contrário, Jesus nos diz para orarmos ‘à Sua maneira’. A Oração do Senhor é Seu exemplo de oração. ‘Vós orareis assim’, Ele diz, e nos oferece um ‘modelo de oração’ para seguirmos.

Enquanto oramos, nós apresentamos os detalhes específicos que são relevantes para a nossa situação.

- *Pai nosso*

A oração é tanto pessoal quanto corporativa. Essa é uma oração pessoal que pode ser orada particularmente – embora ela tenha ‘nós’ e ‘nossos’ ao longo dela. Isso sugere que devemos nos unir uns aos outros sempre que orarmos.

Essa frase ensina que, quando oramos, devemos lembrar tanto a relação que temos com Deus pela fé em Cristo quanto a amizade que compartilhamos com outros. Na oração, devemos dizer a Deus o que Sua paternidade significa para nós – e agradecer por isto.

- *Que estás nos céus*

O céu é o lugar da habitação de Deus. Nossas orações deveriam ser governadas pela percepção que Deus é o Rei e está no controle total. Podemos pedir-Lhe que nos ajude a nos tornar mais conscientes de Sua grandeza e presença.

- *Santificado seja o teu nome*

Essa frase nos lembra para orar como Jesus o faz em João 17 – para pedir a glória de Deus e a santidade de Seu nome para ser reconhecido e experimentado de maneiras específicas. Deus é um bom Pai que Se encanta em nos dar boas coisas e nos revela aspectos diferentes de Sua natureza por intermédio de Seus variados nomes.

Quando nós oramos, é útil dirigir-se a Deus por qualquer um de Seus nomes que for mais apropriado para a nossa oração – por exemplo, Curador, Provedor, Libertador, Guia, Criador, Salvador, Pastor, e assim por diante.

- *Venha o teu reino*

Essa frase nos ajuda a lembrar de orar para que Deus estabeleça Seu governo ao estender Sua influência enquanto as pessoas



curvam seus joelhos a Jesus Cristo, à medida que mais e mais nos submetemos ao reinado de Cristo. Pedir que o Reino de Deus venha significa pedir a Ele para nos governar – de Sua maneira – as situações e vidas pelas quais estamos orando.

- *Faça-se a tua vontade, assim na terra como no céu*

A vinda do Reino de Deus significa que as condições do céu serão reveladas na terra, Naturalmente, isto não acontecerá até que o reino venha em sua manifestação final, mas – enquanto isso – devemos orar para que a vontade revelada de Deus seja feita na terra nas situações específicas relacionadas a nós.

Podemos agradecer a Deus porque Ele quer que Sua vontade seja feita na terra, e podemos ter fé que isto acontecerá enquanto oramos.

- *O pão nosso de cada dia dá-nos hoje*

Isso revela que devemos orar pelas necessidades físicas da vida diária. É intenção de Deus que todos os Seus filhos recebam o que precisam, mas devemos empreender as ações que são necessárias para prover para nós mesmos.

Devemos orar especialmente pelas necessidades que não podemos atender por nós mesmos. Experimentamos a verdade da provisão de Deus somente por intermédio de uma combinação de oração e ação.

- *E perdoa-nos as nossas dívidas*

Precisamos orar pelo perdão espiritual de nosso Pai celestial e pelo perdão financeiro de nossos credores humanos impiedosos ou injustos. O perdão judicial já é nosso como crentes redimidos, mas diariamente precisamos manter limpa a nossa comunhão pessoal com Deus.

Do mesmo modo que ocorre com o pão diário, o perdão das dívidas está relacionado a uma mistura de oração e ação. Devemos orar também pelas necessidades que não podemos achar a solução por nós mesmos, ou para que a vontade de Deus nos

habilite a pessoalmente atender às necessidades pelos recursos que Ele nos deu.

- *Assim como nós temos perdoado aos nossos devedores*

Jesus deixa claro que nosso Pai celestial manterá Seu perdão paternal para nós se perdoarmos aos nossos semelhantes.

- *E não nos deixes cair em tentação*

Esta frase revela que devemos pedir que Deus nos afaste de cair em pecado e nos ajude a superar as provações de nossas vidas.

- *Mas livra-nos do mal*

Quando a maioria das pessoas recita a Oração do Senhor, inconscientemente, elas usam uma tradução chamada 'A Grande Bíblia', que é muito mais antiga que a Versão Autorizada. Ela se refere inutilmente ao 'mal' em vez de 'do mal'.

Estamos todos envolvidos em uma luta espiritual, e todos precisamos orar para que Deus nos resgate dos ataques do inimigo.

- *[Pois teu é o reino, o poder e a glória para sempre. Amém]!*

A oração modelo de Jesus termina em uma frase empacotada com louvor e triunfo tirada de 1Crônicas 29:11,12. Podemos terminar nossa oração agradecendo a Deus por Seu poder – e por Sua vitória nas situações específicas pelas quais nós oramos.

## **Jejuando da maneira de Deus**

O terceiro exemplo de Jesus da espiritualidade do reino é o jejum. Em Mateus 6:16-18, Ele revela a Seus discípulos como eles deviam ser verdadeiros em seu jejum. Seu primeiro exemplo examinou a maneira que fazemos o bem para outras pessoas. E Sua segunda maneira focalizou nossa comunhão com Deus. Esses versículos olham para a maneira que nos disciplinamos a nós mesmos em nossas vidas espirituais. Embora as palavras de Jesus sejam especialmente sobre o jejum – abster-se de alimento para intensificar nossa oração – elas são também relevantes para a maneira mais geral que nos tratamos a nós mesmos.

Debaixo da Lei do Antigo Testamento, havia apenas um jejum compulsório que acontecia todo ano no Dia da Expição. Podemos ler sobre isso em Levítico 16:29-34 e 23:27-32. Zacarias 8.19 revela isto, após os judeus retornarem do exílio, como é observado que se requer também quatro outros jejunos.

Sabemos que Jesus cumpriu ou preencheu todo o Antigo Testamento – tanto a Lei quanto os profetas. Isso significa que não existe agora razão legal alguma para jejuar. Mas isso não significa que não devemos jejuar. Ao contrário, significa que não temos de jejuar ou ser justos como um dever legal. Jesus não condena o jejum nesses versículos, Ele simplesmente condena o jejum por motivos errados.

#### Não jeje para a automortificação

O jejum não tem valor algum como um meio de lidar com a atração do pecado em nossas vidas. Isso não nos torna santos. A carne é tratada só no poder do Espírito enquanto condenamos os atos da carne que estão associados com as antigas maneiras não-cristãs de viver. De fato, esse motivo para o jejum favorece a nós mesmos enquanto se encanta nas formas vistosas e externas da assim chamada espiritualidade que Jesus condena.

#### Não jeje por mérito próprio

É tolice pensar que por jejuar, ou outro ato, nós ganhamos favor de Deus, recebemos Sua graça, ou O forçamos a nos abençoar ou a responder às nossas orações. A graça de Deus é dada livremente. Ele responde às nossas orações somente por intermédio de Jesus Cristo e por causa de Seu trabalho completo na cruz.

#### Não jeje para a autoafirmação

Os fariseus tinham uma abordagem ostentosa para o jejum – o que eles faziam para toda prática espiritual. Eles chamavam a atenção para o seu jejum feito duas vezes na semana de uma maneira bastante intensa. Eles eram exibicionistas espirituais. Jesus condenou essa prática e falou das recompensas de jejuar que viriam somente para aqueles cujos motivos são corretos. Se

chamarmos a atenção para o nosso jejum de alguma maneira, perderemos a nossa recompensa celestial.

Jejum para expressar amargura pelo pecado

2Samuel 1:11,12 revela como o jejum expressa pesar e luto. O jejum pode ser uma reação humana natural, mas ele pode também ir além e se tornar uma forma de ir perante Deus e expressar a nossa preocupação e amargura sobre uma grande quantidade de coisas – como em Neemias 1:4. Jejuar desse modo é legítimo, e por intermédio disso podemos experimentar a bênção relatada em Mateus 5:4.

Podemos reagir da mesma maneira sobre qualquer situação séria – em nossa nação, o estado da Igreja, ou algum assunto pessoal que nos confronta. Na Bíblia, jejum desse tipo está com frequência ligado ao choro pelo pecado e humilhar a si mesmo diante de Deus e Sua misericórdia. Jejum não é ‘fazer penitência’ pelo pecado, mas vem de uma compreensão pessoal da seriedade do pecado.

Jejum para expressar seriedade com Deus

Em toda a Bíblia, o jejum está ligado à oração. Não é suficiente simplesmente jejuar. O propósito integral do jejum é reservar mais tempo para orar e mostrar seriedade de propósito na oração.

Quando jejuamos, dizemos para Deus: ‘Senhor, esta situação, que tem me levado a colocar-me de joelhos perante Ti, é mais preocupante para mim do que as minhas necessidades corporais normais de comida e nutrição’. Jejuar é poderoso porque chegamos perante Deus em um nível mais profundo de seriedade. É essa determinação que Deus honra, e em jejuar isso toma uma nova dimensão. Isaías 58 fala de espiritual, e não somente laços físicos ou sociais sendo quebrados por intermédio do jejum pelo poder do Espírito Santo.

Jejum para a recompensa

Jesus prometeu que o Pai recompensaria a busca sincera devo-

tada a Ele. Mateus 6:18 revela que isso inclui jejuar na maneira de Deus. Há algo poderoso sobre jejuar que, se feito com um coração puro e motivos religiosos, nos leva mais perto de Deus. Tiago 4:10 e Isaías 40:31 ilustram esse princípio.

Se nossa preocupação principal é agradar a Deus e glorificá-Lo, não teremos qualquer dificuldade com a ideia de jejuar. Nós não nos preocuparemos com o que as outras pessoas pensam de nós – assim não sentiremos a necessidade de agir igual aos hipócritas no versículo 16 e vestir ou agir para impressionar outros por nossa espiritualidade.

Quando vivemos debaixo do governo de Deus, não precisamos de regras que nos digam quando jejuar, o que vestir, como orar, e assim por diante. Deus mesmo nos falará diretamente e guiará todo o nosso ser e atuação. Quando nos preocupamos inteiramente com Deus – nos interessamos somente em ser corretos diante Dele e queremos agradá-Lo em tudo – temos certeza que estamos seguros em Suas mãos. E Ele que vê todos os segredos de nossas vidas espirituais nos recompensará abundantemente no grande dia que está chegando.





Parte Sete

# Vida Física no Reino

Em Mateus 5, Jesus esboça o caráter dos verdadeiros discípulos, descreve como eles devem se comportar em sociedade, e estabelece os padrões que Ele espera que eles vivam. Em Mateus 6, Ele oferece um retrato de viver Sua vida do reino no mundo; e observamos que o tema dominante desse capítulo é o nosso relacionamento com o Pai – a maneira que vivemos debaixo do governo de Deus no mundo. Na Parte Seis observamos como Mateus 6:1-18 lida com a dimensão espiritual de nossas vidas. As perguntas básicas que precisamos fazer ou pedir por nós mesmos sobre nossa vida espiritual são: ‘Quem eu estou procurando agradecer ou impressionar?’ e, ‘Qual é o meu motivo?’ O fato é que precisamos sempre lembrar que Deus tudo vê tudo e está nos observando – Ele vê o que nós fazemos e pensamos.

Agora seguimos examinando o que os versículos 19-34 ensinam sobre a parte comum, o “dia-a-dia” a parte física de nossas vidas. Os versículos 19-34 sugerem que as perguntas básicas sobre o que devemos responder sobre nossa vida física são: ‘Quem é o meu mestre?’ e ‘A quem eu estou servindo?’ O fato importante que continuamente precisamos lembrar é que Deus não tolerará nenhum poder rival na vida de Seus seguidores.

Esses versículos revelam que Deus está procurando por lealdade total e confiança absoluta naqueles que estão vivendo em Seu reino. Estas são as questões importantes de senhorio/reinado/governo que são fundamentais ao discipulado. Jesus lida com dois problemas ou tentações.



- Os versículos 19-24 revelam que não devemos *servir* ou amar o mundo.
- Os versículos 25-34 dizem que não devemos nos *preocupar* com o mundo.

É importante observar que Jesus trata os dois aspectos do problema em termos de nosso relacionamento com o Pai.

### **Deus ou mamom?**

Mateus 6:24 afirma que ‘não podeis servir a Deus e às riquezas’. Algumas versões bíblicas usam a palavra aramaica *mammon* para riqueza, e Jesus aqui sugere que a ‘riqueza’ é rival para Deus por causa de nosso apego a ela. Mamom é um poder que tenta nos dominar e escravizar – quando devíamos ser governados somente por Deus.

Isso não significa que as moedas e cédulas são más, é que há forças espirituais por trás da forma material de riqueza. Essas forças nos prometem acesso ao poder, posição, prestígio, privilégio e proteção – por intermédio da riqueza. Essas forças sinistras têm um poder que agarra a maioria das vidas das pessoas, mas não poderiam ter influência sobre os discípulos. De acordo com Jesus, o poder do dinheiro é um falso deus do qual devemos fugir para servir o Deus verdadeiro e vivo. A contínua rejeição de mamom em nossas vidas físicas é um requisito básico do discipulado.

A riqueza pode fazer as pessoas se sentir seguras. Parece oferecer liberdade, poder e satisfação. As pessoas em todos os lugares buscam a riqueza furiosamente. Porém, Deus quer que Seus discípulos encontrem segurança, liberdade, poder e satisfação somente em Cristo – “buscai... o seu reino... e todas estas coisas vos serão acrescentadas”. Nos versículos 19-21, Jesus contrasta o armazenar tesouros na terra e no céu. Ele revela que os tesouros terrestres deterioram e podem ser roubados, enquanto o tesouro celestial é permanente. O grande ensino de Jesus sobre riqueza e dinheiro nos ajuda a perceber que podemos buscar o melhor tesouro e resistir ao poder de mamom.

### As exigências do discipulado

Temos visto que, de tempos em tempos, Jesus pedia às pessoas para deixar tudo e segui-Lo. Abandonar a mamom é parte de desistir de tudo para seguir a Cristo, parte de ser um discípulo de Cristo, e parte de ministrar com Cristo. Por exemplo:

- Levi deixou o mundo de mamom para se tornar um discípulo – Lucas 5:27,28.
- Simão, André, Tiago e João deixaram seus negócios e sua pesca maravilhosa para serem discípulos – Lucas 5:1-11.
- O jovem e rico governante, cumpridor da Lei, sentiu mais a atração de mamom do que a promessa de herança celestial – Lucas 18:18-23.
- As instruções para o ministério dos doze não deixam espaço algum para mamom – Mateus 10:7-10.
- Os 70 receberam ordens semelhantes – Lucas 10:1-12.

### Tesouro celestial e terrestre

Em Mateus 6:19-21, Jesus dá aos discípulos um direito de escolha: tesouro celestial ou terrestre. Em 6:24, Ele explica que 'Ninguém pode servir a dois senhores; porque ou há de aborrecer-se de um e amor ao outro, ou se devotará a um e desprezará ao outro. Não podeis servir a Deus e a mamom'.

É obviamente sensato que os discípulos escolham o tesouro celestial, mas o poder de mamom torna difícil resistirmos à tentação pela avidez de tesouros terrestres. Em Lucas 12:33,34, Jesus explica como guardamos ou ganhamos o tesouro celestial. É claro que as ações generosas que Ele descreve também destroem o poder de mamom em nossas vidas. Lucas 16 é um capítulo importante sobre o dinheiro e a verdadeira riqueza. Em vez de ser escravizado por mamom, somos chamados para usar a riqueza de tal modo que entremos em 'habitações eternas' e 'riqueza verdadeira'. Os discípulos que se submetem ao governo de Deus foram libertados de sua escravidão a mamom. Eles foram chamados para comprovar isso tanto pela mordomia fiel quanto por doar com a generosidade e compaixão de Deus. Jesus nos persuade a doar

de maneira semelhante a Deus em Mateus 5:42 e Lucas 6:30-38. Essas passagens esboçam as ações que Deus recompensa com o tesouro celestial.

Olhos bons e ruins

À primeira vista, os versículos 22 e 23 parecem interromper o ensino de Jesus. Superficialmente, o versículo 24 parece estar no lugar errado; parece que ele deveria ser seguido diretamente dos versículos 19-21. Mas sabemos que não é correto pensar assim. O versículo 24 vem depois dos versículos 22 e 23 – como também depois dos versículos 19-21 – porque a conclusão de Jesus ‘Ninguém pode servir a dois senhores’ tem muito a ver com esses dois versículos tanto quanto com os dois precedentes.

Os versículos 19-21 focalizam em ‘Não acumuleis para outros tesouros sobre a terra, onde a traça e a ferrugem corroem e onde ladrões escavam e roubam; em comportamentos que dizem ‘isto é meu, eu posso fazer com ele o que eu quero’. Os versículos 22 e 23 lidam com ‘ver’ a riqueza, como vendo constantemente coisas que queremos ou pensamos necessitar, com mentes que estão tão cheias de coisas de riqueza que há pouco espaço para as coisas de Deus.

Servimos a mamom não apenas por estar colocando nossa confiança na riqueza e agarrando o que temos, mas também por constantemente pensar a respeito de coisas materiais – vendo-as com nossos ‘olhos mentais’, sonhando acordado como nossa vida melhoraria se apenas tivéssemos isto ou aquilo. Esses versículos são a maneira de Jesus de descrever como olhamos as coisas. De acordo com Ele, há apenas duas maneiras de olhar para tudo no mundo.

- O bom olho – isto é, o olho do discípulo que vê as coisas da maneira de Deus, que vê tudo como verdadeiramente é, sem qualquer ‘visão dupla’.
- O olho ruim – isto é, o olho que vê as coisas turvas e fora de foco, colorido por preconceitos e desejos mundanos.

No versículo 21, Jesus declarou que onde estiver o nosso tesouro, aí estará também o nosso coração. Agora Ele revela

que nossas mentes também são afetadas pelo tesouro oferecido por mamom. Nossas visões e perspectivas éticas são com frequência estragadas por um modo de pensar que coloca um falso valor nas coisas materiais. Esta é uma maneira que se volta para mamom em vez de Deus, por segurança e esperança. O comentário de Paulo sobre um companheiro, em 2Timóteo 4:10, revela como muitas dessas coisas podem afetar o nosso serviço. Tristemente, muitos discípulos não reconhecem isto – seus olhos não são afiados e claros.

Em Lucas 21:34-36, Jesus adverte Seus discípulos que os cuidados comuns do mundo são tão perigosos quanto a embriaguez ao distraí-los de seguir a Ele tão perto quanto deveriam.

Os tesouros terrestres são tão poderosos que envolvem por completo a personalidade humana. O inimigo os usa para tramar em nossos corações, nossas mentes e nossas vontades.

Temos estabelecido que o que fazemos é o resultado do que pensamos – agora podemos perceber que o que pensamos é determinado por nosso tesouro. Em qualquer aspecto da vida que examinemos, os mesmos princípios sempre serão verdadeiros. Nosso tesouro – aquilo que estimamos acima de tudo – determinará a maneira que pensamos e agimos.

Amando e odiando a Deus

Mateus 6:24 é uma das declarações mais sérias de Jesus: 'Ninguém pode servir a dois senhores; porque ou há de aborrecer-se de um e amar ao outro, ou se devotará a um e desprezará ao outro. Não podeis servir a Deus e a mamom'. Tanto Deus quanto a mamom – o amor aos tesouros terrestres – exigem o absoluto de nós. As coisas mundanas, físicas, exigem nossa inteira dedicação. Elas nos fazem desejá-las acima de tudo e vivermos para elas. Assim também faz Deus.

As palavras de Jesus em Lucas 18:22 e Mateus 10:37 ilustram as exigências totais do reino. Somos chamados para ser governados somente por Deus – isso significa que não existe espaço em nossos sentimentos para um rival. É 'um ou o outro'. O com-

promisso é impossível. Muitos discípulos não percebem que todo materialismo é contra Deus. Eles reconhecem que alguns sistemas econômicos que são abertamente contra Deus são incompatíveis com o cristianismo, mas eles não têm alcançado a verdade bíblica de que toda forma de materialismo é essencialmente ateísta.

De acordo com Jesus, se tivermos amor pelas coisas materiais verdadeiramente odiamos Deus. Há muitas, muitas pessoas que pensam que são pessoas cristãs – elas adoram, oram, leem a Bíblia, testemunham, e assim por diante. Mas elas também estão vivendo para os tesouros terrestres. O versículo 23 afirma: ‘Que grandes trevas serão!’

A história, em 2Reis 17:24-41, dos assírios, é um notável paralelo de muitos discípulos modernos. Eles verdadeiramente temeram o Deus verdadeiro – mas continuaram também servindo aos seus deuses: “estas nações temiam o SENHOR e serviam as suas próprias imagens até ao dia de hoje”.

Não deveríamos nos surpreender quando chegamos à conclusão de Jesus para o Sermão do Monte em Mateus 7:21-23.

É a conclusão natural de Suas palavras em 6:24. Ou servimos a Deus ou a mamom. É tudo Deus e não mamom – ou algum mamom e nada de Deus.

Para muitos crentes, a vitalidade de suas vidas espirituais é a medida de sua devoção a Deus. Porém, parece que Jesus está até mais preocupado com a dimensão física de nossas vidas.

Podemos orar, jejuar e ajudar pessoas e ainda sermos fascinados pela riqueza e tesouros terrestres. Mas colocaremos sempre Deus e Seu governo em primeiro plano quando não houver tempo algum para as coisas de mamom.

### **Preocupação ou fé?**

Em Mateus 6:19-24, Jesus destaca o perigo de acumular tesouros na terra, de viver em qualquer nível para as posses materiais. Nos versículos 25-34, Ele continua a enfatizar a inutilidade de se preocupar sobre esses tipos de coisas terrestres.

Alguns discípulos podem não ter muita riqueza ou muitas posses, mas eles podem ainda estar nos laços de mamom porque estão sempre preocupados com os problemas físicos da vida. O inimigo não se importa se acumulamos riqueza ou se nos preocupamos com ela. Tudo que ele está interessado é que nossas mentes estejam na riqueza em lugar de estar em Deus. A única preocupação de Mamom é impedir que os discípulos focalizem em Deus – e ele usará qualquer meio que puder para atingir esse alvo.

Nesses versículos, Jesus argumenta com os Seus discípulos. Ele usa razões, e apresenta cada uma com a mesma frase, ‘Não vos inquieteis’ – versículos 25, 31 e 34.

Não seja desatento

Muitas versões da Bíblia traduzem o verbo grego *merimnao* de maneira ligeiramente diferente. Elas usam expressões iguais a ‘não pense nisto’, ‘não fique ansioso’ e ‘não se preocupe’. Porém, *merimnao* é derivado de *merizo* – que significa ‘dividir alguma coisa com outro’, ou ‘compartilhar com’. *Merimnao* literalmente significa ‘dividir a mente’.

Jesus está dizendo a Seus discípulos que eles não devem ter uma mente dividida em seções, partida entre duas ideias, que pensa uma coisa hoje e outra amanhã, que não está completamente focada em Deus. Ele está nos instando a ‘não sermos desatentos’ de Deus e Seu governo e Seu caráter confiável. Lucas 10:38-42 ilustra esse ponto com o comentário sobre Marta que estava ‘desatenta’. Jesus disse: “Marta! Marta! Andas inquieta e te preocupas com muitas coisas [...] Maria, pois, escolheu a boa parte, e esta não lhe será tirada”. Sua irmã tinha um propósito – ouvir as palavras de Jesus.

Em Mateus 6:25-34, Jesus nos adverte a não nos desviarmos do objetivo principal de um discípulo com preocupações acerca de assuntos físicos comuns da vida. Ele não diz que não devemos pensar a respeito de comida, roupas e saúde; antes, Ele nos orienta a não permitirmos que essas coisas nos afastem de focalizar na Palavra de Deus.

Em seu primeiro ‘Não andeis ansiosos’ – versículos 25-30 – Jesus apresenta quatro razões por que os discípulos não devem ter a mente dividida ou desatenta.

### 1. Há mais para a vida

Primeiramente, ele nos lembra que nossa vida é muito mais importante do que o nosso alimento e as roupas que vestimos. Esses são assuntos periféricos que não deviam nos encher de preocupação e ansiedade. Outras coisas são muito mais importantes.

Temos de lembrar aquilo que Deus proporcionou a nossas vidas. Ele é a principal e única fonte por trás de tudo que temos e somos. Ele é o principal provedor por trás de nossas necessidades diárias de alimento, roupa e saúde. E porque Ele nos criou e nos sustenta, não precisamos nos preocupar que teremos menos que o suficiente.

Como os pássaros, temos de encontrar nosso alimento e construir nossos ninhos. Porém, como aos pássaros, Deus verá que tenhamos o que precisamos. Jesus não explica como Deus provê; Ele simplesmente aponta aquilo que Deus provê.

### 2. Deus é nosso Pai celestial

Jesus assinala, no versículo 26, que Deus provê para toda a Sua criação – e nós somos parte dela. Mas Ele também lembra a Seus discípulos que o Criador também é seu ‘Pai celestial’.

Não precisamos nos preocupar porque Deus provê para todas as Suas criaturas. Porém, os discípulos não são apenas criaturas de Deus, nós estamos também em um relacionamento pessoal com Ele – somos Seus filhos e Ele é nosso Pai. Além do mais, temos até menos justificção para as nossas preocupações, pois se Deus cuida de Seus animais, podemos pensar que Ele esquecerá Seus filhos?

### 3. A preocupação é fútil

No versículo 27, Jesus lembra a Seus discípulos sobre a inutilidade absoluta da preocupação. É desnecessária. A preocupação não pode fazer nada – ela é uma completa perda de tempo.

Ninguém sabe se Jesus quer acrescentar à extensão de nossa vida ou altura ao nosso corpo, mas a preocupação não muda nenhuma dessas coisas. Nossa vida é um presente de Deus. Ele a inicia, Ele a termina, Ele a sustenta – nós estamos completamente em Suas mãos. Nosso Pai está por trás de tudo, então nós não precisamos, e não deveremos, desperdiçar tempo com preocupações fúteis.

#### 4. A preocupação revela a pequena fé

No versículo 30, Jesus afirma que os discípulos que se preocupam com as coisas físicas da vida demonstram que eles têm uma fé pequena. Esse é o problema deles, a causa real de toda preocupação. Jesus não acusa esses discípulos de não ter fé alguma – para eles são Seus discípulos e eles estão atentos às Suas palavras. Eles creem em Jesus de maneira suficiente para segui-Lo, mas eles não creem Nele o suficiente para não se preocupar.

Muitos discípulos estão certos que Deus tem feito tudo para dar-lhes a salvação na vida por vir, mas estão longe da certeza que Deus cuidará deles nesta vida na Terra.

Eles têm fé espiritual, mas não têm fé física, não percebem que Deus está interessado em toda parte de suas vidas. Eles têm dividido suas vidas em seções, e confiam que Deus cuida de sua dimensão espiritual, mas não de suas necessidades físicas. Entretanto, a verdade é que tudo na vida é espiritual se vivido no Espírito – a vida cristã deveria saber que nenhum sagrado/secular divide como Jesus é Senhor sobre toda parte de nossas vidas.

Depois de apresentar essas quatro razões por que os discípulos não deviam se preocupar com as necessidades físicas, Jesus avança – nos versículos 31-34 – para o Seu segundo ‘Não andeis ansiosos’, e oferece três conclusões importantes.

#### 1. Seja diferente dos pagãos

Indo diretamente ao Sermão do Monte, Jesus constantemente enfatizava que o reino é oposto ao mundo e que as atitudes (bem-aventuranças) do reino não são as mesmas do mundo. Ele retor-



na a esse tema no versículo 32 e revela que os discípulos devem buscar coisas bastante diferentes das pessoas ao redor deles.

Nossos amigos e vizinhos se preocupam sobre assuntos físicos como dinheiro, trabalho, habitação, feriados, carros, comida e roupas. Devemos nos distinguir como diferentes – tanto em nosso pensamento quanto em nosso falar. O tema integral do sermão é que viver no reino é totalmente diferente de viver no mundo, e isto é apenas outra ilustração do ponto principal de Jesus.

## 2. Saiba o que Deus sabe

Novamente no sermão, Jesus continua suavemente a lembrar a Seus discípulos que Seu Pai vê e sabe. Ele sabe o que pensamos; Ele vê o que fazemos; Ele está ciente de toda nossa necessidade. Deveria ser um alívio maravilhoso para nós Deus conhecer todas as nossas necessidades mais profundas – que nada está escondido Dele. Os discípulos que realmente entendem essa verdade são aqueles que ficam livres da preocupação e ansiedade.

## 3. Concentre-se no reino

Mateus 6:33 é um dos versículos mais conhecidos da Bíblia: ‘Buscais, pois, em primeiro lugar o seu reino e a sua justiça, e todas essas coisas vos serão acrescentadas’. Em vez de se preocupar com os assuntos físicos de vida, os discípulos deveriam se concentrar no seu relacionamento com Deus – em ser pessoalmente governados e dirigidos por Ele, e em Seu ‘íntegro ser’.

Esse não é um versículo para incrédulos a respeito do fato de se tornar um cristão, é um versículo para discípulos sobre o que é ser um cristão. Devemos colocar o reino em primeiro lugar. Devemos buscar o governo de Deus com toda a fibra de nosso ser. Devemos pensar mais em nosso relacionamento com Deus do que outra coisa.

Vimos nas bem-aventuranças (atitudes) que os discípulos que têm fome e sede de justiça é que serão saciados. É o mesmo princípio aqui. Os discípulos que buscam em primeiro lugar o reino e a justiça de Deus são aqueles que descobrem – quase por acaso – que eles também têm tudo o que mais precisam para a

sua vida terrena. O mundo busca coisas mundanas, e encontra preocupação, ansiedade, medo. Mas os discípulos que buscam Deus encontram paz, certeza, segurança – mais provisão física adequada.

Fé para o futuro

Mateus 6:34 contém o ‘não andeis ansiosos’ (não vos inquieteis) final de Jesus. Aqui Ele apresenta o Seu ensinamento a respeito da preocupação e avança um passo para lidar com a ansiedade sobre o futuro. Se o inimigo não pode nos tentar com a preocupação acerca dos problemas físicos que enfrentamos hoje, ele irá tentar nos subjugar com medo para o futuro.

Muitos discípulos confiam em Deus para o dia de hoje, mas não se convencem que Ele pode ajudá-los no amanhã. Eles enfrentam todos os tipos de possibilidades e situações – e se preocupam com todos eles!

Eles estão sempre perguntando a si mesmos: ‘E se isso acontecer?’, ‘Qual será a possibilidade?’, ‘Como enfrentarei isso?’ Tudo que Jesus disse nessa seção a respeito da preocupação e fé se aplica também ao futuro. A preocupação é fútil. O Pai sabe o que precisaremos. Devemos ter fé; ser diferentes; buscar o reino – e assim por diante.

Quando nos preocupamos sobre o futuro, prejudicamos a nós mesmos para o dia de hoje. Porque vivemos em um mundo decaído, um mundo oposto ao reino, quase todo dia surge algum tipo de sofrimento ou dificuldade. Precisamos continuar a buscar a Deus por Sua direção e força para lidar com tudo que o mundo está lançando sobre nós atualmente. E não devemos ser ansiosos por qualquer coisa no futuro – especialmente preocupar-se sobre coisas que podem não acontecer ou que Deus lidará com elas no tempo certo.

Precisamos resistir e recusar pensamentos que nos invadem para nos preocuparmos sobre o futuro. Ao contrário disso, devemos buscar o Reino de Deus e seu modo correto de ser para hoje – sabendo que o Deus que nós contamos hoje será confiável da mesma maneira amanhã.



# Juízo no Reino

Vimos que o Sermão do Monte começa com a descrição de Jesus do caráter de um discípulo. Mateus 5 continua a esboçar o relacionamento do discípulo com o mundo e a Lei, e no capítulo 6 examina a vida do discípulo no mundo no relacionamento com o Pai. Agora, em Mateus 7:1-6, o sermão se move para a descrição de Jesus do relacionamento de Seus discípulos com outras pessoas.

## **Não julgueis**

O julgamento é o grande tema que corre ao longo de todo o capítulo 7. Jesus começa essa seção com uma declaração clara e simples ‘Não julgueis’, que Ele acompanha com três razões pelas quais os discípulos não deviam julgar os outros.

Esse princípio não significa que os discípulos nunca devem fazer juízo ou expressar alguma opinião, pois o versículo 6 seria impossível de se aplicar se os discípulos jamais pudessem fazer qualquer forma de julgamento – não podemos identificar um ‘cachorro’ ou um ‘porco’ sem exercitar um tipo de juízo. O versículo 15 seria igualmente difícil de entender, pois ali Jesus estabelece os princípios envolvidos em julgar se alguém é um falso profeta ou não.

Jesus não está dizendo para nunca exercermos julgamento, antes, Ele está preocupado com a maneira que criticamos e condenamos os outros. Jesus está proibindo o modo errado de julgar. Ele é contrário a atitude crítica que condena outras pessoas, que se sentem superiores e justas, que consideram os outros com

desprezo. Este é o comportamento que se delicia com a crítica, que aborda tudo esperando encontrar culpa, que parece talvez esperar pelo pior.

Ao longo do sermão, Jesus está sempre mais preocupado com o nosso comportamento do que com nossas ações. É o mesmo aqui: é crucial que os discípulos tenham sentimento cristão quando julgarem outros e derem opiniões. Podemos dizer que julgar é errado quando:

- É feito de modo negativo e crítico – qualquer crítica é pecadora se o motivo for destruir e não construir, embora a crítica possa, em si mesma, ser precisa.
- É feito em espírito de farisaísmo – com frequência as pessoas criticam outras para desviar a atenção de si mesmas, para parecer livres de culpa, ou jogar a culpa sobre outro. Observamos isso em Gênesis 3:12.
- Não é suavizado pela misericórdia – sabemos que os discípulos são chamados a ser misericordiosos, assim o julgamento nunca seria feito de maneira severa ou não perdoadora. Deveríamos sempre ser positivos e generosos no modo que falamos e avaliamos os outros. Vemos isso em Efésios 4:2,32 e Filipenses 4:5.
- É feito de maneira parcial ou preconceituosa – as pessoas são, com frequência, mais generosas na avaliação de si mesmas e das pessoas que elas gostam do que nas que desprezam. O julgamento é errado se vier de um acúmulo de preconceitos contra a pessoa, ou a classe ou grupamento social de onde a pessoa procede – Tiago 2:1-4.
- É apresentado sem todos os fatos – uma apresentação parcial da verdade normalmente traz um retrato completamente falso. O uso seletivo de fatos é tendencioso para conduzir a um julgamento errado – Provérbios 18:17.
- Ocorre por trás da pessoa – isto é mais desprezível do que a fofoca ou a calúnia – Efésios 4:31.

Toda pessoa envolvida deveria estar presente para falar a verdade em amor uma à outra, e ter a oportunidade de explicar e responder pela situação ou comportamento.

- É feito de acordo com os padrões humanos – muito julgamento é feito com base no entendimento humano e padrões mundanos. A Palavra de Deus e as atitudes do reino são os únicos padrões pelos quais nós podemos julgar. João 7:24 relata que não devemos julgar pelas aparências, mas pela justiça de Deus.
- É feito por razões pessoais – somente Deus vê e conhece o ser humano – o coração – das pessoas. Raramente conhecemos nossos próprios motivos, então, somos extremamente diferentes para avaliar corretamente as razões de outros – 1 Samuel 16:7 e 1 Coríntios 4:4.
- É feito com uma finalidade – devemos sempre ser cautelosos em nossos julgamentos. Mateus 13:24-30 revela que o julgamento final é reservado para o Rei.

Podemos estar errados, e devemos ponderar essa possibilidade – como Paulo o faz em 1 Coríntios 13:9. Devemos mostrar que estamos dispostos a mudar a nossa opinião. Nunca podemos condenar outra pessoa estando ‘fora de controle’ ou que faz qualquer pronunciamento final – 1 Coríntios 4:5.

- É feita sem qualquer deferência para com Deus como o Juiz – somos todos chamados para fazer um julgamento em circunstâncias diferentes, mas nunca é nossa função ‘ser Deus’. Somente Ele é o Juiz – Tiago 4:12. Começamos a tentar usurpar o papel exclusivo de Deus sempre que buscamos algum tipo de vingança ou tentamos devolver àqueles que têm errado contra nós – Romanos 12:19 e 1 Coríntios 4:5.

Em Mateus 7:1-6, Jesus apresenta três razões constrangedoras pelas quais os discípulos não deveriam julgar.

### 1. Para que não sejais julgados

Mateus 7:1 afirma: “Não julgueis, para que não sejais julgados”. A razão principal por que não devemos julgar os outros é que não queremos ser julgados pelo Rei. 1 João 2:28 nos encoraja a não sentirmos vergonha quando virmos Deus face a face. Devemos viver cuidadosamente agora se não quisermos ser envergonhados. Se julgarmos os outros agora, seremos julgados também.

O Novo Testamento descreve três julgamentos:

- O final, julgamento básico que determina nossa posição perante Deus e separa crentes e incrédulos, ovelhas de cabras, aqueles que estão indo para o inferno daqueles que estão indo para o céu.
- O julgamento constante, podendo, castigando os crentes é descrito em 1Coríntios 5:1-8 e 11:27-32.
- O julgamento das recompensas para crentes quando Deus distribui a herança e as recompensas que observamos em nosso estudo sobre o Reino. Por exemplo, 1Coríntios 3:8; 2Coríntios 5:9-11; Gálatas 6:5 e 2Timóteo 1:16-18.

Em Mateus 7:1 Jesus está se referindo principalmente ao terceiro tipo de julgamento. Ao julgarmos os outros, comprometemos nosso julgamento no dia em que Deus irá distribuir as recompensas e determinar a herança do Reino. Discípulos que julgam os outros não perderão a salvação, mas certamente perderão alguma coisa.

2. Para que não estabeleçamos o padrão de nosso julgamento, a segunda razão para não julgar é dada por Jesus em Mateus 7:2. Quando os discípulos julgam os outros, eles não apenas produzem um julgamento sobre si mesmo, mas também estabelecem o padrão que Deus usará para julgá-los. Se formos rápidos e afoitos para esquadrihar os outros e condená-los, não poderemos reclamar quando Deus fizer exatamente o mesmo conosco.

3. Porque somos incapazes de julgar

Em Mateus 7:3-5, Jesus usa sarcasmo e ironia para explicar que não devemos julgar os outros porque simplesmente não podemos fazê-lo de modo apropriado. Ele salienta que se nos preocupássemos realmente com a santidade e a verdade, trataríamos primeiramente de nós mesmos – seríamos ainda mais críticos conosco do que somos em relação aos outros. Ele diz que nossa condição nos torna incapaz de ajudar os outros. A trava em nosso olho nos impossibilita de remover o cisco do

olho do outro. Não podemos ajudar os outros a remover um pequeno defeito quando estamos cegos por uma enorme trava.

Ele nos chama de hipócritas. Não estamos preocupados exatamente em ajudar a pessoa, estamos muito mais interessados em condená-la. Fingimos nos afligir por encontrar uma pequena imperfeição, mas no fundo nos alegramos em apontá-la. Segundo Jesus, se quisermos de fato ajudar os outros, lidaremos primeiro com as nossas deficiências.

Quando nos enxergarmos verdadeiramente, jamais julgaremos qualquer pessoa de modo errado. A melhor maneira de garantir que não teremos esse espírito crítico equivocado é não deixar de estar cheio das belas atitudes do Reino – ser verdadeiramente pobre no espírito, lamentar nossa pobreza, ser humilde e assim por diante.

### Distinguir

Em Mateus 7:1-5, Jesus instrui Seus discípulos a não condenar as outras pessoas. Contudo, Ele continua imediatamente a revelar em Mateus 7:6 que os discípulos devem distinguir entre aqueles que são cães e os que não são – e Ele salienta que os discípulos devem tratar os dois grupos de pessoas de modo diferente.

Devemos resistir à tentação de sermos críticos e rápidos em condenar as pessoas. Ainda, devemos também reconhecer as instruções do Novo Testamento de ‘provar todas as coisas’ e ‘provar os espíritos’ – 1 Tessalonicenses 5:21 e 1 João 4:1-3.

As palavras de Jesus são muito fortes: “Não deis aos cães as coisas santas, nem deiteis aos porcos as vossas pérolas, não aconteça que as pisem com os pés e, voltando-se, vos despedacem”. Do mesmo modo que as palavras de Jesus sobre julgamento não significavam literalmente que nunca deveríamos praticar qualquer julgamento, essas palavras também não podem significar que jamais devemos testemunhar a incrédulos – pois Jesus pregou para eles e lhes enviou os discípulos para pregar. Em vez disso, essas palavras enfatizam a importância de distinguir entre pessoas e grupos de pessoas.



Os Evangelhos registram como Jesus tratava diferentemente cada pessoa que encontrava. Ele tinha uma atitude para com os fariseus e outra com as pessoas comuns. Ele falou com Pilatos, mas silenciou diante de Herodes. No início do Evangelho de João, Ele conversou com Natanael, Nicodemos e uma mulher samaritana; a verdade que Ele falava era sempre a mesma, mas tratou com essas três pessoas de maneiras diferentes.

Há cinco princípios que podemos aprender com esse versículo:

1. Precisamos aprender a distinguir as pessoas

Devemos reconhecer a singularidade de cada indivíduo e seu grande valor para Deus. Não devemos agir de forma mecânica em nosso relacionamento com as pessoas. Se estivermos mais preocupados com o que estamos querendo dizer do que com a pessoa que estamos tentando ajudar, não temos uma postura plena igual à de Cristo.

Também precisamos reconhecer que muitas pessoas são, na essência, opostas ao Reino – muito embora não consigam perceber isso – e que devemos nos relacionar com elas do mesmo modo que Cristo se relacionou com os escribas e fariseus. Muitos crentes pensam que somos todos chamados a ser bacana com as pessoas, mas Mateus 23 revela que não é assim.

2. Devemos aprender como tratar cada pessoa

Precisamos aprender qual é a ajuda ou palavra apropriada para cada pessoa em cada situação. Seguindo a progressão de Jesus, podemos observar que assim que removermos a trava de nosso olho, nos tornaremos ansiosos por ajudar a pessoa que estiver com um cisco. Precisaremos aprender qual olho está bom e não precisa de atenção, e qual precisa de ajuda carinhosa. É necessário um cuidado tremendo e sensibilidade para remover um cisco do olho de alguém – precisamos ser delicados com as pessoas, e não ter uma postura desajeitada.

Nos Evangelhos, percebemos como Jesus tratou a cada um

de modo especial – e devemos fazer o mesmo. Isso significa viver debaixo do governo pessoal e direto de Deus. Precisamos ouvir a Sua voz e não contar com a nossa experiência. Devemos seguir as Suas instruções.

3. Precisamos aprender a ser cuidadosos com o modo que tratamos as pessoas

Em todo o Sermão do Monte Jesus se esforça para mostrar a inevitável perseguição que espera todos aqueles que verdadeiramente O seguem. Porém, em Mateus 7:6 Ele revela que alguns discípulos podem ser desnecessariamente despedaçados. Esse versículo mostra que com cuidado e sensibilidade podemos impedir que a Palavra de Deus seja espezinhada e que nós mesmos sejamos dominados e despedaçados.

Às vezes, seremos perseguidos por causa da retidão. Porém, outras vezes seremos despedaçados porque lançamos tolamente nossas pérolas aos porcos. Jesus não diz para ignorarmos os porcos ou os deixarmos morrer de fome. Ele simplesmente salienta a estupidez de lhes dar qualquer coisa além de comida de porco. Se soubermos como uma pessoa é, não haverá virtude em tratá-la de um modo que a enfiará.

4. Precisamos aprender a manusear as ‘pérolas’ apropriadamente

Quando menciona pérolas, Jesus está claramente referindo-se à mensagem do Reino. Em Mateus 13:44-46, Jesus compara o Reino a uma pérola e também a um tesouro escondido. A notícia sobre o governo pessoal de Deus é uma boa notícia, mas não parece boa para algumas pessoas. Para elas é uma notícia inútil, irrelevante e ridícula.

O Sermão do Monte foi a mensagem particular de Jesus para os Seus discípulos – não foi Suas palavras aos escribas e fariseus, ou aos pecadores curiosos. Então precisamos cuidar para não ter a expectativa ou tentar impor os padrões do Reino aos ‘porcos’ e ‘cães’, ou apresentar verdades inapropriadas quando estivermos testemunhando a eles.

5. Devemos aprender a admitir que algumas pessoas são ‘porcos’. Se Jesus não tivesse usado a expressão ‘cães’ e ‘porcos’, nós nos acovardaríamos dessa verdade. Contudo, devemos encarar o fato de que o pecado e a escuridão tornam alguns homens e mulheres profundamente antagonistas à verdade. Originalmente, ‘porcos’ e ‘cães’ se referiam aos ímpios gentios. Atualmente se refere ao mundo incrédulo antagonista ao governo de Deus.

Tito 3:3-7 descreve o efeito do pecado nas pessoas. Ele as torna inimigas de Deus. Algumas pessoas estão tão escravizadas pelo pecado, tão contaminadas e deformadas por seus embustes, que elas de fato são os equivalentes espirituais de porcos e cães. Ao entendermos essa verdade, deveríamos nos encher de compaixão e tristeza. Um porco não consegue evitar agir como um porco. Ele não pode ser reformado ou persuadido a um comportamento santo. Ele precisa ser transformado pelo Espírito Santo de Deus.

### **O dom de discernimento**

Como em toda área de discipulado, precisamos da ajuda do Espírito Santo se quisermos distinguir corretamente entre pessoas diferentes e identificar quem são os ‘porcos’. O dom espiritual de ‘discernimento’ – mencionado em 1Coríntios 12:10 – é dado pelo Espírito, em parte, para nos capacitar a distinguir entre bom e ruim e identificar aqueles que se voltarão contra nós e nos despedaçarão.

A palavra grega para discernimento é *diakrisis* e significa ‘juízo metódico’ ou ‘separação metódica’. É usada em Mateus 16:3; 1Coríntios 6:5; 11:29-31; 12:10 e 14:29. O dom do discernimento é um entendimento espiritual que é dado por Deus e opera da mesma maneira que outros dons espirituais.

Isso revela que precisamos recorrer a Deus se quisermos distinguir corretamente. Não devemos julgar as pessoas baseados em nosso entendimento, experiência e percepção intuitiva; devemos avaliá-las na dependência da percepção intuitiva que nos é dada por Deus por intermédio do Espírito.

## Perdão

Embora Jesus não mencione perdão nesse ponto do Sermão do Monte, é válido observar como deveríamos lidar com a dor que sentimos quando somos ‘despedaçados’ pelas pessoas. Jesus ensina Seus discípulos sobre perdão em Mateus 6:14,15. Ele os exorta a perdoar as pessoas, e declara que o modo que eles perdoarem as pessoas será a maneira que Deus os perdoará.

Como em Mateus 7:2, Jesus está ansioso pelo ‘julgamento das recompensas’. O perdão que Ele menciona não é o perdão fundamental de pecados que determina o destino eterno, mas uma faceta da distribuição de recompensas e heranças aos discípulos da qual Ele fala em todo o sermão. Jesus exortou os discípulos a se distinguirem pelo perdão em Mateus 18:21-35; e lhes mostrou como isso funcionava na prática, perdoadando àqueles que estavam literalmente despedaçando-O – Lucas 23:33,34.

Quando as pessoas nos machucam por suas palavras ou atos, nós devemos perdoá-las. Os cinco princípios do Reino que já observamos também se aplicam aqui.

- *Deus é o juiz* – somente Ele conhece a verdade real do que aconteceu.
- *Nós mesmos fizemos pior* – somente aqueles sem pecado podem arremessar pedras.
- *Eles podem não saber o que estão fazendo* – eles podem ser escravos do pecado.
- *Nós ferimos a nós mesmos* – perdemos nossas recompensas e aumentamos nosso julgamento por não perdoar aos outros.
- *Estamos agradando o inimigo* – ele quer manter as pessoas separadas.

No perdão aos outros o primeiro passo é reconhecer que alguém pecou contra nós e como resultado fomos feridos. Algumas pessoas acham difícil admitir que estejam sofrendo sentimentos de dor, mas não há nada errado em estar ferido. Na realidade, nós somente conseguimos estender o perdão a outras pessoas quando estamos dispostos a aceitar que fomos ofendidos e machucados.

O segundo passo é reagir à dor de um jeito que honre a Deus. Podemos ler a respeito disso em Mateus 5:44-48; Romanos 12:17-21 e 1Pedro 2:21,23. Não somos chamados a retaliar, mas a oferecer o dom do perdão – o que deve ser reforçado e complementado por atos de amor específicos.

O último passo é pedir a Deus para nos consolar, curar nossas feridas, nos livrar de ressentimento e amargura, e abençoar a pessoa que perdoamos. Os versículos de 2Coríntios 1:3-7 relatam como Deus consola Seus discípulos quando estão sofrendo.





Parte Nove

# A Realidade do Reino

Agora chegamos à seção final do Sermão do Monte. Em Mateus 7:7-29, Jesus especifica as realidades do Reino e oferece aos Seus discípulos uma série de princípios conclusivos que deveriam ajudá-los a viver no Reino em todas as épocas.

## **Continue a buscar a Deus**

Os discípulos se assentaram ouvindo Jesus ensinar a respeito do Reino e O ouviram anunciar os padrões pelos quais Ele esperava que vivessem. Eles começaram a perceber simplesmente o quão diferente deveriam ser do mundo. Eles começaram a perceber que deveriam pensar e viver como Ele. Sua santidade, 'ser íntegro', deveria exceder até mesmo os fariseus. Eles deveriam ser perfeitos como Deus era perfeito. Cada área de suas vidas tinha de ser remodelada para a natureza e postura de Deus. Tudo que pensassem, tudo que fizessem, tudo que eram, estava sob o atento olhar examinador do Pai que tudo vê. Como é que tudo isso seria possível?

É fácil imaginá-los sentados ao lado da montanha sorvendo as palavras de Jesus, sendo inspirados pelas imagens maravilhosas que Ele estava apresentando, e de repente percebendo que cada palavra que Ele estava dizendo lhes era pessoalmente direcionada. Esses princípios, esses padrões impossivelmente elevados, eram as palavras de Jesus para a vida de cada discípulo. Ele de fato tinha a expectativa de que os discípulos vivessem assim. Ele acreditava legitimamente que suas vidas, individuais, poderiam ser compatíveis com as Suas palavras.



Mateus 7:7-29 molda a resposta de Jesus para a pergunta ‘Como assim?’ que deve ter ficado estampada na face de cada discípulo que O ouvia. À medida que lemos as palavras de Jesus sobre o Reino, e que permitimos que nossas vidas sejam esquadrihadas por Seu ensinamento, certamente também devemos nos convencer da nossa necessidade de mudança. A maioria de nós, provavelmente, resmungou versículo sim, versículo não: ‘Mas como?’ por todo o sermão.

Mateus 7:7-27 é a resposta de Jesus para os discípulos do primeiro século – e para nós – e começa com: ‘Pedi, e vos será dado; buscai e achareis; batei e abrir-se-vos-á’. Jesus está dizendo a Seus discípulos que não há necessidade para desespero. Tudo que vocês precisam fazer é se lançar sobre o Rei para que Ele os capacite – pedir, buscar e bater para obter Sua provisão transformadora.

Continue pedindo – com persistência

Não devemos pedir uma vez e depois permanecer em silêncio. Algumas pessoas insinuam que esse tipo de atitude significa fé, mas nós sabemos que fé significa realmente depender de Jesus e agir de acordo com as Suas palavras. As palavras gregas usadas em Mateus 7:7 mostram que Jesus não nos diz para pedir uma vez, mas continuar pedindo, continuar buscando. Podemos observar isso ainda mais claramente na parábola que ilustra essas palavras em Lucas 11:5-13.

Nesse caso, fé – depender das palavras de Jesus – significa persistir em pedir, buscar e bater até estarmos vivendo pessoalmente com todas as atitudes e padrões do Reino de Deus. Isso significa que pode haver um descontentamento espiritual dentro de nós. O Novo Testamento sempre nos estimula a ‘estar contentes’ com nossas condições materiais e sociais, mas nos desafia a estar descontentes com nosso progresso espiritual.

Passagens como Colossenses 3:1,2 e Filipenses 3:12-14 nos exortam a ‘ir em frente’, a ‘avançar’, a ter tanta fome de Deus e de

Seu modo de viver que estejamos continuamente buscando a Ele para nos transformar e também para Ele prover a força que precisamos para lidar com nossos hábitos e atitudes pecaminosos.

Algumas vezes desejaremos tanto ser cheios das belas atitudes de Cristo – e viver por Seus padrões – que teremos o tipo de desejo espiritual de buscar o Deus do qual lemos em Salmos 63:1. Porém, às vezes nosso pedir e buscar serão motivados mais pela submissão espiritualmente disciplinada descrita em Oséias 10:12.

Continue pedindo – crendo na promessa

Jesus repete seis vezes em dois versículos – 7 e 8 – Sua promessa de que nosso pedido será bem-sucedido. Devemos nos lembrar que não se trata de promessas gerais sobre oração: em vez disso, essas promessas se relacionam especificamente aos atributos, caráter e padrões do Reino.

- ‘Será dado a você’
- ‘Você encontrará’
- ‘Será aberto a você’
- ‘Todo aquele que pede recebe’
- ‘Aquele que busca encontra’
- ‘Será aberto’

Até esse ponto do sermão Jesus fez *dezessete* promessas de recompensa e *onze* promessas de julgamento. Todo o sermão é um apelo que os crentes sejam sensatos e desviem o olhar do mundo e olhem em direção ao grande dia quando Deus retribuirá aos crentes segundo a medida que eles O agradaram. O crescendo das promessas nos versículos 7 e 8 enfatiza o quanto Deus está ansioso por nos recompensar, o quão entusiasmado Ele está em possibilitar que O agrademos. Contudo, lembre-se que Ele nunca impõe Seu governo sobre ninguém – devemos nos submeter voluntariamente.

Continue pedindo – lembrando-se do Pai

Vimos que Jesus utiliza a ironia para enfatizar diversos pontos no sermão. Ele repete isso nos versículos de 9-11 para lembrar Seus

discípulos que viver no Reino no mundo é essencialmente se relacionar com um Pai celestial bom, generoso e misericordioso.

Entre os capítulos 5:1 e 7:6, Jesus se dirige aos discípulos catorze vezes dizendo 'Teu Pai'. Ele esclarece inexoravelmente a questão que Deus os está observando, está cuidando deles e esperando para recompensá-los. Aqui, no capítulo 7 versículos de 9-11, Jesus declara que o Pai deles é muito melhor que o pai humano e que Ele dará boas dádivas àqueles que Lhe pedem. Em Lucas 11:11-13, observa-se que as boas dádivas são o Espírito Santo.

Devemos lembrar que o Espírito Santo é o Espírito do Reino. Jesus inaugurou a Era do Espírito em Pentecostes. É assim que experimentamos o Reino. Significa viver na presença do Espírito, sujeitando-se à Sua liderança, e obedecendo a seus estímulos. À medida que buscamos Deus, Ele intensifica a obra do Espírito em nossos corações e nos ajuda a ajustar nossos corações ao estilo de vida daqueles que vivem sob Seu governo.

Jesus não está prometendo que Deus responderá a nossas orações por tesouros terrenos e uma vida confortável. Em vez disso, Ele está prometendo que Deus nos dará tudo que precisarmos para viver a vida do Reino no mundo – e Ele nos revela que o Espírito é exatamente quem precisamos. Jesus não ensinou o sermão para comentarmos a respeito Dele, mas para o realizarmos – e é o Espírito quem nos ajuda a fazer isso. Sem Sua ajuda, é impossível para nós agradarmos a Deus e viver sob Seu governo.

O volume *Conhecendo o Espírito* da série *A Espada do Espírito* apresenta uma figura bíblica completa de tudo que Deus quer fazer em nós e por intermédio de nós pelo Seu Espírito Santo, e revela como a nossa parceria com o Espírito funciona na prática.

### **Lembre-se do governo real**

O segundo princípio conclusivo de Jesus aparece em Mateus 7:12 e em Seu resumo de todo o sermão. Aqui Ele resume tudo que ensinou em uma simples frase que revela o que significa na prática viver sob o governo de Deus. 'Portanto, o que quer que

os homens vos façam, fazei a eles também, pois essa é a Lei e os Profetas.’

Embora Jesus não diga isso, Ele está nos levando para trás dos detalhes da Lei para vermos o princípio que há por trás dela. O verdadeiro espírito da Lei é que devemos amar ao nosso próximo como a nós mesmos – esse mandamento aparece primeiro em Levítico 19.18, e retorna mais tarde sete vezes em Mateus 19.19; 22:34-40; Marcos 12:28-34; Lucas 10:25-37; Romanos 13:8-10; Gálatas 5:14 e Tiago 2:8-13.

O princípio por trás da Lei insiste que devemos nos interessar por nosso próximo, que devemos amá-lo e querer ajudá-lo, que devemos estar preocupados com seu bem-estar e felicidade – assim como desejamos nosso bem-estar. Devemos reconhecer que nossos próximos são pessoas exatamente como nós – com sentimentos e deficiências semelhantes – e devemos tratá-los como gostaríamos que eles nos tratassem. Certamente isso é o que achamos difícil. Não fazemos isso e não queremos fazê-lo – porque amamos nosso ‘eu’ e estamos pensando em nosso ‘eu’ e em nossos desejos. Deus sempre desafia isso.

O Reino trata do amor do ‘eu’ pedindo-nos que busquemos a Deus primeiro – que o coloquemos antes do ‘eu’. As exigências de Seu Reino nos humilham e ajudam a focar Nele e perceber nossa pobreza de espírito. As exigências também nos capacitam a ver os outros com mais precisão – não como pessoas de fora que nos ferem, mas como pessoas pecadoras que estão paralisadas pelo pecado e escravizadas por *Mamom*.

Quando continuamos a buscar Deus – e finalmente descobrimos que Ele é um bom Pai que nos trata com misericórdia e graça – somos obrigados a nos motivar a tratar o próximo com misericórdia e graciousidade semelhante. Nós começamos a vê-lo como Deus nos vê, e então começamos a amá-lo como amamos a nós mesmos.

Isso nos leva a uma maior motivação para viver a vida do Reino. Nós não nos ajustamos apenas exteriormente às regras e regulamentos. Independente de quão sinceramente pensemos estar agradando a Deus desse jeito, simplesmente não é o que Ele

requer. Somente a obediência amorosa em resposta à bondade e graça de Deus nos leva ao coração do Pai. Vivemos pela gratidão amorosa de Deus e esta é a base da Regra de Ouro que Jesus expõe aqui. É a 'lei do amor', a 'lei real da liberdade' – um coração moldado e modelado pelo amor de Deus.

### **Entre pela porta estreita**

O terceiro princípio conclusivo de Jesus em Mateus 7:13,14 não é um resumo do que já foi dito. O conteúdo do sermão foi concluído, agora Jesus lembra os discípulos de Sua urgência e os encoraja a aplicá-lo em suas vidas diárias.

Devemos entender que esses versículos não dizem respeito a tornar-se um cristão – são versículos que foram ditos a discípulos que já seguiam Jesus e que ouviram Suas palavras sobre o Reino. Os discípulos estavam sendo exortados a perceber que a vida do Reino não era um tópico para discussão, era algo para ser vivido. As palavras de Jesus requeriam uma resposta urgente e uma ação imediata.

Os discípulos que estavam ouvindo Jesus tinham de decidir se eles deixariam o monte e iriam para casa e começariam a viver a vida do Reino ou continuariam com seus velhos modos de seguir a Jesus. Nesses versículos, Jesus apresenta uma escolha entre a porta estreita, seguida de um caminho difícil, que leva à vida, e a porta larga, seguida de um caminho fácil que leva a uma inevitável destruição.

A catraca de um estádio ou uma pequenina porteira que leva a uma estradinha rural seriam os melhores paralelos modernos da porta estreita de Jesus. À medida que pensamos nessas figuras, podemos perceber que elas têm uma série de implicações. Nenhuma delas é nova – todas elas apareceram no sermão.

- Não podemos levar nada conosco – a porta é estreita demais para qualquer bagagem, temos de deixar tudo para trás: o mundo, a forma do mundo, o 'eu', *Mamom* e daí por diante.
- Devemos atravessar sozinhos – é uma resposta pessoal, individual.
- Devemos estar preparados para dificuldades – perseguição,

isolamento, adversidades e sofrimento são todos garantidos.

- Seremos diferentes – nós nos destacaremos da multidão, estaremos em minoria, seremos incomuns e excepcionais, seremos caçoados por tomar o caminho difícil.
- Devemos olhar para o futuro – estamos nos dirigindo para a vida, esse é o fato que nos mantém avançando; o outro caminho pode ser mais fácil, mas está conduzindo a certa destruição.

Já observamos que o julgamento é o grande tema do capítulo 7. Do versículo 13 até o fim do capítulo Jesus se refere repetidas vezes à questão do julgamento para enfatizar o fato de que as questões do Reino são de vida e morte. Por exemplo, Ele fala em ‘destruição’ – (v. 13), ‘vida’ – (v. 14); ‘o fogo’ – (v. 19); e ‘aquele dia’ – (v. 22).

É eternamente importante nos certificarmos de que estamos em Seu caminho estreito, de que fazemos todas as escolhas difíceis que Ele coloca diante de nós, e que estamos prontos para ‘pagar o preço’ do Reino por causa das glórias que estão diante de nós.

### **Cuidado com os falsos profetas**

O quarto princípio conclusivo de Jesus – nos versículos 15 a 20 – adverte os discípulos que contemplam o caminho estreito a tomarem cuidado com os falsos profetas e lhes mostra que a vida no Reino deve produzir bom fruto.

Sabemos que viver no Reino significa ser governado por Deus. Não dependemos de um código ou sistema, contamos com Deus e Sua Palavra. Ao advertir sobre os falsos profetas nesse ponto do sermão, Jesus deixa claro que haverá aqueles que alegam conhecer e falar as Palavras de Deus que nos tentarão a sair do caminho estreito.

Falsos profetas alegam trazer a Palavra de Deus, mas Deus não os enviou – observamos isso em Jeremias 23:9-40. Jesus não está falando de pessoas que são comumente falsas – de mestres que são claramente heréticos ou vivendo vidas descaradamente pecaminosas. Ele está se referindo àqueles que parecem ovelhas

– que parecem inofensivos – mas na realidade são lobos vorazes.

No Antigo Testamento, Deuteronômio 13:1-5; 18:21,22; Jeremias 23:9-40 e Ezequiel 12:21–14:11 oferecem cinco testes para falsos profetas:

- A falha de suas profecias preditivas (embora o inverso não seja necessariamente verdadeiro, o cumprimento não é uma prova de autenticidade)
- Eles convocam as pessoas a seguir outros deuses
- Seus estilos de vida são imorais
- Eles não verificam a imoralidade nos outros
- Eles exigem paz sem qualquer consideração pelas condições morais e espirituais necessárias à paz.

Jesus revelou que não devemos julgar as pessoas por sua aparência superficial, mas pelo efeito, pelo fruto de seu ministério e vida. Não está claro se a menção de Jesus a ‘fruto’ significa o ensinamento, o estilo de vida pessoal, ou os resultados de um profeta – Ele provavelmente quis dizer todos os três. Os princípios encontrados em Atos 10:43 e Apocalipse 19:10 são cruciais. Todos os profetas verdadeiros apontam para Jesus – para a Sua vida, os Seus padrões e a Sua obra.

Qualquer um que alega conhecer ou falar a Palavra de Deus é falso se atrair os discípulos para longe da dificuldade, do caminho estreito; se não estiver ele próprio vivendo a vida estreita do Reino; e se aqueles que o ouvem não progredirem para a vida ao longo do caminho estreito. Devemos ‘ter cuidado’ porque o inimigo fará qualquer coisa possível para desviar os discípulos de Deus e nos levar para longe da trilha estreita e difícil do Rei, nos levar para a sua autoestrada suave e fácil.

O uso que Jesus fez da figura do fruto nos lembra novamente que o pensamento do Reino deve fazer diferença na forma que vivemos e para as pessoas à nossa volta. Nossa mudança no modo de pensar deveria levar a um comportamento transformado. Nossa maneira de ver e sentir deveria se tornar nossas ações. O sal e luz deveriam fazer todas as coisas que observamos. O versículo 19 deixa claro que se o governo de Deus em nossas vidas não produzir bons frutos, nós passaremos por Seu julgamento.

## **O teste verdadeiro**

O quinto princípio – versículos 21 a 23 – ensina que o teste verdadeiro de se viver no Reino não é aquilo que dizemos, nem os dons que exercemos, mas fazer a vontade do Pai. Repito, é fundamental que jamais esqueçamos que Jesus está falando a discípulos em todo o sermão – esses versículos não falam em se tornar um cristão, falam em viver a vida cristã. Devemos continuar nos lembrando de que o julgamento ao qual Jesus se refere em todo o sermão não é o julgamento básico que divide crentes de incrédulos e envia pessoas para o céu ou inferno; é o julgamento das recompensas que apenas os crentes enfrentarão.

Jesus não está dizendo que as pessoas que são discípulos – que conhecem Jesus como Senhor, compartilham Sua autoridade e falam a outros de Sua palavra – serão banidos para o inferno. Em vez disso, Ele está dizendo que haverá muitas surpresas naquele ‘dia’ quando recompensas e heranças forem distribuídas. Haverá discípulos que aparentemente realizaram grandes feitos para o Reino e que serão enviados para longe do Rei, sem recompensa. Este é um tema constante de Jesus em todos os Seus ensinamentos sobre o Reino.

No final das contas, agradar a Deus vem depois de fazer a vontade do Pai. O governo de Deus significa submeter-se ao Rei em todas as áreas e detalhes da vida. Recompensas celestiais são recebidas pela obediência às palavras de Jesus. O julgamento vem do ousar fazer nossa vontade ou se recusar a fazer a vontade de Deus. Não há outro teste de fé.

## **Colocando tudo em prática**

O sermão termina com uma história. Jesus concluiu Sua instrução detalhada e formulou Seus excelentes princípios: agora Ele está aplicando Sua verdade. Ele confrontara Seus discípulos com duas possibilidades – o caminho estreito ou o largo – e lhes mostrara como evitar os perigos que os afrontarão. Aqui, nos versículos 24 a 27, Ele lhes conta uma história para ilustrar tudo que dissera.

Havia dois homens e duas casas. Os dois queriam exatamente a mesma coisa – uma casa onde pudessem viver com suas



famílias. Eles construíram casas perto uma da outra e muito parecidas. De fato, superficialmente, as duas casas pareciam exatamente iguais. Jesus parece insinuar que os homens deveriam ter muito em comum.

Contudo, em Lucas 6:46-51 podemos perceber que há diferenças reais entre eles. O homem tolo é impaciente, ele quer sua casa agora – não há tempo para fundamentos. Ele não olha adiante para enxergar as possíveis conseqüências ou se incomoda em aprender com terceiros. O homem sábio, entretanto, quer construir bem e construir uma casa durável. Ele não pega atalho algum. Está pronto para aprender. Ele pensa antes de agir.

O propósito dessa parábola é mostrar que as palavras de Jesus são verdadeiramente poderosas somente quando obedecidas. O construtor tolo é tolo por uma única razão – ele ouve as palavras de Jesus, mas não age de acordo com elas, e por isso não tem edificação. Lembre-se, Jesus acabara de formular a estrutura básica do que deveria ser um discípulo cristão – isto é, como um cristão deveria viver sob o governo de Deus. Porém, Jesus sabia muito bem que muitos se satisfariam em simplesmente ouvir a palavra sem fazer o que Ele acabara de ensiná-los, então Ele conclui propositalmente o sermão com a ilustração dos dois construtores. Ao fazê-lo, Jesus está enfatizando que Suas palavras não são acréscimos acidentais à nossa vida – elas são palavras fundamentais, palavras sobre as quais se constrói uma vida.

As casas podem parecer iguais, mas os fundamentos invisíveis eram diferentes. Dois profetas podem parecer inofensivos, mas por dentro eles são diferentes. Dois discípulos que profetizam e expulsam demônios podem parecer iguais, mas possuem fundamentos muito diferentes. Em todas essas ilustrações, Jesus está nos pedindo que façamos distinção, que olhemos além das aparências, que vejamos que a única coisa que importa é fazer a vontade de Deus. Quando surgiu o problema na história, a casa do homem tolo desmoronou e a do homem sábio conservou-se. Viver no Reino não nos dá imunidade contra problemas – sabemos que a verdade é exatamente o oposto. Porém, viver sob o

governo de Deus nos dá de fato a força para aguentar as adversidades em direção às recompensas – se tivermos os fundamentos corretos.

Jesus usa a história para resumir tudo que Ele tinha ensinado sobre o Reino. Bem no final do sermão, Ele nos lembra que Seu Reino é supremamente prático – é construir vidas que durem e perdurem – e que o governo de Deus nos promete paz de espírito no presente, força no grande julgamento e maravilhosa segurança para o futuro.

Reconhecendo a autoridade de Jesus

O sermão termina, mas Mateus 7 continua por mais dois versículos a registrar a reação dos discípulos. Os versículos 28 e 29 dizem: “Ao concluir Jesus este discurso, as multidões se maravilhavam da sua doutrina; porque as ensinava como tendo autoridade, e não como os escribas”.

É fácil para nós nos preocuparmos tanto com o conteúdo do ensinamento de Jesus que ignoramos o Mestre. No final do sermão, esses versículos dirigem novamente a nossa atenção para Ele e Sua autoridade pessoal exclusiva. Se ficarmos atentos, perceberemos que Jesus chama continuamente a nossa atenção para Ele em todo o sermão. Ele fala de Si mesmo e de Suas palavras mais de vinte vezes durante o sermão e delinea claramente que Ele próprio é a única base para o que está dizendo. Podemos observar isso nos textos 5:11,17,18,20,22,26,28,32,34,39,44; 6:2,5,16,25,29; 7:21,22,23,24 e 26.

Em palavras simples, nosso reconhecimento pessoal da autoridade de Jesus é medido pelo grau em que começamos a buscar a Deus e a depender inteiramente de Seu governo. Se verdadeiramente O buscarmos e buscarmos Seu jeito correto de ser em primeiro lugar – antes de tudo o mais em nossas vidas – estaremos edificando sobre o melhor fundamento para a vida e estaremos indo em direção a recompensas celestiais maravilhosas.

Como Jesus deixou tão claro, nada mais faz sentido aos discípulos. O caminho de Deus pode ser difícil, mas leva de fato à vida pela qual ansiamos. Somente os discípulos tolos não viajam pelo caminho estreito do Reino. Discípulos sábios certificam-se de que são governados por Deus e que dependem inteiramente de Sua Palavra e de Seu Espírito.



